



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

EDUARDO DIAS RIOS

A SUBSISTÊNCIA PELA FÉ: a interferência presbiteriana na formação política,
econômica e social da cidade de Várzea Nova – BA.

RECIFE/2015

EDUARDO DIAS RIOS

A SUBSISTÊNCIA PELA FÉ: a interferência presbiteriana na formação política,
econômica e social da cidade de Várzea Nova – BA.

Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, no
Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião,
pela Universidade Católica de Pernambuco.

Área do conhecimento: Ciências Humanas

Filosofia: Ciências da Religião

Orientador: Prof. Newton Darwin de Andrade Cabral

RECIFE/2015

EDUARDO DIAS RIOS

A SUBSISTÊNCIA PELA FÉ:

a interferência presbiteriana na formação política, econômica e social da cidade
de Várzea Nova – BA.

Dissertação **aprovada** como exigência parcial à obtenção do título de Mestre
em Ciências da Religião, na Universidade Católica de Pernambuco, pela
seguinte Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Emanuela Sousa Ribeiro – UFPE
Avaliador Externo

Prof. Dr. Gilbráz de Souza Aragão
Avaliador Interno

Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral
Orientador

RECIFE/2015

À memória de meus avós paternos Joaquim Miranda Rios e Isabel Fraga Rios. À cidade de Várzea Nova – BA e à Igreja Presbiteriana de Várzea Nova – BA.

AGRADECIMENTOS

A enumeração das pessoas importantes que segue nessas linhas decorre do fato de que sem elas esse trabalho não teria sido efetivado e sua realização não teria ocorrido, em hipótese alguma, a contento.

Primeiramente, e excepcionalmente, ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, da Universidade Católica de Pernambuco, em especial, ao professor Newton Darwin de Andrade Cabral pela orientação, dedicação e inestimável confiança disponibilizada desde o início do processo de estudos à elaboração desse trabalho, seja como professor, orientador e/ou como coordenador do curso, além do compreensivo amigo que passou a ser. Estendo esse agradecimento para todos os docentes e equipe administrativa desse programa, o zelo e afabilidade no trato aos pesquisadores ligados a essa universidade foi fundamental ao gerenciamento, tanto do tempo, quanto das emoções, para a conclusão dessa significativa etapa acadêmica.

A CAPES pela bolsa concedida, por um ano, viabilizando a construção dessa análise científica, muito importante à realidade do município de Várzea Nova – BA.

Com grande apreço e carinho, agradeço imensamente à amiga “anjo” que surgiu em minha vida e foi fortemente importante nos dois anos e meio que transcorreram o processo dessa dissertação de mestrado, desde anteriormente à seleção, até sua conclusão. Você, Rosangela David meu muito obrigado pela atenção, dedicação e abrigo (em todos os sentidos da palavra, desde o abrigo fraterno, até o abrigo literal, quando de sua disponibilidade de abrir as portas do seu lar para uma longa temporada de estudos na cidade do Recife). Qualquer tentativa de externalizar minha gratidão não seriam suficientes para expressar, de fato, sua significância nesse período e por toda minha vida que seguirá.

A minha mãe Ivaneide Dias Rios pela mãe que é. Impossível adjectiva-la, sendo que não se qualifica o inqualificável. É minha mãe, meu maior tesouro, meu maior amor.

Meus irmãos queridos e sempre presentes, Sirley Dias Rios, Norival Fraga Rios pela presença (na ausência), por serem esses afetuosos e singulares irmãos e, especialmente, Renato Dias Rios, zeloso companheiro de nossa mãe, peça fundamental na aquisição de algumas informações necessárias à conclusão desse trabalho, sua dedicação em coletar esse material foi de um carinho e atenção comovente, sua contribuição foi demasiadamente necessária à apresentação desse resultado.

A Edson Rios D'Angelo e Lucas Rios D'Angelo, meus sobrinhos amados, filhos de minha irmã/mãe Sirlene Dias Rios D'Angelo e Edson José de Almeida D'Angelo, cunhado/pai, que sempre acreditaram em meu potencial e fizeram-me desprender das amarras varzeanovenses, aventurando-me na capital pernambucana onde ele (meu Edinho) já estava presente e preparou o terreno necessário ao meu estabelecimento e ingresso na UNICAP.

Seria impossível continuar essa listagem sem agradecer imensamente a atenção de Ianê D'Angelo e Arlúcia Saraiva pela paciência de ter me acolhido como a um filho. Além do acolhimento, o incentivo e as narrativas experienciadas por Ianê em seu decurso acadêmico; isso muito me auxiliou e fez-me acreditar que a realização desse projeto seria possível.

Meu grande amigo Givanaldo Pereira pelo encorajamento e auxílio nos momentos mais difíceis de minha trajetória como mestrando (você sabe de sua importância nesse período). Muito obrigado amigo.

Aos irmãos/amigos Zaqueu Junior e Genildo Medeiros que nas noites do "sítio de aço" (sic) sempre estiveram comigo em proveitosas discursões e risadas e, nesse espaço, me auxiliaram na definição da temática que segue; inclusive na elaboração do pré-projeto dessa dissertação. Meus irmãos que a vida colocou em meu caminho e seguirão para sempre ocupando o relevante espaço que merecem em meu coração.

Meus amigos baianos que grandemente contribuíram para esse sonho: Elisane de Sena, Clériston Andrade, Virna Leal, Tárcoy Miranda, José Anderson Ramos e José Dória. Obrigado pela amizade e apoio. Todo esse tempo longe, fisicamente, vocês sempre estiveram presentes em minhas memórias. Sempre estaremos unidos e fortalecidos pelos vínculos fraternos que nos une.

Aos amigos pernambucanos que conheci por aqui, mas sempre estarão comigo por toda minha existência. A Pedro Renato, colega mestrando, pelos puxões de orelha e destemido empenho em me ajudar e apoiar minha formação. A Décio Overarth pelo amigo que se tornou, colega de mestrado e grande parceiro recifense.

A Pedro Florentino de Moura Junior, meu irmão pernambucano, o fato de ter conhecido uma criatura tão nobre já foi suficientemente importante meus anos no Recife. A você, obrigado por ter surgido em minha vida e feito desses anos uma experiência prazerosa e feliz.

Minha gratidão se estende aos jovens do InForme Várzea Nova – Edson D'Angelo, Erickson Batista, Marcelo Carneiro e Jaílton Junior – pelas preciosas informações sobre a história e geografia de nossa cidade natal. Seu contributo foi fundamental, além de um valioso legado para nossa terra.

Aos membros da Igreja Presbiteriana de Várzea Nova; minha família que ali congrega, em especial, Tia Marileide Dias Rios, suas filhas, minhas primas, Damares Dias Rios, Jeany Dias Rios e, de modo especial, Miriam Dias Rios que dedicou parte de seu tempo em repassar material e informações importantes sobre a história dessa Igreja.

Aos alagoanos, que tive a honra de dividir discussões acadêmicas, dentro e fora dos muros da Universidade. Flávio Veiga meu sincero agradecimento e respeito pelo pesquisador/cientista que você é. Hugo Brandão, que juntamente comigo passou um mês de rico aprendizado na cidade de São Leopoldo – RS; o mestrado sanduíche não teria sido tão produtivo sem sua parceria lógica e racional. Sou muito grato por tudo que aprendi com você.

Meus sinceros agradecimentos sintam-se realizadores desse trabalho também, sem vocês essa investigação não seria, hoje, uma feliz realidade.

Muito obrigado!

RESUMO

Este trabalho investigou a incursão da Igreja Presbiteriana no Brasil, sua ética calvinista e decurso até estabelecimento na cidade de Várzea Nova- BA. A pesquisa procurou, dentro de uma perspectiva teórica, escrutinar os rumos do presbiterianismo no Brasil e, sobretudo, de como esta foi fundamental ao estabelecimento e consolidação da cidade de Várzea Nova – BA. Foi a partir dessa perspectiva religiosa que a cidade de Várzea Nova consegue uma alternativa de subsistência, a saber, a agave sisalana (o sisal) que será cultura essencial, e base econômica, para seu desenvolvimento e fator de subsistência para a população local. Associada à fé católica, já presente no cenário regional, o presbiterianismo, através do Rev. Otacílio Alcântara, inicia seu percurso e, pautados numa ética puritana de vocação, cria os mecanismos necessários à formação da comunidade, subsidiando na formação econômica da gênese local. Toda a análise tem como base teórica a sociologia weberiana, além das narrativas de longa duração que construíram a memória do povo varzeanovense e formaram a estrutura necessária à construção desse trabalho.

Palavras-chave: Calvinismo, Igreja Presbiteriana, Várzea Nova, fé.

ABSTRACT

This study investigated the incursion of the Presbyterian Church in Brazil, the Calvinist ethics course and to establishment in the city of Várzea Nova-BA. The research sought within a theoretical perspective, scrutinize the direction of Presbyterianism in Brazil and, above all, as this was fundamental to the establishment and consolidation of the city of Várzea Nova - BA. It was from this religious perspective that the city of Várzea Nova can an alternative livelihood, namely the sisalana agave (sisal) that will be essential culture, and economic base for its development and subsistence factor for the local population. Associated with the Catholic faith, already present in the regional scenario, Presbyterianism, by Rev. Otacílio Alcantara, begins his journey, and based in a Puritan ethic of vocation, creates the mechanisms for formation of the community, supporting the economic formation of the local genesis. The whole analysis is theoretical basis Weberian sociology, in addition to long-term narratives that built the memory of varzeanovense people and formed the structure needed for the construction of this work.

Key words: Calvinism, Presbyterian Church, Várzea Nova, faith.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Robert Reid Kalley	31
Figura 2 - Ashbel Green Simonton	36
Figura 3 - Rev. Otacílio Alcântara em momento de culto na Igreja Presbiteriana de Várzea Nova.....	78
Figura 4 - O sisal: plantação, planta pós-transformação e resideiros em trabalho no campo.....	80
Figura 5 - Padre Alfredo Haasler.....	87
Figura 6 - Presbíteros no dia da inauguração do templo da Igreja Presbiteriana de Várzea Nova.....	91
Figura 7 - Atual estrutura do Templo da Igreja Presbiteriana de Várzea Nova	92

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A DINÂMICA CALVINISTA NO CONTEXTO EUROPEU DE TRANSIÇÃO ECONÔMICA, E O EXPANSIONISMO PURITANO ATÉ SEU ESTABELECIMENTO EM SOLO AMERICANO, EM ESPECIAL NAS TERRAS TROPICAIS DO SUL.....	17
O germe do protestantismo em território nacional	28
Estabelecimento do protestantismo no Brasil.....	34
O presbiterianismo na Bahia	39
2. A INFLUÊNCIA RELIGIOSA, POLÍTICA E SOCIAL DA IGREJA REFORMADA NO IMAGINÁRIO COLETIVO DA COMUNIDADE DE VÁRZEA NOVA – BA.	45
O Ehtos protestante	49
Compreensão interpretativa.....	53
Ação social referente a valores e ação social referente a fins	55
Breve contribuição de Habermas e sua Teoria do agir comunicativo.....	58
Tensões religiosas e culturais	62
3. Compreender a relação entre religião e desenvolvimento político e econômico, destacando a importância da doutrina presbiteriana na construção da cidade de Várzea Nova – BA.	68
3.1 Os dados da geografia física	71
3.2 Os dados do direito	74
3.3 Os dados da tecnologia	76
3.4 Os dados da demografia	81
3.5 Os dados da sociologia.....	84
Considerações finais	98
REFERÊNCIAS	101

INTRODUÇÃO

A tensão entre religião e o conhecimento intelectual destaca-se com clareza sempre que o conhecimento racional, empírico, funcionou coerentemente através do desencantamento do mundo e sua transformação num mecanismo causal. A ciência encontra, então, as pretensões do postulado ético de que o mundo é um cosmo ordenado por Deus e, portanto, significativo e eticamente orientado. Em princípio, a visão do mundo, tanto empírica quanto matematicamente orientada, apresenta refutações a qualquer abordagem intelectual que, de alguma forma, exija um “significado” para as ocorrências do mundo interior. Todo aumento do racionalismo na ciência empírica leva a religião, cada vez mais, do reino racional para o irracional; mas somente hoje a religião se torna o poder supra-humano irracional ou anti-racional (WEBER, 2002b, p. 244).

O objeto analisado nesse presente trabalho remete ao fenômeno religioso manifestado na presença ética do calvinismo nos moldes da Igreja Presbiteriana do Brasil, herdeira da ação missionária americana, fortemente influenciada pelo puritanismo inglês, na cidade de Várzea Nova, no estado da Bahia, durante segunda metade do século XX e seus resultados advindos dessa contextura, inicialmente, religiosa.

Compreendemos que a história dos movimentos religiosos auxilia na interpretação das sociedades humanas e seu devir cotidiano. Sua interpretação pode constituir ferramenta para uma leitura cognoscível do passado, por meio da qual este se pode apresentar, uma vez que, as fronteiras do saber científico estão mais próximos do ordinário, da arte e da fé, fortemente influenciado tanto pela história, quanto pela sociologia e a antropologia social.

As motivações que justificam a escolha dessa temática residem nas ligações pessoais com a cidade em questão, da qual nascemos e passamos a maior parte da vida e como professor local de história, por dezesseis anos, acompanhando narrativas e depoimentos que traduzem a singularidade dessa história que, originalmente, teve em seu escopo um direcionamento religioso reformado, apesar da presença apostólica romana fortemente enraizada naquele contexto regional. Assim, cresceu, como pesquisador, uma inquietação quando da percepção que a sociologia weberiana enquadrava-se no modelo

em questão como ferramenta teórica que atendesse às finalidades desse trabalho.

O propósito aqui é caracterizar a identidade cultural dos presbiterianos do contexto analisado por meio das ações locais e pontuais que caracterizaram a missão reformada, sua inclusão no território varzeanovense e a maneira como se desenvolveu essa práxis por meio das marcas sociais de um movimento religioso coletivo, cujas características diferem dos demais regionais e se encaminham para a produção de sentidos particulares, que incluem um conjunto de meios, ou recursos, estratégicos de se fazer existir e desenvolver.

Faz-se necessário uma observação a respeito do caráter dessa análise. A proposta aqui discutida parte de pressupostos que têm por objetivo enquadrar a realidade de Várzea Nova numa perspectiva acadêmica, no sentido de investigar sua trajetória política e econômica sob um viés teórico e esclarecedor à cerca da presença presbiteriana em sua construção. Não se pretende aqui, esse não é o objetivo do estudo, uma contribuição historiográfica, no sentido de descrição de acontecimentos, positivista, sob perspectivas deterministas de uma história absoluta.

As narrativas de longa duração são as principais, não únicas, fontes de informações que fizeram esse trabalho possível. Baseando-se em relatos da memória local, construída em sua trajetória emancipatória, construiu-se uma rede de dados que favoreceram sua conjectura identitária, possibilitando uma análise teórica a partir desse paradigma.

Nesse cenário, visualizamos o imaginário coletivo aqui concretizado como um aspecto que nas Ciências da Religião, poderia ser inteligível, uma vez que, numa perspectiva transdisciplinar, compreenderemos a dimensão religiosa na percepção científica de outras leituras, especialmente a histórica, na tentativa de entender a ação social daqueles sujeitos que, de uma perspectiva valorativa de fé, igreja e povo, construíram uma identidade local e consubstanciaram sua autonomia política e econômica.

Nesse sentido, para compreender a essência presbiteriana da ação, compôs-se, inicialmente, uma definição do calvinismo, sua trajetória como organismo cristão, protestante, reformado e suas bases teóricas de crença e agir sobre o mundo. As *Institutas* de João Calvino, e seus derivativos

interpretativos, são as base de análise introdutória do primeiro capítulo, bem como, a sociologia de Max Weber em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* que vê, nesse modelo de fé, as bases de uma sistemática política e econômica que favoreceram o nascente capitalismo moderno.

Ainda no capítulo primeiro, observamos esse ethos, e sua concepção de vocação (porém com maior ênfase no capítulo seguinte), e sua importância no desenvolvimento de outras realidades, em especial no Norte da América e a maneira como esse princípio norteou o agir social de uma parcela da população americana possibilitando sua expansão para outros locais que fossem atingidos pelos mecanismos desse fenômeno religioso.

A partir dessa análise expansionista do modelo puritano de fé, e prática, passamos a perceber como esta conjectura se instala em terras brasileiras. Antes, porém, fez-se um breve exposição de tentativas frustradas de implementação do calvinismo no Brasil, inicialmente no século XVI com a França Antártica e da experiência, mais bem sucedida, não menos frustrada, dos holandeses no Nordeste brasileiro no século seguinte (XVII). Passamos a escrutinar as missões religiosas protestantes, desde o protestantismo de imigração (em menor escala, pois menos nos interessa) e o protestantismo de missões que, em especial a Mission Board de Nova York, através do jovem missionário Asbel Green Simonton, estabeleceram definitivamente o presbiterianismo em solo nacional, bem como, suas possibilidades de alargamento, desde o Rio de Janeiro (então capital) até São Paulo e, finalmente, o estado da Bahia e seu interior sertanejo.

O foco central da análise, posteriormente (no segundo capítulo) se coaduna à sociologia weberiana por meio de um aprofundamento do conceito de ethos e da compreensão interpretativa da ação social por meios de mecanismos de ação referente a valores à ação referente a fins e sua rotinização como abstração da ação à sua racionalização no agir coletivo da comunidade de Várzea Nova, especialmente em sua gênese até esse processo natural de alheamento, ou automação, em relação aos valores que tornaram possível sua eficácia na realidade daquela comunidade. Nesse decurso interpretativo, passamos brevemente pela teoria do agir comunicativo de Habermas e de como este contribui para uma harmonia possível com as ideias de Weber, através de inferências na sociologia weberiana e contributo à

pesquisa científica que se pretende a partir do primeiro sociólogo alemão considerado.

O segundo capítulo é finalizado a partir das observações weberianas das tensões entre os aspectos religiosos e culturais e de como essa relação produz um desencantamento de princípios norteadores da ação, desde a esfera doméstica, passando pela econômica até a política (outras esferas são abordadas por Weber, mas, nos interessava apenas as três mencionadas nesse trabalho) e da impossibilidade de convivência de uma ética fraterna com aspectos tão impessoais de relacionamento como a economia e a política; cultura capitalista que torna os legados valorativos incompatíveis à irmandade do contexto religioso de fé comunitária.

O terceiro e último capítulo faz uma abordagem mais local incorporando o espaço de Várzea Nova numa perspectiva mais pontual no que se refere às estruturas de seus dados da geografia, de direito, da tecnologia, da demografia e da sociologia. Apresentamos nesse capítulo a constituição física da cidade de Várzea Nova, costurando com seus aspectos religiosos, abordando a contribuição, além da presbiteriana em seu escopo econômico, o catolicismo e sua importante ação na estruturação social e política da comunidade. Completamos esse terceiro capítulo com uma construção do presbiterianismo varzeanovense no momento de sua estruturação concreta, na edificação de seu espaço de culto (templo), e das características que fizeram desse projeto uma realidade a partir da participação coletiva dos membros locais e das igrejas do entorno regional que, juntos, tornaram física a presença já inconsciente da Igreja Presbiteriana no cenário de Várzea Nova – BA.

Desse modo, construímos essa análise e percebemos, no decorrer desse estudo, que as manifestações do sagrado, em especial e primeiramente institucionalizado pela Igreja Presbiteriana e pela Igreja Católica posteriormente, não se afastou das atividades seculares ou extra mundanas; a ação religiosa no fazer cultural da cidade de Várzea Nova foi determinante para a consolidação de uma representatividade, de modo a corresponder sua ação fora dos espaços litúrgicos, mas, na consolidação de um espaço urbano, politicamente possível e economicamente sustentável.

Reforçamos aqui a necessidade de que todos os interessados nesse trabalho devem estar cientes da análise proposta nas páginas que seguirão.

Não se pretende nesse estudo uma história local ou da igreja Presbiteriana sob os moldes da tradicional historiografia positivista, mas, uma abordagem teórica baseada em narrativas de longa duração a partir de uma perspectiva weberiana de estudo social e transdisciplinar no panorama possibilitado pelas Ciências da Religião quando do exame do fenômeno religioso na consolidação de uma realidade cultural, histórica.

1 A DINÂMICA CALVINISTA NO CONTEXTO EUROPEU DE TRANSIÇÃO ECONÔMICA, E O EXPANSIONISMO PURITANO ATÉ SEU ESTABELECIMENTO EM SOLO AMERICANO, EM ESPECIAL NAS TERRAS TROPICAIS DO SUL.

A partir da incursão do Velho Mundo em terras tropicais se pode verificar a ação puritana na formação de um ideário protestante, que foi logo dizimada por forças católicas portuguesas. Somente a partir de meados do século XIX, quando já apresentava traços mais tolerantes com as questões religiosas, o Brasil se tornou um terreno propício e fecundo para a difusão dessas ideias, o que favoreceu o despertar de uma corrente religiosa que também se voltava para as questões seculares.

Partindo dessa premissa, notam-se rumos significativos dos calvinistas e de sua “ética protestante” em território nacional, em especial, no interior nordestino, notadamente em meados do século passado, período tantas vezes marcado pela presença do messianismo católico. Afinal, “o estudo da inserção do presbiterianismo no Brasil mostra que essa tradição protestante foi a que melhor soube aproveitar as condições de ordem política, social e religiosa para ocupar espaços na sociedade brasileira” (MENDONÇA, 2001, p. 48).

A incursão doutrinária da fé reformada pelo interior do país caminhou para sua consolidação como alternativa de um cristianismo que une interesses religiosos com questões temporais, sintetizando um novo modelo dialético do fazer religioso. Esse modus operandi remete à obra “As formas elementares da vida religiosa”, de Émile Durkheim, quando o autor afirma que “o homem não se reconhece, sente-se como que transformado e, por conseguinte, transforma o meio que o cerca” (DURKHEIM, 2000, p. 499). Ora, se esse evento ocorre no contexto de expansão marítima e disputas territoriais (século XVI), de forma marcante e efervescente no Velho Continente, as “terras de além-mar”, recém-conhecidas, terão suas vidas alteradas pelo pensamento religioso, o que, ainda segundo Durkheim, “determina um estado de efervescência que muda as condições da atividade psíquica” (idem), especialmente daqueles que estão por receber aquela nova diretriz do sagrado, segundo os moldes do cristianismo.

Para Peter Berger o mundo humano é, em sua essência, o mundo sagrado. Segundo esse autor, parece improvável a ausência do sagrado em

uma concepção cósmica de significados para esse mundo incompreensível humanamente. Assim, a cosmificação seria o motor de uma estrutura significativa de ser humano. Fato é que, no decorrer da história, esse processo dialético de exteriorização, objetivação e interiorização, implica essa cosmificação que, em seu cerne, é sagrado. Nessa perspectiva, Berger afirma:

Pode-se dizer, portanto, que a religião desempenhou uma parte estratégica no empreendimento humano da construção do mundo. A Religião representa o ponto máximo da auto-exteriorização do homem pela infusão, dos seus próprios sentidos sobre a realidade. A religião supõe que a ordem humana é projetada na totalidade do ser. Ou por outra, a religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo (1985, p. 41).

A ideia de vontade cósmica e/ou divina, e sua legitimação através dos “aptos” à transmissão de suas verdades, têm contribuído com a condução, há séculos, do destino dos indivíduos ao longo de sua historicidade. Isso se aplica, além da Igreja Católica, aos reformados e/ou reformadores religiosos do século XVI.

Jacques Le Goff, em “A bolsa e a vida” (1989)¹, traça um mapa factual da ideologia romana, que se pauta na ideia de “usura” enquanto pecado, cujo princípio se baseia na crença clássica grega de que Deus determinara, por sua vontade, alguns para servir e outros para serem servidos; assim, qualquer tentativa de mobilidade significava uma afronta à vontade de Deus, e seus praticantes, os usurários, sentenciados à condenação eterna.

O ascetismo relativo aos bens materiais foi defendido pelo catolicismo, a exemplo dos seguidores de São Francisco de Assis, que demonstrou, através do desapego, sua comunhão com Deus. O protestantismo reformado vê, ao contrário, os bens materiais como o reflexo da misericórdia divina, uma vez que Deus, em sua infinita bondade, retribuiu aos seus fiéis com uma vida prodigiosa e materialmente abastarda. Essa fidelidade, no entanto, é caracterizada pelo trabalho, pois “só a atividade serve para aumentar a glória de Deus, conforme a clara manifestação de sua vontade” (WEBER, 2002a, p. 96). Assim, o ócio é, a

¹ Le Goff utiliza, principalmente, dois tipos de documentos nesse livro, os exempla e as summas, os manuais dos confessores. A usura, dentro do contexto medieval, era uma prática condenável, devido ao seu caráter especulativo de cobrança de juros com vistas a lucros exagerados, portanto, era considerado roubo, bem como uma afronta a Deus. Ora, se o tempo é divino, cobrar pelo período da dívida, sem nada a fazer para ganhar o dinheiro, o usurário estaria roubando o tempo de Deus e vendendo a seus devedores.

princípio, o mais arbitrário dos pecados, bem como a atividade de contemplação inativa seria também sem valor, pois o 'sagrado' domingo já seria destinado a esse propósito.

A partir dessa prerrogativa, fica evidente a força do elemento religioso no fazer social, cultural, político e econômico da humanidade. Nessa perspectiva, o debate que se segue, parte, especialmente, para as questões econômicas, que adquiriram, no cenário do século XVI, o status nascendi de uma práxis de relações comerciais determinantes para a vigência da atual concepção do capital e de suas consequências na moldura contextual da contemporaneidade histórica.

Os reformados calvinistas, diante desse contexto, destacam-se em sua tentativa de conciliar aspectos religiosos com aspectos seculares. Diferentemente de Lutero que “na Bíblia havia redescoberto a fé primitiva da igreja, a comunhão direta com o Deus vivo. Mas, limitou-se a isso. Absorvido por tantos outros problemas urgentes, não tinha sabido nela descobrir o cuidado da cidade temporal que ela inspira” (BIELER, 1990, p. 59). Apesar do seu “Manifesto à nobreza”, Lutero esboça uma crítica ao contexto social de sua época, mas, diferente de seu ardor como exegeta dos escritos bíblicos, suas observações são rasas e pouco práticas. Calvino, por outro lado, a exemplo de Zwínglio, defendia a concepção de uma sociedade religiosamente organizada, ou melhor, o ethos religioso como base política de organização.

Calvino, não somente contribuiu, mais que Lutero, para o progresso social e político de sua Igreja, como também demonstrou, com seu exemplo, a função e a importância teológica da atividade política. Na verdade ele antecipou a série de teologias políticas em voga na segunda metade do século XX: teologia do trabalho, teologia da libertação, teologia do anticolonialismo etc. Nessa perspectiva, a história religiosa da Europa ocidental depois do século XVI passa a ser parte integrante da história política, social, econômica e cultural do continente (ELIADE, 2011, p. 233).

Nesse cenário, o calvinismo vai desempenhar uma forte influência em seu espaço, Genebra², cidadela da fé reformada, assim chamada por receber

² Genebra vai se tornar o núcleo das igrejas reformadas e, por se tratar de um importante centro político e econômico da Europa seiscentista, perceber-se-á uma singular relação do sagrado com o temporal, nos moldes de uma fé reformada filha de sua época e vanguardista no modo de fazer política a partir de uma corrente religiosa diferente da hegemônica de então,

refugiados e visitantes de muitos lugares da Europa, definida por João Knox como “a mais perfeita escola de Cristo que já existiu sobre a terra desde os dias dos apóstolos” (LAWSON, 2010, p. 26). Bernard Cottret, assim defende a relação de Calvino com Genebra:

Genebra nunca ha sido una teocracia³. Aunque el poder religioso y el poder político estaban más inter-relacionados que em la actualidad, el magistério y el magistrado jamás se confundieron (...). Calvino no investió al Estado; no fue ni jefe de guerra ni ayuntamiento. Al contrario, fue deseoso de garantizar a la iglesia un mínimo de libertad de acción (2002, p. 151).

Em meio a essa realidade, a reforma religiosa encontrou, na Europa, o cenário ideal para sua difusão e consolidação enquanto alternativa para a então ascendente classe social que necessitava de uma justificativa dogmática para suas práticas: a burguesia.

Dentre as diversas denominações religiosas que surgiram no bojo do movimento reformista, os liderados por João Calvino eram os que mais se enquadravam nessa perspectiva.

Quando, em 1534, as autoridades católicas francesas começaram a perseguir os suspeitos de heresia, Calvino, adepto das ideias protestantes (influenciado por Guilherme Farel) fugiu para a Suíça, onde o movimento reformista já havia se iniciado sob a liderança de Ulrich Zwinglio⁴, humanista erudito, fortemente influenciado pelas ideias de Erasmo de Roterdã, por esse motivo considerado racionalista, e de suas convicções, fruto de uma reflexão acadêmica; ele, porém, era extremamente dedicado aos estudos teológicos. Suas experiências pessoais com o advento da morte trazem sua teologia para uma proximidade com a de Martinho Lutero.

que, em sua ética cristã, condenava a ação econômica da população em fase sistêmica transitória de economia.

³ Apesar de alguns analistas, como o historiador Choisy definirem essa intervenção como teocrática, Bieler reconhece que, hierocracia poderia, de forma opaca, ser o termo usável para esse tipo de relação (1990, p. 185).

⁴ Nascido em 1489, perto de Zurique, Zwinglio estudou em Basileia, Berna e Viena, antes de ser ordenado sacerdote, em 1506. Ele admirava Lutero, mas não se considerava um luterano, porque defendia uma reforma ainda mais radical. Em 1522, desposou, secretamente, uma viúva que lhe deu quatro filhos. No ano seguinte, publicou suas Sessenta e sete teses (schlussreden), proclamando o Evangelho a única fonte teologicamente válida; em 1525, veio a lume o primeiro manifesto protestante: Comentário sobre a verdadeira e a falsa religião. O concílio de Zurique aceitou a Reforma: a missa latina foi substituída pelo serviço da eucaristia em alemão; as imagens desapareceram das igrejas; e os mosteiros foram secularizados. (ELIADE, 2011, p.230).

Com seu espírito racionalista, Zwinglio conquistou o apoio da burguesia mercantil da Suíça. O caráter prático social da reforma, na Zurique de Zwinglio, segue um caminho sociológico distinto do da Alemanha de Lutero. Apesar disso, Mircea Eliade afirma que “Zurique passou a desfrutar um prestígio semelhante ao de Wittenberg” (2011, p. 231). Nesse ínterim, a teologia de Zwinglio acaba por ter uma aceitação maior entre os burgueses, enquanto o Antigo Regime ainda estava sob o domínio romano católico: “a nobreza e o campesinato permanecem católicos, enquanto os burgueses e as chamadas camadas populares das cidades adotam a nova fé” (BIELER, 1990, p. 85). O trabalho religioso de Zwinglio preparou o caminho para que, na Suíça, se desenvolvessem as ideias de João Calvino.

Tanto Zwinglio quanto Calvino acreditavam na predestinação dos homens de modo absoluto. Nas ideias de Calvino, ao nascer, o homem já herda o que chamou de “pecado original”; contudo, “o amor divino” elegeu algumas pessoas para serem salvas, enquanto outras seriam condenadas à maldição eterna. Para Calvino, o questionamento de tal eleição e/ou designação significa uma afronta aos decretos divinos, pois o conceito de justiça humana não se aplica a uma ordem superior.

Admito que homens profanos encontram seguidamente na matéria da predestinação motivo para acusar, discutir, difamar e zombar. Mas, se tememos sua turbulência, já não podemos calar-nos e sepultar os artigos principais de nossa fé, dos quais não deixam nenhumsem o contágio de suas blasfêmias. Um espírito rebelde rir-se-á não menos insolentemente ao ouvir dizer que na essência única de Deus há três Pessoas, do que ao ouvir que Deus criou o homem prevendo o que havia de ser dele. [...] A verdade de Deus é tão poderosa, não somente nesse ponto como em todas as coisas, que não teme as más línguas dos ímpios... (CALVINO, 2009, p. 379).

Ainda sobre essa questão, Calvino atenta para o fato de existirem limitações no homem para a compreensão, segundo ele, dos decretos divinos:

A primeira coisa é que se lembrem de que, quando querem saber os segredos da predestinação, penetram no santuário da sabedoria divina, no qual todo aquele que entra com ousadia não encontra como satisfazer sua curiosidade e mete-se num labirinto do qual não se pode sair. [...] Os segredos de sua vontade que nos determinou nos fossem comunicados, no-los manifestou em sua Palavra. E determinou o quanto nossos interesses distam de tudo aquilo que Ele via ser necessário para nós (CALVINO, 2009, p. 377).

Weber diz que, para Calvino, “o lamentar a sorte daquele que não foi escolhido é o mesmo que o animal deplorar o fato de não ser homem” (2002, p. 81).

Wilhelm Wachholz identifica a predestinação, em Calvino, dividida em três partes distintas: absoluta, particular e dupla (2010, p. 124 - 126).

A predestinação apresenta-se absoluta quando não se condiciona pela finitude, mas, baseada unicamente na vontade, beneplácito e soberania de Deus.

Recorda-se também aos israelitas esse princípio da eleição gratuita quando se trata de dar graças a Deus, ou de confirmar-se numa esperança com respeito ao futuro: “Ele nos fez, e não nós a nós mesmos; somos seu povo, ovelhas de seu prado” (Sl. 100, 3). A negação empregada não é supérflua, mas acrescentada para excluir-nos a nós mesmos, a fim de entendermos que Deus não somente é autor de todos os bens de que gozamos, mas, além disso, ele mesmo se moveu a fazer-nos esses favores, pois não havia nada em nós que as merecesse (CALVINO, 2009, p. 382).

Ela é particular, afinal, é o indivíduo seu fim, e não um conjunto de pessoas.

Nos membros de Cristo muito mais excelente poder de graça se alteia, porque, enxertados em seu Cabeça, nunca decaem da salvação. [...] Estes, observa Paulo, não de balde serem chamados relíquias [Is. 10.22; Rm. 9.27; 11.5], porque a experiência mostra que da grande massa a maioria esvai-se e evanesce, assim que mais frequentemente permaneça somente exígua porção (CALVINO, 1989, p. 393).

E, por último, para Calvino, em consonância com Zwínglio, a predestinação é dupla, na medida em que salva para a eternidade em Sua presença e condena eternamente à danação longe de Sua misericórdia.

Ninguém que queira ser considerado homem temente a Deus ousará simplesmente negar a predestinação, pela qual Deus adota a uns para a esperança da vida e destina a outros à morte eterna. [...] Chamamos predestinação ao decreto eterno de Deus pelo qual determinou o que quer fazer de cada um dos homens. Porque Ele não os cria com a mesma condição, mas antes ordena a uns para a vida eterna, e a outros, para a condenação perpétua. Portanto, segundo o fim para o qual o homem é criado, dizemos que está predestinado à vida ou à morte (CALVINO, 2009, p. 380).

O interesse da ética calvinista se encontra em Deus, exclusivamente, e não no homem. Deus, segundo Calvino, não existe para o homem, mas o

homem existe com o único propósito de glorificar Sua Majestade. Em seu início, o mais importante catecismo calvinista – Catecismo Maior de Westminster – sentencia os objetivos dessa conversão outorgada pela graça: “Qual é o fim supremo e principal do homem? O fim supremo e principal do homem é glorificar a Deus” (2007, p.31).

Essa novo parâmetro comportamental, essa “ética” calvinista, conforme Weber, foi o fomento evidente do desenvolvimento dos países por ele pesquisados. Assim, ainda segundo Weber, certos aspectos e características indicariam que algumas pessoas eram os eleitos de Deus. Entre os elementos característicos dessa distinção, Weber observa que a prosperidade econômica e a riqueza material também passaram a ser interpretadas como sinal da salvação predestinada.

É importante salientar que Weber não sentencia Calvino e/ou lhe imputa uma responsabilidade pelos rumos capitalistas e seus desdobramentos históricos; o que Weber identifica é o ethos calvinista, bem como o conceito de vocação de Lutero e que Calvino, em acordo, versa quanto à responsabilidade do homem de cumprir as suas obrigações temporais de maneira vocacional. Não há lugar para o ócio. Com isso, se quer dizer que o trabalho é uma “bênção de Deus”. Lutero foi decisivo, quando traduziu para o alemão o Novo Testamento (1522), empregando a palavra “beruf” para trabalho, em lugar de “arbeit”. “Beruf” acentua mais o aspecto da vocação do que o do trabalho propriamente dito. As traduções posteriores, inglesas e francesas, tenderam a seguir o exemplo de Lutero. A ideia que se fortaleceu, é a de que o trabalho é uma vocação divina (WEBER, 2002a, p. 52). Calvino, diz: “Se seguirmos fielmente nosso chamamento divino, receberemos o consolo de saber que não há trabalho insignificante ou nojento que não seja verdadeiramente respeitado e importante ante os olhos de Deus” (2000, p. 77). Dessa maneira, Weber identifica o trabalho e a ética protestante como fundamentais à prosperidade dos países que adotaram essa fé. Ele analisa a força desses ensinamentos, suas convicções e consequências, em um contexto de expansionismo de uma doutrina que tem no trabalho e no lucro seu motor produtivo. Os desdobramentos dessa corrente não configuram uma discussão nos escritos analisados, mas são evidentes as marcas dessa postura protestante para o avanço e consolidação de um espírito capitalista.

Alderí Souza de Matos⁵, afirma que

Calvino de fato interessou-se vivamente por questões econômicas e existem elementos na sua teologia que certamente contribuíram para uma nova atitude em relação ao trabalho e aos bens materiais. A sua aceitação da posse de riquezas e da propriedade privada, a sua doutrina da vocação e a sua insistência no trabalho e na frugalidade foram alguns dos fatores que colaboraram para o eventual surgimento do capitalismo.⁶

Apesar disso, é visível o incômodo causado pelas ideias de Weber no universo cristão atual da igreja reformada. Em crítica ao pensamento de Weber, Matos conclui:

Esse [Weber] e outros autores têm ressaltado como a ética e a teologia do reformador divergem radicalmente dos excessos do capitalismo moderno. Por causa das difíceis realidades econômicas e sociais de Genebra, Calvino escreveu amplamente sobre o assunto. Ele condenou a usura e procurou limitar as taxas de juros, insistindo que os empréstimos aos pobres fossem isentos de qualquer encargo. Ele defendeu a justa remuneração dos trabalhadores e combateu a especulação financeira e a manipulação dos preços, principalmente de alimentos. Embora considerasse a prosperidade um sinal da bondade de Deus, ele valorizou a pessoa do pobre, considerando-o um instrumento de Deus para estimular os mais afortunados à prática da generosidade. A tese de que as riquezas são sinais de eleição e a pobreza é sinal de reprovação é uma caricatura da ética calvinista. Para Calvino, a propriedade, o lucro e o trabalho deviam ser utilizados para o bem comum e para o serviço ao próximo.⁷

E, ainda:

Em conclusão, existe uma relação entre o calvinismo e o capitalismo, mas não necessariamente uma relação de causa e efeito. Provavelmente, mesmo sem o calvinismo teria surgido alguma forma de capitalismo. Se é verdade que a teologia e a ética reformadas se adequavam às novas realidades econômicas e as estimularam, todavia, o tipo de calvinismo que mais contribuiu para fortalecer o capitalismo foi um calvinismo secularizado, que havia perdido de vista os seus princípios básicos. Entre esses princípios está a noção de que Deus é o Senhor de toda a vida, inclusive da atividade econômica, e,

⁵Doutor em História da Igreja pela Boston University School of Theology (1996). Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em História da Igreja, atuando principalmente nos temas: bíblia, patrística, protestantismo, protestantismo brasileiro, cristianismo e missões. É responsável pelo departamento histórico do Portal Mackenzie.

⁶ Disponível em <<http://www.mackenzie.br/7076.html>>. Acesso: 07 jan 2014.

⁷ Disponível em <<http://www.mackenzie.br/7076.html>>. Acesso: 07 jan 2014.

portanto, esta atividade deve refletir uma ética baseada na justiça, compaixão e solidariedade social.⁸

André Bieler⁹, afirma que o afrouxamento do pensamento de Calvino, sua doutrina e moral reformada, serão um dos únicos, ou o maior responsável pela errônea interpretação (segundo ele) de Max Weber. Em “O pensamento econômico e social de Calvino”, Bieler considera injusto e desonesto atribuir a Calvino a responsabilidade da evolução do sistema capitalista sob sua forma histórica.

Em parte alguma há lugar, nos escritos ou nos atos de Calvino, para inserir-se, por exemplo, o texto de Benjamin Franklin citado por Weber, sem que apareça, em toda sua violência, o contraste entre sua moral e a moral desse puritano (1990, p.662).

Contudo, apesar de sua contundência na crítica a Weber, anteriormente, Bieler chegou a admitir que

Calvino e o calvinismo de origem contribuíram, certamente, para tornar muito mais fáceis, no seio das populações reformadas, o desenvolvimento da vida econômica e o surto do capitalismo nascente (1990, p. 661).

É preciso observar que essa afirmação não é uma aceitação do pensamento weberiano; ao contrário, Bieler assegura que o calvinismo, sob sua forma primitiva, perceberia os perigos e vícios do capital, desde o princípio, e se oporia a ele energicamente, não admitindo, tampouco esboçando uma doutrina econômica que subtrairia os desígnios divinos de caridade e justiça por um conjunto de regras morais próprias da vida econômica e social.

Teria Max Weber, a partir da tese apresentada em “A ética protestante e o espírito do capitalismo” formulado, diretamente, uma crítica à religião? Contrário a essa perspectiva, Rolim afirma:

A leitura de seus trabalhos [Weber] nos deixa antes a impressão de uma defesa da religião do que a de submetê-la ao crivo da crítica. Mas é precisamente por isso que aquela indagação vale, considerada a coerência intelectual desse autor. [...] Weber criticou o materialismo histórico [...]. Criticou ao mesmo tempo que dava à religião um status de autonomia.

⁸Disponível em <<http://www.mackenzie.br/7076.html>>. Acesso: 07 jan2014.

⁹Teólogo formado pela Faculdade de Ciências em Genebra, pastor da paróquia de Chancys, capelão da Universidade de Genebra, entre outras atividades ligadas à igreja reformada. Autor de O pensamento econômico e social de Calvino, O humanismo social de Calvino, A força oculta dos protestantes, entre outros ligados ao reformador suíço.

Contra quem a negava, parece que Weber a afirmava com insistência (1986, p. 60).

Por outro lado, Max Weber analisa, com base no calvinismo, o modelo ideal do homem religioso e trabalhador, para quem o sucesso econômico e a conquista de riquezas eram um sinal de predestinação divina (“uma caricatura da doutrina calvinista” segundo Alderi de Souza Matos). Ele identifica a aceitação, por parte da burguesia mercantil, dessa ideologia, na medida em que sua ganância pelo lucro era justificada pela ética religiosa, “o processo de santificação da vida poderia, pois, assumir quase o caráter de uma empresa de negócios” (2002a, p.96). Weber definia como “ethos econômico especial” essa inclinação dos conversos à sustentação de uma rígida organização e ordenada abordagem minuciosa de suas atividades diárias como fator essencial de transição da etapa agrária e feudal em direção ao mercantilismo e ao capitalismo moderno. Stephen Kalberg analisando “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, ao citar Weber, observa a importância desse ethos econômico protestante:

Constituía-se a partir de uma “ideia de dever do indivíduo de aumentar sua riqueza, que é tomado como um interesse autodefinido”; a noção de que “o trabalho deve ser executado como um fim absoluto em si mesmo”; “a aquisição de cada vez mais dinheiro, combinada com a estrita evitação de todo gozo espontâneo dele”; a concepção de que “a aquisição de dinheiro... é... resultado e expressão de competência e proficiência numa vocação”; e “a atitude mental que... se empenha de modo sistemático e racional numa vocação para o lucro legítimo” (WEBER apud KALBERG, 2010, p. 46).

Em seu ensaio sobre “As seitas protestantes e o espírito do capitalismo”, Max Weber (2002b) analisa que, nos Estados Unidos da América, pouco mais de quinze ou vinte anos antes de sua pesquisa, que se deu no início do século XX – em 1906, mais especificamente – não passaria despercebida a participação religiosa na vida do cidadão norte-americano predominante em todas as regiões do país, ainda sob forte influência da imigração europeia.

Weber identifica uma curiosidade frente às questões relacionadas às negociações que envolviam contatos sociais e relações comerciais e/ou de crédito. A pergunta: “A que igreja pertence?” (2002b, p. 213), era formulada naturalmente frente a um estranho recém-conhecido ou parceiro comercial, de negócios. Tal questionamento servia como um atestado de honradez e caráter

do indivíduo. Afinal, a admissão de um cidadão a uma organização religiosa só era feita após uma longa avaliação, que envolvia investigações detalhadas, inclusive desde a infância, da conduta do candidato à participação na comunidade de culto. A importância desse status religioso era predominante para sua aceitação de qualidade, tanto moral quanto ética, que chegava a levar consigo um certificado escrito da congregação, conferindo-lhe credibilidade para, inclusive, a liberação de crédito onde quer que se dirigisse ou fosse. Tal prática era interpretada como um atestado de qualificação e confiabilidade do indivíduo (WEBER, 2002b, p. 214). Tão importante quanto essa característica, era o seu contrário: a eliminação de um cidadão de uma ordem religiosa significava, em contrapartida, sua exclusão social e a total perda econômica de crédito (WEBER, 2002, p. 215).

Devido a essas questões analisadas, Weber identifica que a adesão ao protestantismo passara a ser entendida, talvez inconscientemente, como um veículo de ascensão social: “servia para manter o ethos econômico burguês e capitalista entre as amplas camadas das classes médias” (2002b, p. 216). Diante disso, Weber chega a afirmar que sem essas características intrínsecas ao modo de vida metódico dos protestantes “o capitalismo de hoje, mesmo na América, não seria o que é” (2002b, p. 216). Essas características podem se justificar pela tradição americana de valorizar mais o homem que “se fez sozinho” do que o herdeiro; e, essa honraria social, ser devida à filiação religiosa, como visto no decorrer dessa análise.

Historicamente a condição protestante tinha, para a sociedade americana, um caráter também político. Durante o período colonial, Weber (2002b) destaca que, nas áreas centrais da Nova Inglaterra, “a cidadania plena na congregação religiosa era condição para a cidadania plena no estado. A congregação religiosa determinava, na verdade, a admissão ou não-admissão ao estamento de cidadania política” (p. 220). Assim, os remanescentes, na América contemporânea, são derivados desse ethos cristão puritano de vida que vigorou maciçamente no estilo de vida político, social e econômico de outrora (apesar de nesse período tratar-se mais especificamente dos Batistas, “foram os puritanos fatalistas que, na verdade, abordaram a disciplina nas seitas” e “as seitas puritanas são os portadores mais específicos da forma de ascetismo que se volta para o mundo” (p. 224).

Diante de tudo isso, Weber se posiciona identificando a importância da ética protestante para a formação desse estilo de vida que funciona como “bens de salvação” e que também preparou o terreno para a consolidação do individualismo moderno, rompendo com o patriarcalismo e criando condições de obediência divina, e só divina. Tal característica teve importância fundamental para esse processo de mecanização e padronização do homem e sua posterior absorção no modo de vida mercantil.

Não é a doutrina ética de uma religião, mas a forma de conduta ética a que são atribuídas recompensas que importa. Essas recompensas funcionam na forma e na condição dos respectivos bens de salvação. E essa conduta constitui o ethos específico de cada pessoa, no sentido sociológico da palavra. Para o puritanismo, tal conduta era um certo modo de vida, metódico, racional que – dentro de determinadas condições – preparou o caminho para o capitalismo moderno (WEBER, 2002b, p. 225).

Na perspectiva weberiana a ética protestante calvinista serviu para a difusão e consolidação do capitalismo comercial em diversas regiões da Europa, em especial a França, a Inglaterra, a Holanda e a Escócia, bem como da América. “Gothein qualifica corretamente a diáspora calvinista com a semente capitalista” (WEBER, 2002a, p. 42).

Vários fatores se interpenetram na busca do entendimento do contexto histórico que proporcionou a vinda dos missionários presbiterianos e das várias denominações protestantes para o Brasil¹⁰. É necessário saber do contexto religioso e político desse período da história nacional.

O germe do protestantismo em território nacional

No início do século XIX não havia indício da presença protestante no Brasil. Algumas tentativas frustradas ficaram em um passado distante, a saber, os huguenotes franceses, no Rio de Janeiro¹¹ e os holandeses, com uma igreja

¹⁰ No decorrer deste trabalho observa-se, notadamente, a herança calvinista na Igreja Presbiteriana. Sua postura frente às questões sociais é um legado calvinista apropriado pelos puritanos e, na teoria, politicamente é expressa na Confissão de Fé de Calvino. Contudo, a Igreja Presbiteriana do Brasil só adota, oficialmente, a Confissão de Fé de Westminster.

¹¹ Na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, então França Antártica, sob o governo de Nicolau Durand de Villegaignon os “calvinistas, ainda em pleno processo da Reforma, realizaram o

nos moldes da reformada Suíça, bastante avançada em sua organização eclesial na cidade do Recife, nos séculos XVI e XVII, respectivamente, que historicamente foram identificados como protestantes invasores. Portanto, seu caráter propagandista e missionário só chegou às terras tropicais no século XIX.

O controle português sobre a colônia brasileira abortaria qualquer tentativa de penetração em terras de seu domínio, inclusive de nações tidas como amigas. É sabido que, em Portugal, o modelo tridentino foi bastante eficaz, tornando inexistente o protestantismo já tão comum em outros territórios europeus; esse fato dificultou a entrada de protestantes no Brasil que não fossem vindos da terra de Camões. Ora, se não havia presença do protestantismo em Portugal, mais dificilmente ela seria encontrada em sua principal colônia.

O desembarque da família real portuguesa no Brasil e, ainda antes, a política de abertura dos portos às nações amigas (lê-se, Inglaterra), favoreceu a liberdade religiosa em nosso território através do artigo XII, do Tratado da Aliança e Amizade, e do Comércio e Navegação, que Portugal e Inglaterra firmaram no ano de 1810. Nesse ínterim, durante algumas décadas do século XIX, o calvinismo, bem como outras denominações protestantes, ficou restrito às comunidades imigrantes que chegaram de diversas regiões da Europa, sem atingir os brasileiros.

Assim, devido a questões jurídicas, religiosas (da própria Igreja Católica) e políticas e/ou econômicas, a incursão do protestantismo no Brasil, durante o século XIX, não vivenciou tantos problemas em sua propagação.

O vocábulo jurídicas (supramencionado), refere-se ao caráter facilitador da Constituinte¹² de 1810, não muito diferente da constituição de 1824: “serão

primeiro culto reformado da América do Sul. Cantaram salmos e ouviram a Palavra proclamada pelo pastor, ex-carmelita, Pedro Richier” (MENDONÇA, 2001, p. 38).

¹² O Artigo 9 do tratado de Aliança dispunha: “Não se tendo aqui estabelecido, ou reconhecido, no Brasil, a Inquisição ou Tribunal do Santo Ofício, Sua Alteza Real, o Príncipe Regente de Portugal, guiado por uma iluminada e liberal política, aproveita a oportunidade que lhe oferece o presente Tratado, para declarar espontaneamente, no seu próprio nome e no de seus herdeiros e sucessores, que a Inquisição não será, para o futuro, estabelecida nos meridionais domínios americanos da Coroa Portugal. E, continuando, os Artigos 12 e 23: 1º) Que os vassallos de S. M. Britânica residentes nos territórios e domínios portugueses, não seriam “perturbados, inquietados, perseguidos ou molestados por causa de sua religião”, e teriam “perfeita liberdade de consciência”, bem como “licença para assistirem e celebrarem o serviço divino em honra do Todo Poderoso Deus, quer dentro de suas casas particulares, quer

permitidos com seus cultos doméstico ou particular, em casas (...) sem forma alguma exterior de templo” na abordagem a cultos não católicos (RIBEIRO, 1973, p. 32).

Ao tratarmos de questões religiosas, nos referimos à crise da Igreja Romana no trato com os fiéis. Sobre essa questão, Kidder critica a ausência doutrinária do catolicismo em relação aos seus fiéis: “dificilmente se encontrava em toda a província um padre que cumprisse os seus deveres como manda a Igreja, especialmente com relação à instrução religiosa das crianças no dia do Senhor” (1941, p. 247). O caráter urbano e secular, do catolicismo presente nesse contexto com sua política de regalismo na administração da Igreja (LÉONARD, 2002), bem como suas divergências com a corte brasileira, pós-autonomia de Portugal, insere a Igreja Romana no sistema jurídico nacional na Constituição de 1824, estabelecendo o controle da Igreja pelo Estado¹³.

E, finalmente, em meados do século XIX, as questões políticas e/ou econômicas evidenciadas pela necessidade de imigrantes estrangeiros – oriundos, geralmente, de países protestantes – que objetivavam o desenvolvimento de uma cultura competitiva frente aos mercados internacionais; assim, valendo-se da tolerância e de um sistema jurídico favorável, o protestantismo cresceu e se expandiu¹⁴. Sem mencionar a postura do imperador, D. Pedro II, predisposto à nova mensagem e aos sábios missionários que a propagavam, com os quais estabeleceu relações através de visitas mútuas (especialmente, Robert Reid Kalley, responsável pela implementação das bases legais da propaganda protestante) para compartilhar experiências e relatos (LÉONARD, 2002, p. 51). Contudo, mesmo sem negar a sua profissão católica de fé, é sabido de suas indisposições e preconceitos antissacerdotais, segundo Léonard, citando Joaquim Nabuco: “D. Pedro [II]

nas suas particulares igrejas e capelas”, sob a única condição de que estas externamente se assemelhassem a casas de habitação, e também que o uso dos sinos lhes não fossem permitidos “para o fim de anunciarem publicamente as horas do serviço divino [...]. Sendo-lhes vedado, entretanto, pregar ou declamar publicamente contra a Religião Católica ou procurar fazer prosélitos ou contraversões (BOANERGES, 1973, p. 17).

¹³ No Artigo 5.º, as relações entre Igreja Católica Romana e Estado Monárquico Brasileiro [...] trata de manter o Vaticano isolado da Igreja no país; estabelece a hegemonia do Estado na administração eclesiástica (BOANERGES, 1973, p. 52).

¹⁴ Em artigo publicado no Jornal do Comércio lia-se: “O país que mais angaria a emigração é os Estados Unidos... Qual será a razão dessa preferência?... A tolerância religiosa, a liberdade de cultos e de consciência, e a prodigalização dos direitos civis e políticos aos emigrantes favorecem imensamente a colonização... Essas são razões que aconselham os imigrantes a preferir os Estados Unidos” (LÉONARD, 2002, p. 48).

possuía um espírito profundamente imbuído do preconceito anti-sacerdotal. Não era, propriamente, anti-clerical, não vendo perigo por parte do clero” (2002, p. 53). Sua atitude, de influência notadamente positivista, facilitou grandemente a demanda missionária protestante no Brasil.

Figura 1 - Robert Reid Kalley



Fonte: Disponível em < <http://www.robertreidkalley.xpg.com.br/>>. Acesso em 07/03/2015.

Um fator de ordem religiosa que muito contribuiu foi o movimento que os cristãos presbiterianos chamam de “avivamento religioso”. Ocorrido na Europa, nos finais do século XVIII, ele se difundiu nos Estados Unidos da América, basicamente na virada para o século XIX. Esse “grande despertar”, como ficou conhecido, caracterizado pelo fervor religioso, se espalhou por diversas regiões dos Estados Unidos, chegando até a Guerra de Independência. Conforme identifica Mendonça: “o avivamento se espalhou pelas cidades vizinhas, atingindo puritanos, presbiterianos tradicionais” (1995, p.55).

Essa expansão, despertada pelo avivamento, produziu aumento significativo do poder religioso, especialmente, dos congregacionais e dos presbiterianos, alimentando o interesse pela difusão de suas doutrinas: “os resultados desse avivamento foram sensíveis: aumentou o número de membros das igrejas existentes e novas igrejas surgiram. Começa, também, o interesse missionário pelos índios” (MENDONÇA, 1995, p.55). Assim,

lançaram-se à empresa missionária e, a partir desse contexto, o protestantismo de missões chegou ao Brasil.

Paralelo aos fatores especificamente religiosos, um acontecimento do contexto socioeconômico e político dos Estados Unidos, na segunda metade do século XIX, desempenhou um papel importante na expansão missionária que resultou na instalação das denominações evangélicas – entre elas, a Presbiteriana no Brasil – a saber, a Guerra da Secessão¹⁵. Esse conflito, que castigou os Estados Unidos por quatro anos, trouxe inúmeras consequências para o futuro da civilização ocidental e foi fundamental para a corrida missionária (Ibdem, p. 74) que se seguiu.

Ao final da Guerra, vencendo o Norte, e sua visão de mundo, o abismo cavado entre os protestantes do Norte e do Sul tornou-se mais profundo. O término da guerra civil determinou que os valores nortistas fossem os nacionais. A reconstrução foi um processo penoso e humilhante para os soldados e agricultores sulistas. Muitos se deslocaram de sua pátria em busca de novas terras e das velhas práticas, como a agricultura e a escravidão. Conforme aponta Mattos, “ocasionada pelo problema da escravidão [...] foram criadas duas grandes denominações presbiterianas, a Igreja do norte (PCUSA) e a Igreja do Sul (PCUS)” (2001, p. 34). A Missão Presbiteriana do Sul enviou seus primeiros missionários durante o período de imigração ao Sul do Brasil, após o término da guerra civil, em 1866.

Outro elemento importante foi a intensificação do comércio entre os Estados Unidos e o Brasil, após a década de 1860. A Inglaterra ainda ocupava o primeiro lugar no comércio exterior do Brasil, mas os Estados Unidos, ocupando a segunda posição, continuavam céleres para conquistar a hegemonia, na Primeira República, da produção do café, principal item da pauta de exportação brasileira, da qual 75% era absorvida pelos Estados Unidos. Segundo Antônio Gouveia Mendonça “o café foi o trilho sobre o qual o presbiterianismo instalou-se no Brasil” (2001, p. 41). Ele continua:

¹⁵A Guerra de Secessão foi um conflito civil, ocorrido nos Estados Unidos, durante os anos de 1861 e 1865, que colocou os estados do sul contra os estados do norte. Os estados do sul possuíam uma economia fundada no latifúndio escravista e na produção agrícola, principalmente de algodão, voltada para a exportação. Do outro lado, os estados do norte, queriam o fim da escravidão e tinham suas economias firmadas na indústria. Esta singularidade de interesses desencadeou a guerra. Os estados do norte, mais ricos e militarmente mais preparados, triunfaram e estabeleceram seus interesses sobre o país.

Só nos resta buscar entre a camada superior da sociedade brasileira do Império, composta pela nobreza, os grandes fazendeiros de café e os intelectuais, e a camada não levada em conta, a escravaria da senzala, o estrato através do qual inseriu-se o presbiterianismo (p.43).

A questão administrativa também exerceu poder preponderante nesse processo; a saber, a vila – que poderíamos chamar de polis territorial – com o poder político e religioso instalado (a paróquia), a freguesia, que era um nicho de habitação formada por uma igreja com um sacerdote (vigário da paróquia) e, finalmente, o bairro, (próximo a sítios com grandes casas um pouco maiores que dos demais moradores, mas, muito distantes das casas-grandes das fazendas), que agregava moradores dispersos, geralmente – não sempre – com uma pequena capela e um cemitério.

Mendonça atenta ao fato de que foi nesses espaços, denominados bairros, que o presbiterianismo se inseriu, afinal, seus moradores não tinham nenhum compromisso religioso, pois além de exercerem suas devoções particulares, esses espaços ficavam distantes do controle romano exercido pela Igreja Católica. É preciso levar em consideração que esses bairros, posteriormente, pelo avanço da economia cafeeira, tornaram-se vilas, cidades, importantes núcleos urbanos. Desse modo, percebe-se como a “febre do café” e seu expansionismo, reuniram condições favoráveis ao estabelecimento do presbiterianismo, especialmente na região que hoje compreende os estados de São Paulo e Minas Gerais (2001, p. 41-51).

Léonard, chama a atenção para o fato de o número de missionários estrangeiros que, em tal contexto, chegaram ao Brasil, ter sido relativamente considerável. Porém, foram registradas baixas, ora pelo esgotamento físico, ora pelas moléstias diversas, especialmente a febre amarela.

Ao julgarmos a obra dos missionários no Brasil, não podemos esquecer-nos destes pesados sacrifícios. Não foi uma obra fácil e de maneira nenhuma repousante. Além do que crescia ainda as dificuldades de uma nova língua que muitos deles não chegaram nunca a dominar, a diferença de costumes, as extenuantes viagens a cavalo em campos de evangelização tão vastos como vários Estados europeus, para não se falar das avanias, humilhações e sevícias por parte de populações fanatizadas (2002, p. 78).

A maioria daqueles missionários era composta por indivíduos instruídos em assuntos diferentes do campo teológico, ampliando seu interesse

complementar à evangelização, em trabalhos como fundação de escolas e no ofício médico, através dos quais estendiam seus tentáculos a diversas áreas de interesse da população carente brasileira que, política e doutrinariamente, carecia dessa demanda que se apresentava como alternativa eficaz na conciliação de problemas sociais com uma mensagem transcendente, espiritualmente confortante. Sobre a questão educacional, Mendonça escreveu: “enquanto os protestantes reformulavam seu ensino, e faziam da alfabetização um ato de fidelidade a Deus, o Brasil era analfabeto” (RIBEIRO, 1973, p. 72). A Bíblia era o centro do protestantismo, especialmente aquele de expressão calvinista, que deu origem à Igreja Presbiteriana do Brasil. A importância dos estudos bíblicos nas cerimônias religiosas desenvolveu, na corrente presbiteriana local, um embrião de projeto educacional vinculado à evangelização. Essa necessidade de instrução pode ser observada na própria liturgia calvinista, com fulcro na tradição escrita e na leitura de textos bíblicos, bem como nos hinos congregacionais.

Essa ação missionária, também presente em termos educacionais, de saúde e de técnicas agrícolas, entre outras, formando um ideal de sociedade progressista, teve como modelo o american dream, facilitando o expansionismo político e econômico do norte da América e identificando-se como modelo de sociedade cristã, adiantando o que seria o Reino de Deus.

Em tal moldura contextual, o protestantismo se insere no Brasil.

Estabelecimento do protestantismo no Brasil

No início do governo de D. Pedro II, surgiram no país as primeiras missões estrangeiras¹⁶ de propaganda protestante, inicialmente discretas, mas, de resultados surpreendentes, que culminaram em um protestantismo local, influenciado em grande parte pela mentalidade mística, festiva e religiosa do povo brasileiro. Quanto a isso, Léonard chama a atenção:

¹⁶ O protestantismo de imigração já era uma realidade no Brasil, contudo, “seu trabalho tinha o fim específico de assistência espiritual e de prática sistemática dos ofícios religiosos [...] não se preocupando em angariar novos adeptos entre os nativos ou pertencentes a outros grupos religiosos” (HACK, 2002, p. 32). Neste trabalho será abordada apenas a questão missionária, ou protestantismo de missões. Portanto, fica evidente o nosso interesse em não abordar a questão migratória por considerá-la extensa e apta a outra proposta analítica.

As práticas de devoção particular, no seio de excelentes famílias católicas brasileiras, abriram muitos corações ao protestantismo. [...] A fraternidade dessas práticas piedosas e o amor ao canto, levarão, mais tarde, um grande número de simples caipiras às reuniões protestantes, onde eles se sentirão em completa igualdade com os mais ilustres, e onde terão o prazer de cantar (2002, p. 34).

Um fator religioso muito importante, pois funcionou como uma preparação da população para a receptividade da mensagem protestante foi o trabalho dos colportores, agentes das sociedades missionárias. Eles percorreram as principais províncias, como a Bahia, distribuindo Bíblias e literatura evangélica, a exemplo do pastor metodista Daniel Paresh Kidder, durante o período regencial, e do pastor presbiteriano James C. Fletcher, que visitou o país durante o império.

Entre 1854 e 1860, Fletcher, com seu antecessor, o metodista Daniel P. Kidder, havia distribuído 20 mil Bíblias no Brasil. Fletcher, considerado homem de elevada cultura e várias vezes secretário da Legação Americana no Rio de Janeiro, com suas relações pessoais com altas figuras do Império, muito favoreceu a simpatia pelo protestantismo. Fletcher e Kidder são considerados, com razão, os pioneiros do protestantismo no Brasil, sendo o primeiro o verdadeiro antecessor dos presbiterianos (MENDONÇA, 2001, p. 41).

O presbiterianismo chegou ao Brasil, de forma definitiva, em 12 de outubro de 1859. Conforme relata Hack, “os missionários presbiterianos pioneiros vieram da Missão do Board de Nova York e iniciaram o trabalho no Rio de Janeiro, depois em São Paulo, chegando ao Brasil com a missão de evangelizar cidades e vilas” (2002, p. 31). Enviado pela grande Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, o jovem Ashbel Green Simonton que, anteriormente, tinha registrado em seu diário (2002) o desejo de participar dessa missão no Brasil: “no dia 25 enviei minha proposta formal à Junta de Missões Estrangeiras. Mencionei o Brasil como campo no qual estou mais interessado, mas deixei à Junta a decisão final” (2002, p. 101). Aos 26 anos de idade, Simonton desembarcou no Rio de Janeiro; seu trabalho tinha um propósito missionário e evangelístico, objetivando, principalmente, o alcance de nativos. Em seu diário, o pioneiro presbiteriano relata a experiência de seu contato inicial em terras luso-brasileiras:

Tenho estado, desde as quatro horas, observando a entrada de navio no porto, onde estará ao abrigo do vento e da maré. Belo

lugar, o mais original e notável que jamais vi. Pela beleza, sublimidade, segurança, quer contra os ventos, quer contra as ondas, e pela possibilidade de defesa contra os ataques por mar e por terra, um porto assim é quase inconcebível. A baía se estende em volta, guardada por ilhas curiosamente plasmadas, de rochas altas e sólidas, como se fossem ovos com uma ou outra ponta à mostra. Em cumes aqui e ali, grimpam-se igrejas e alegres vivendas. [...] A cidade jaz a duas milhas de nós, em grande extensão de colinas altas e de montanhas. [...] Já me desfiz da indumentária marítima; dei-a ao camareiro que me prestou bons serviços na viagem. Estou pronto para o desembarque (HACK, 2002, p. 86).

O desembarque desse jovem visionário contribuiu para consolidar o desenvolvimento da raiz presbiteriana no Brasil.

Figura 2 - Ashbel Green Simonton



Disponível em < <http://perfisprotestantes.com.br/?p=173>>. Acesso em 07/03/2015

O diário de Simonton ajuda a entender melhor o estabelecimento decisivo da doutrina em terras brasileiras. Nos escritos, percebe-se o uso de artifícios para a permanência daqueles religiosos no país. Trechos do Diário mostram que, após questionamento judicial, Simonton analisou as respostas recebidas de advogados, do Rio de Janeiro, sobre aspectos relacionados à liberdade religiosa no Brasil. Por causa de algumas restrições quanto à prática de culto, achou que ensinar em inglês seria, inicialmente, a melhor tática.

Em 22 de abril de 1860, dirigiu uma escola bíblica dominical em sua própria casa, sendo esse o seu primeiro trabalho no idioma português. Em 12 de janeiro de 1862 recebeu os primeiros conversos, tendo sido fundada, na mesma data, a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, a primeira comunidade reformada de língua portuguesa a ser estabelecida no Brasil.

Em seu diário, o Rev. Simonton fala de sua emoção no culto que marcou a fundação da igreja e, provavelmente, a primeira celebração da Santa Ceia:

Domingo, dia 12 [janeiro de 1862], celebramos a Ceia do Senhor, recebendo por profissão de fé Henry E. Milford e Cardoso Camilo de Jesus. Organizamo-nos assim em Igreja de Jesus Cristo no Brasil. Foi um momento de alegria e satisfação. Muito mais cedo que esperava minha pouca fé, Deus nos permitiu os primeiros frutos da missão. Senti-me até certo ponto agradecido, mas não como devia. A comunhão foi dirigida por Mr. [Francis Joseph Christopher] Shneider e por mim, em inglês e português. O Senhor Cardoso a seu pedido e de acordo com o que consideramos melhor, depois de muito estudo e certa hesitação foi batizado. Prestou um exame que satisfez completamente a Mr. Shneider e a mim, sem deixar dúvida de sua conversão. Graças sejam dadas a Deus pela confirmação de nossa fraca fé, por vermos que não pregamos em vão o Evangelho (SIMONTON, 2002, p. 167).

Durante oito anos de trabalho no país, além da fundação da Igreja Presbiteriana do Brasil, no Rio de Janeiro, Simonton, auxiliado por alguns colegas, fundou o primeiro periódico evangélico do país, a Imprensa Evangélica¹⁷, em 1864; organizou o primeiro presbitério, em 1865: “o presbitério é a instituição mais característica do sistema de governo presbiteriano, por ser o órgão que ordena os ministros e supervisiona as igrejas locais” (MATOS, 2000, P. 71); e ainda promoveu a fundação do primeiro seminário teológico na capital do Império, em 1867, que foi “responsável pela formação dos primeiros pastores brasileiros”; além de traduzir o Breve Catecismo de Westminster e outras obras para a língua portuguesa (Idem).

Os presbiterianos foram os primeiros a criar seminário na América do Sul [...] formação de uma liderança intelectual de respeito. [...] Fundaram também, de maneira incansável e com qualidade, escolas paroquiais e colégios; publicaram com igual nível jornais, revistas e folhetos polêmicos e de instrução

¹⁷ A Imprensa evangélica era um instrumento de propaganda religiosa que tinha por alvo as camadas mais cultas da população, sendo aceito especialmente por liberais, maçons e membros do clero. O periódico pretendia comunicar as principais ênfases da fé evangélica e os benefícios éticos e sociais do protestantismo, além de comentar aspectos seculares da política da época (MATOS, 2000, p. 66).

religiosa de boa qualidade literária (Sociedade Brasileira de Tratados Evangélicos) e tudo o mais que pudesse comunicar de maneira elevada a fé evangélica (MENDONÇA, 2001, p. 50).

Constam como principais colaboradores de Simonton: Alexander L. Blackford¹⁸ (seu cunhado) que organizou a Igreja de São Paulo e, juntamente com José Manoel da Conceição¹⁹ a Igreja de Brotas, Francis J. C. Schneider, que lecionou no seminário do Rio de Janeiro e foi missionário na Bahia, e George W. Chamberlain, pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil da cidade de São Paulo que, em 1870, fundou a Escola Americana embrião do que, mais tarde, veio a ser o Mackenzie College²⁰.

O Rev. Ashbel Green Simonton morreu em 1867, vitimado pela febre amarela, aos 34 anos de idade; sua esposa, Helen Murdoch, havia falecido três anos antes. Até sua morte, Simonton nunca se recuperou totalmente dessa perda.

Em setembro de 1888 foi organizado o sínodo da Igreja Presbiteriana, que se tornou autônoma, desligando-se das Igrejas-mães norte-americanas. No início do século XX, a IPB (Igreja Presbiteriana no Brasil) contava dez mil

¹⁸ Fato interessante do trabalho de Blackford no interior paulista, em Lorena, mais especificamente, foi a intolerância das autoridades, instigadas pelo vigário local. Blackford se queixa e, com isso, há a intervenção do Ministro da Justiça, José de Alencar, avalizando a liberdade do culto protestante. Em carta de Nova York, onde se encontrava, o Rev. Fletcher congratula-se com D. Pedro II pelo esforço empreendido na resolução da problemática (RIBEIRO, 1983, p. 117).

¹⁹ O padre José Manoel da Conceição se tornaria, mais tarde, pastor presbiteriano. Era chamado de “padre protestante” por conta de suas ideias simpáticas ao movimento reformador europeu no século XVI. Seu contato com missionários protestantes, especialmente o colaborador paulista de Simonton, o Rev. Balckford, o aproximou de sua corrente transformadora para os rumos do catolicismo vigente, chegando a se converter ao presbiterianismo, tornou-se o primeiro pastor protestante brasileiro, ao ser ordenado no dia 17 de dezembro de 1865. Em sua memória, comemora-se, nessa data, o dia do pastor presbiteriano. Sua história de vida “é ímpar, singular e especial, que vai do excentrismo à genialidade, do evangelista ardoroso ao andarilho solitário” (HACK, 2001, p. 62).

²⁰ Em São Paulo, com a fundação da escola americana, que, a princípio, seria uma escola paroquial presbiteriana, o projeto presbiteriano foi transformado em realidade. Em 1870, na capital paulista, a esposa do missionário presbiteriano norte-americano George Chamberlain, Mary Annesley Chamberlain, criou, em sua própria residência, uma pequena escola primária, com o propósito de atender alunos presbiterianos e filhos de republicanos e outros abolicionistas paulistas que não podiam frequentar as escolas públicas por motivo de intolerância religiosa e política. Essa pequena escola paroquial, seria o germe da futura Universidade Mackenzie. Assim o Mackenzie College, por intermédio de sua proposta educativa na formação de professores, de comerciantes e engenheiros, acabou sendo a ponta de lança do ideário econômico liberal, no modelo norte-americano. Esse contexto educacional serviu para a formação da elite paulistana descendentes de imigrantes, para o desenvolvimento de uma burguesia local, bem como para o de intelectuais com ideais republicanas, entre outros (GOMES, 2000, p. 103-124).

membros comungantes, outro tanto de menores e cerca de 150 igrejas em sete presbitérios.

Nesse ínterim, já havia uma proposta de expansão da IPB para outras regiões do Brasil. Para que esse empreendimento tivesse o sucesso desejado, o presbitério do Rio de Janeiro cobrou das instituições financiadoras americanas maior compromisso com a expansão doutrinária em terras brasileiras. Em correspondência com o Sínodo de Baltimore, em 1869, os missionários cobraram ajuda imediata para a expansão de seu trabalho: “Porto Alegre, a principal cidade do extremo Sul, deve ser ocupada sem demora. Bahia, Pernambuco, São Luís e Pará, os maiores centros da parte norte do Império estão totalmente desocupados e nossa igreja deveria, sem tardar tomar conta deles” (FERREIRA, 1959, p. 73). Quando o auxílio financeiro chegou, a missão na Bahia começou a ser efetuada.

O presbiterianismo na Bahia

O Rev. Francis Schneider, depois de um trabalho na cidade de São Paulo, junto com o pastor Chamberlain, partiu para a cidade de Salvador, onde chegou no dia 19 de janeiro de 1871. Ali fundou uma missão, a qual começou a realizar cultos não muito bem frequentados. Com o auxílio de um colportor brasileiro, José Freitas Guimarães, em 21 de abril de 1872 foi organizada a Igreja Presbiteriana da Bahia, com quatro membros: um casal de missionários americanos e um casal de brasileiros que havia se convertido (In. MISCELÂNEA, 1863). Os cultos eram realizados na casa de Schneider, na Ladeira dos Aflitos, nº 219, em Salvador.

O Rev. Schineider estava convencido da importância de se pregar em língua portuguesa. Quando abordava a questão, o pastor se referia às comunidades anglicanas, razoavelmente numerosas, que estavam instaladas na Bahia desde a primeira metade do século XIX, nas quais a comunicação era em inglês, o que tornado inteligível a mensagem doutrinária protestante para os nativos, assemelhando-se, assim, ao que acontecera inicialmente com o protestantismo de imigração em terras brasileiras: “os serviços religiosos eram feitos em inglês para a colônia britânica; a Igreja de São George foi estabelecida para atender às necessidades espirituais dos ingleses e seus

descendentes, sem nenhuma preocupação proselitista” (SILVA, 1998, p. 42-43).

Durante o período em que Schneider esteve à frente da Igreja, na Bahia (1872 a 1877), “foram batizadas 17 pessoas adultas, entre as quais 3 casais, e 13 crianças”. A grande maioria de batizados eram brasileiros. Realizaram-se “10 cerimônias de casamento; dentre os noivos, 3 eram brasileiros e 7 eram estrangeiros (Suíça, Inglaterra, Dinamarca, Baviera, Estados Unidos). Entre 1872 e 1900 foram realizadas 50 cerimônias de casamento pelos pastores presbiterianos” (SEIXAS, 2011, p.53).

Quando, em 1892, os campos missionários da Bahia e Sergipe encontravam-se em um momento relativamente crítico, apenas o Rev. Woodward E. Finley era responsável pelos grupos consolidados em Salvador, Cachoeira e Laranjeiras. Para seu auxílio, o pastor Chamberlain, em fim da última década do século XIX, chegou à Bahia.

George Chamberlain, seguindo um estratagema utilizado outras vezes, a exemplo do interior paulista com o Rev. Blackford, tinha como objetivo alcançar as populações do interior da Bahia. Livre do padroado monárquico, buscavam o interior por considerá-lo mais receptivo à mensagem protestante (SILVA, 1998). Assim, o missionário desenvolveu um trabalho no estado da Bahia, distribuindo literatura religiosa e pregando a mensagem de salvação cristã, sem, contudo, deixar de participar das questões políticas e sociais das cidades em que, temporariamente, estabelecia residência. Além de Salvador e Cachoeira, o trabalho de Chamberlain se dispersou por várias cidades do interior baiano: Wagner, Palmeiras, Rui Barbosa, até a região de Lavras Diamantinas, Vila Bela das Palmeiras e Irecê.

Filho do pastor George Chamberlain, o paulista Pierce Annesley Chamberlain deu continuidade ao trabalho de seu pai, no interior do estado baiano, entre 1899 e 1909. Visitou inúmeras cidades do interior como Campo Formoso e Morro do Chapéu. Participou da criação do presbitério Bahia-Sergipe, depois dividido nos presbitérios de Salvador, Campo Formoso e Itabuna. Em depoimento sobre esse trabalho itinerante, Pierce escreve:

Em dezembro de 1900 comecei a fazer extensas viagens através de meu futuro campo [...] e então, de barco, São Francisco acima, e pelos seus afluentes até Santa Maria da Vitória. Três meses em 1901 gastei-os para ir me casar nos

Estados Unidos, vindo depois morar em Vila Nova da Rainha (cidade do Bonfim), na Bahia, e dali como quartel-general fez trabalho itinerante. Tentamos levar avante o velho trabalho estabelecido em Vila Nova, Santa Luzia e Bananeiras, que fora negligenciado por dois anos e já no oitavo ano de itinerância pela estrada de ferro de Santa Luzia para Juazeiro e em animais desde Patamuté, a nordeste, até as regiões de Morro do Chapéu (incluindo Canal, Chapada, Cana Brava de Gonçalves, etc.) até sudoeste; e rio acima pelo São Francisco até Bom Jesus da Lapa, e o Corrente até Porto de Santa Maria da Vitória, organizando na segunda visita (1901) que era o primeiro grupo novo, constituído de sete membros, três homens e quatro mulheres (FERREIRA, 1959, v. 2, p. 70).

Com uma organização sistemática e aceitação legal e popular o expansionismo presbiteriano começou a se fazer presente em regiões de acesso limitado.

O protestantismo penetrou no Brasil através da camada “livre e pobre” do meio rural. Essa parte da população brasileira, no século XIX especialmente, tinha condições e necessidades próprias que, ao se defrontar com uma nova mensagem religiosa, procurou selecionar nela as respostas mais adequadas a essas mesmas condições e necessidades. Essa seleção foi estímulo, tanto interno dessa camada como da ordem social (MENDONÇA, 1984, p. 182).

A estratégia organizacional de divisão em presbitérios facilitou a demanda de divulgação da crença de Calvino. O Presbitério de Campo Formoso, na Bahia, conseguiu transpor sua mensagem além de seus limites territoriais, chegando à cidade de Jacobina, então núcleo político e econômico regional. Várzea Nova, um dos seus distritos, foi alvejada como terreno propício à difusão de sua crença. Conforme identificou Mendonça, sobre o interior paulista, mas, perfeitamente cabível nesse contexto:

Ora, o protestantismo e, no caso o presbiterianismo, pelas suas próprias características secularizadas e individualizadas, é muito mais veloz na ocupação de espaços do que o catolicismo com sua estrutura pesada e centralizada. Assim, nas vilas e cidades, os presbiterianos quase sempre chegaram na frente e, pondo em prática sua estratégia de reunir a vizinhança para o culto em suas casas, foram logo organizando suas congregações e igrejas com pessoas também descomprometidas, porque cortaram seus laços com a antiga paróquia e, às vezes, com a própria família em razão do distanciamento geográfico e social (2001, p. 48).

Assim, a particularidade da realidade do município de Várzea Nova – BA chama a atenção devido a forte presença missionária protestante em seu contexto.

Apesar da presença cristã, no modelo ortodoxo do catolicismo apostólico romano professado pela primeira família a se estabelecer no local (a saber, o Sr. Zacarias Domingos de Jesus, às margens de uma várzea – daí o nome da localidade – que serviria de pasto à sua atividade pastoril), em 1913, a Igreja Presbiteriana, décadas depois, exerceu grande e determinante ação política no povoado que ora se iniciava, no sentido de aglutinar, agrupar indivíduos, o que, politicamente contribuiu para o povoamento da localidade e sua organização enquanto Vila. Isso se evidencia com o fato de os primogênitos varzeanovenses publicamente professarem a fé presbiteriana/calvinista como mote espiritual da cidade que surgia e, em torno dessa fé, progredia e se sustentava. Voltando a citar Durkheim:

É que a sociedade só pode fazer sentir sua influência, se ela for ato, e ela só é ato se os indivíduos que a compõem estão reunidos e agem em comum. É pela ação comum que ela toma consciência de si e se impõe; ela é, antes de tudo, uma cooperação ativa. Até as ideias e os sentimentos coletivos só são possíveis graças a movimentos exteriores que os simbolizam... Portanto, é a ação que domina a vida religiosa pelo simples fato de que ela tem por fonte a sociedade (2000, p. 495).

A partir da década de 1950, contrariando o que comumente se observa nos municípios em geral, a formação religiosa dos varzeanovenses foi moldada não nas bases de um cristianismo segundo a ortodoxia da Igreja Católica Romana, mas, sim, de um pensamento protestante, reformado, calvinista, o que faz a história religiosa do presbiterianismo local se confundir com o histórico político, social e econômico da jovem Várzea Nova.

O presbiterianismo, com sua ética calvinista de organização e racionalização da vida, exerceu nessa camada da população e dentro dos limites de sua capacidade de avançar, aquele papel de reorganização da sociedade, cuja preocupação vem de Saint-Simon até Durkheim, passando por Augusto Comte (MENDONÇA, 2001, p. 43).

Conforme analisado durante todo o exposto, a doutrina calvinista e seu estilo regulador de vida política, social e, principalmente, religiosa, tem definido

há séculos um modelo de vida que contribui para a progressão econômica daqueles que professam sua fé. Sua doutrina da predestinação, conforme já visto inicialmente, foi (é) um fator de controvérsias, especialmente se levarmos em consideração a influência arminiana²¹ nos núcleos religiosos que se seguiram. As bases sólidas das ideias de João Calvino, explicitadas em suas *Institutas*²², formaram uma estrutura soberana do divino sobre o humano, bem como em sua estratificação sociopolítica, que rege toda uma ética de profissão de fé e de moral que foi determinante para sua acomodação sistemática de viver uma vocação de modo a implantar um status favorável ao desenvolvimento de uma estrutura propícia ao capital. Conforme dito em outras oportunidades, não significa atribuir ao reformador suíço uma responsabilidade para os rumos históricos do liberalismo. Mas, identificar sua contribuição, em um sistema transitório de economia, para o desenvolvimento de um ethos que decididamente foi fator propenso à sua consolidação. Ora, se levarmos em consideração o contexto dessas ideias, a saber o Antigo Regime²³, torna-se mais fácil compreender a luta dessa corrente doutrinária para intervir na realidade então vigente.

O arranjo religioso que se seguiu, ganhou status internacional e significou, inclusive, justificção de conflitos por todo o ocidente europeu politicamente rijo e protecionista. Numa dessas situações, os Estados Unidos da América foram um dos palcos para a diáspora calvinista em sua estrutura puritana e/ou presbiteriana oriunda das Ilhas Britânicas. A influência calvinista no cenário de formação do povo americano, inclusive de sua independência²⁴,

²¹Os arminianos, seguidores das ideias de Jacó Armínio (1560-1609) teólogo holandês, creem na relação entre soberania de Deus e livre-arbítrio, inclusive no que diz respeito à salvação do homem. Enquanto o calvinismo destaca a soberania de Deus, o arminianismo ressalta a responsabilidade do homem, tanto para sua salvação quanto para sua perdição eterna.

²²A *Instituição da Religião Cristã*, em latim *Christianae religionis institutio*, ou simplesmente *As Institutas*, é a obra principal da teologia calvinista. João Calvino produziu, no geral, oito edições do texto em latim, o que tornava a leitura acessível a diversas nacionalidades, além de cinco traduções para o francês. A 1ª edição continha apenas seis capítulos; a última totalizou oitenta. O nome *Institutas* é uma tradução do título original em latim da obra, *Institutio christianae religionis*. *Institutas* quer dizer instrução, ensino.

²³A sociedade do Antigo Regime era formada por três grupos distintos: o Primeiro Estado, composto pelo clero; o Segundo Estado, formado pela nobreza; e o Terceiro Estado constituído de grupos sociais de diferentes níveis econômicos, como comerciantes ricos, artesãos e agricultores. O estamento de cada pessoa era definido pelo nascimento e, raramente, uma pessoa ascendia de um estamento a outro.

²⁴ O Rev. John Witherspoon (1723-1794), escocês, então presidente da Universidade de Princeton (cargo que exerceu por vinte e cinco anos), foi o único pastor que assinou a

foi fator decisivo para seu progresso como nação. Partindo desse cenário, especificamente em meados do século XIX, os americanos fixaram um empreendimento missionário pela América do Sul e apontaram o Brasil como um país propício ao desenvolvimento de seus ensinamentos, haja vista a influência liberal com a qual seus intelectuais e políticos simpatizavam.

A Bahia, e seu interior, se destacaram por ser um terreno amplo de divulgação do germe teológico onde, embora existindo estreita relação com a Igreja Católica²⁵, o cunho diverso, plural e místico de sua gente foi fator importante para a difusão da mensagem protestante. Apesar de alguns entraves já analisados²⁶, no interior do estado esses atravesalhos não foram problemas, haja vista seu distanciamento da Sé e, portanto, do controle clerical. Desde os trilhos baianos do Rio São Francisco à cidade do Morro do chapéu, passando por Campo Formoso até Jacobina, Várzea Nova se encontra e será alvo de nossa análise e interpretação.

A perspectiva posta pela ética econômica calvinista, presbiteriana, foi a responsável pela implantação do que, hoje, é a maior fonte de renda dos municípios varzeanovenses – o sisal –, cuja primeira muda foi trazida pelo Rev. Otacílio Alcântara. Essa planta se tornou engrenagem fundamental de desenvolvimento no decorrer de sua formação e total subsistência como comunidade.

Apesar de ser um fenômeno historicamente recente, ele se torna objeto de análise por interferir diretamente na sistemática do fazer econômico, político e religioso daquele contexto sertanejo da caatinga baiana; afinal, conforme citara Durkheim: “as forças religiosas são, portanto, forças humanas, forças morais” (2000, p. 496) e “uma sociedade não pode criar-se nem recriar-se sem criar, ao mesmo tempo, alguma coisa de ideal” (p. 500).

Declaração de Independência dos Estados Unidos, em 1776. Muitos presbiterianos lutaram na Guerra da independência.

²⁵Arquidiocese de São Salvador era [é] a Sé Primacial do Brasil, Sé metropolitana da Província Eclesiástica, até 1892 a maior arquidiocese do mundo.

²⁶Júlio Andrade Ferreira trata desses entraves, em História da Igreja Presbiteriana do Brasil (1959), especialmente no segundo volume.

2. A INFLUÊNCIA RELIGIOSA, POLÍTICA E SOCIAL DA IGREJA REFORMADA NO IMAGINÁRIO COLETIVO DA COMUNIDADE DE VÁRZEA NOVA – BA.

Analizamos, no segundo capítulo, o procedimento historiográfico que julgamos necessários à compreensão da trajetória do município de Várzea Nova, bem como a profunda e definitiva contribuição da nouvelle histoire francesa, inicialmente através de Lucien Febvre e Marc Bloch, este último fortemente marcado pela análise sociológica durkheimiana, para uma história das mentalidades e das crenças. Mas, é em Weber que encontra-se o aporte teórico fundamental para a compreensão desse itinerário que compõe essa investigação.

Na perspectiva dos Annales, os estudos das crenças coletivas foi identificada como uma dupla determinação, a saber, religiosa e política, inserindo a temática de forma problematizadora no contexto histórico global, especialmente em *Los Reyes Taumaturgos* (1993), de 1924, no qual Bloch reconstrói o processo de formação das crenças do poder real, que contribuiu à consolidação das monarquias, tanto francesa quanto inglesa.

Ao discutir implicações religiosas no devir político, Bloch inaugura uma forma de análise antropológica da política, proporcionando um enfoque teórico-metodológico para uma historicidade tanto política quanto religiosa de uma dada realidade, o que possibilita fazer o relacionamento do sagrado com a prática política e social, aspecto muito presente na obra de Weber.

Lucien Febvre, de igual maneira, com sua “Psicologia histórica”, constata essa relação no Renascimento e na Reforma Protestante francesa; assim, estreia, com essa “psicologia”, uma história das mentalidades, utilizando-se de temas muitas vezes restritos ao domínio intelectual da antropologia.

Febvre deixou clara sua forma de compreender a relação entre indivíduo e o seu grupo social, entre a “iniciativa pessoal e a necessidade social” (...) sem reduzir atitudes e valores espirituais a meras expressões de transformações na economia ou na sociedade (HERMANN, In. CARDOSO E VAINFAS, 1997, p. 342).

A análise que apresentamos a seguir partirá desse princípio, fundamentando o exame em uma abordagem mais abrangente e totalizante da micro história, na qual o “homem comum” é redescoberto e o percurso dessa

centelha na compreensão do itinerário presbiteriano (calvinista) no interior baiano é parte integrante do constructo intelectual da Igreja Presbiteriana no país, bem como na formação política, social e econômica da urbanização brasileira.

Optamos pela contribuição weberiana na perspectiva histórica, sem, contudo, negarmos a sociologia (o que seria impossível em uma análise de formação comunitária), ou seja, dimensionamos a ação individual e seus derivativos em uma fenomenologia por meio da causalidade que, interagindo, produzem a realidade social da cidade de Várzea Nova.

Ao definir “carisma” e “espírito”; ao distinguir as funções e atributos do mago, do profeta, do sacerdote; ao assinalar a importância da mediação simbólica e do caráter analógico do pensar mitológico e ao refletir sobre a relação entre o crescente processo de maturação, centralização e racionalização das seitas ou crenças religiosas em congregações com as formas de organização socioeconômicas das diferentes sociedades, Weber levantou questões e problemas conceituais que, no momento em que seu trabalho foi publicado (1992), ainda estavam longe de conhecer uma definição mais objetiva (Idem, p. 334).

Hermann observa essa vanguarda da obra de Weber e vislumbra sua maturação em uma realidade presente no contexto atual, mais especificamente, em um fenômeno característico do século XX, especialmente em sua segunda metade.

Nesse sentido, se o trabalho de Weber manteve uma leitura etnocêntrica, evolucionista e mesmo idealista da história das religiões, contribuiu imensamente para lançar a temática das religiões no campo das reflexões conceituais, indispensáveis para sua estruturação e sistematização como disciplina (Idem, p. 335).

No caso da comunidade de Várzea Nova, segundo os princípios de autoridade no processo de dominação do sociólogo alemão, essa máxima se faz muito presente e evidencia o poder carismático do líder religioso (poder-se-ia chamar de messiânico) – o Rev. Otacílio Alcântara – na formação da estrutura sociológica daquele contexto que, empreendendo uma sistematização econômica, unifica objetivos e produz os meios necessários à sustentabilidade da região. Nessa perspectiva, reduz o papel patriarcal dos indivíduos desbravadores (que Weber define como “dominação tradicional”) e “carismaticamente” exerce uma postura fundamental à sobrevivência do

lugarejo. Correspondendo os atributos religiosos às necessidades comunitárias, produz uma realidade, advertida por Weber, e gera a possibilidade de uma existência social.

Na ótica weberiana, a sociedade não se apresenta unicamente e estaticamente imposta ao indivíduo, como uma entidade *sui generis*, mas, destaca o fator interacionista e seu influxo na conduta humana dentro dessa moldura comum a todos os envolvidos. Nessa perspectiva, Várzea Nova novamente se apresenta como uma realidade desenvolvida a partir dessa interação humana que propicia seu desenvolvimento e maturação social. No encontro de diversas realidades autônomas, se desenha o constructo ideal para o florescimento da nova realidade, inicialmente com interesses mútuos (e, paralelamente, distintos) de melhoria na qualidade de vida de cada família e, posteriormente, na ação comunitária que tem por finalidade a identidade local. A fé calvinista (presbiteriana) se apresenta como elemento que organiza e ordena esse fim. Para Weber, esse sentimento religioso é elemento motivacional da ação para a elaboração dos sentidos específicos.

Desta forma, Weber destaca a ação econômica desse pressuposto:

Como uma religião de virtuosos, o puritanismo renunciou ao universo do amor, e rotinizou racionalmente todo o trabalho nesse mundo, como sendo um serviço à vontade de Deus e uma comprovação do estado de graça. A vontade de Deus, em seu sentido último, era incompreensível, e não obstante era a única vontade positiva que podia ser conhecida. Sob esse aspecto, o puritanismo aceitou a rotinização do cosmos econômico que, como a totalidade do mundo, desvalorizou como coisa da criatura e imperfeita. Esse estado de coisas parecia ordenado por Deus, e como material e dado para o cumprimento do dever de cada qual (WEBER, 2002b, P. 232).

Nesse percurso de constructo social, além das questões econômicas, Weber destaca, ainda, a ação política dessa formulação:

A ética social orgânica, quando subestruturada religiosamente, enquadra-se na "fraternidade", mas, em contraste com o amor místico e acósmico, é denominada por uma exigência racional de fraternidade. Seu ponto de partida é a experiência da desigualdade do carisma religioso. O simples fato de que o sagrado só deve ser acessível a alguns, e não a todos, é intolerável à ética orgânica social. Procura, portanto, sintetizar essa desigualdade pelas qualificações carismáticas com a estratificação secular por estamento, num cosmo de serviços por ordenação de Deus, de função especializada. Certas tarefas são atribuídas a todo indivíduo e grupo segundo seu

carisma pessoal e posição social econômica, determinadas pelo destino. Em geral, essas tarefas estão a serviço da realização de uma condição que, apesar de sua natureza de concessão, é agradável a Deus. Essa condição é interpretada como sendo, ao mesmo tempo, utilitária, social e providencial (ibdem, p. 236)

Nessa perspectiva, observa-se o caráter utilitário “vocacional” do indivíduo e sua posição na hierarquia postulada à formulação de uma conjectura social, vai depender desse caráter prático do fazer comunitário. A associação de lideranças carismáticas na realidade de Várzea Nova, a saber, o padre e o reverendo, distinguem bem essa estratificação, o primeiro nessa esfera política organizacional, enquanto o segundo economicamente desenha a estrutura sob a qual se desdobra essa ação. Os participantes comunitários exercem suas atribuições partindo desse princípio de “função especializada” de ordenação divina.

Em Weber, a sociologia do conhecimento e a sociologia da religião se relacionam de maneira a transpor uma análise do fenômeno religioso (puramente) e de suas formas elementares e/ou das hierofanias em si, como foi o caso do empreendimento de Durkheim e, nesse último caso, de Mircea Eliade. Em Weber, a maior contribuição está em entender o comportamento humano como derivado de tal fenômeno, ou seja, as determinações do fazer religioso sobre a ação do homem, tanto do sujeito em seu modo de vida quanto da influência do comportamento religioso sobre os demais aspectos da dimensão social humana.

Ora, nesse termos é possível entender coisas muito diferentes (...) a racionalização da contemplação mística, atitude que, vista de outro prisma, é especialmente irracional e temos também as racionalizações da vida econômica, da técnica, da pesquisa científica, do treino militar, do direito, da administração. Além disso, cada um desses campos pode ser racionalizado em termos consoantes com valores últimos e finalidades muito diferentes, e o que é racional de certo ponto de vista poderá ser irracional, de outro (WEBER, 2002a, p. 32).

Partindo desse pressuposto, observamos que a perspectiva de Weber abrange os aspectos religiosos a todos os processos culturais de racionalização. Para distinguir o valor que as considerações religiosas tiveram sobre determinado aspecto e/ou objeto, faz-se necessário, a constatação da direção que se pretende analisar, “só desse modo se pode tentar uma

avaliação causal daqueles elementos da ética econômica das religiões ocidentais que as diferenciam das outras, na esperança de obter ao menos um grau tolerável de aproximação” (Ibdem, p. 33). Nesse presente estudo, no que se refere à presença calvinista no interior baiano, especificamente na cidade de Várzea Nova, e a interferência presbiteriana para consolidação de seu projeto político e econômico enquanto comunidade primeva, e sua singularidade em relação às cidades daquela região. Por isso, a preocupação dessa proposta se pauta em desvendar, e dar inteligibilidade, à gênese das particularidades (ir)racionais desse processo de desenvolvimento urbano.

Historicamente a presença protestante contribuiu para o desenvolvimento de inúmeras nações ocidentais da época moderna. Weber destaca em sua *A Ética protestante e o Espírito do Capitalismo* (2002a), inúmeras exemplificações dessa afirmativa, a saber, “os poloneses na Rússia e na Prússia Oriental”, “os huguenotes na França de Luís XIV”, “os quakers na Inglaterra”, dentre outros (p. 40). Para esse autor, o desenvolvimento desses territórios identifica um ethos distinto no agir sobre o mundo que favorece a ação dentro de um contexto moderno de transição econômica e ideológica que então se estabilizava. Contrariamente, outras naturezas religiosas não obtiveram o mesmo grau de maturação econômica no Ocidente, durante essa contextura e de seus desdobramentos na contemporaneidade.

Resta, por outro lado, observar o fato de os protestantes, quer como classe dirigente, quer como subordinada, tanto em maioria como em minoria, terem mostrado uma especial tendência para desenvolver o racionalismo econômico (Ibdem, p. 40).

O Ehtos²⁷ protestante

²⁷O que Weber classifica como ethos capitalista é uma secularização de um legado da ética protestante. Refere-se a uma sistemática orientação voltada para o lucro, o trabalho e a competitividade a ele equivalente, além de uma necessidade de aumentar a riqueza, sem, contudo, seu trivial usufruto. Weber localiza a origem desse “espírito”, não nos interesses puramente econômicos; pelo contrário, essa fonte encontra-se no esforço desse ethos no conjunto de valores religiosos (que pressupõe a certeza da eleição divina), ou seja, na ética protestante. Dentre muitos outros fatores, esse “espírito”, segundo Weber, teve papel fundamental, como valioso fator causal, no surgimento do moderno capitalismo.

Várzea Nova, atualmente, não se destaca como referência desenvolvimentista na região baiana do Piemonte da Chapada Diamantina, nem tampouco, evidencia uma economia autônoma de auto-sustentação. O grifo que se pretende observar é o caráter protestante na ação individual de determinados atores que facilitou seu avanço enquanto comunidade, a partir da singularidade objetiva do ethos calvinista no empreendimento de sua proposta urbanizadora. Essa distinção, em relação às demais cidades de seu entorno, e o agenciamento de determinados sujeitos, aproxima esse estudo de uma visão weberiana dos acontecimentos sociais. Especialmente na interpretação weberiana do conceito de ethos – princípio norteador da ação protestante, fundamental ao desenvolvimento do capitalismo.

Weber situa seu estudo a partir do contexto de transição econômica que insere suas conclusões sobre o espírito capitalista. Num período em que as questões religiosas sempre tiveram valor preponderante no cotidiano humano, onde se percebe a necessidade de pertencimento a um contexto religioso como depositária moral da conduta do indivíduo e o cumprimento dos desígnios divinos (religiosos) enquanto sentido valorativo de obediência e sujeição, o pensamento inglês puritano vai servir de fundamento teórico para a adequação desse modo de vida, apropriado à finalidade humana de glorificação de Deus. Nesse cenário, Weber constrói e interpreta o sentido de ethos protestante.

Nesse panorama analítico, considera-se que A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, desenvolve uma sociologia voltada à significação do agir humano pautada nos princípios de santificação da conduta racional humana que, gera, conseqüentemente, prosperidade econômica, quando a vocação individual, qual foi agraciada por Deus, é empreendida ativamente em seu agir sobre o mundo. Nessa perspectiva a riqueza adquire um status de benção, visto que, o homem, foi recompensado pelo investimento fiel de sua vocação, sendo, dessa maneira, o acúmulo de bens interpretado como resultado de sua fidelidade e sinal da graça da predestinação (eleição divina).

É verdade que a utilidade de uma vocação, e sua conseqüente aprovação aos olhos de Deus, é medida primeiramente em termos morais e depois em termos de importância dos bens por ela gerados para a comunidade. A seguir, porém, e em termos práticos acima de tudo, pelo critério mais importante da

lucratividade do empreendimento. De fato, se Deus, cujas mãos os puritanos viam em todas as ocorrências da vida, aponta para um de seus eleitos uma oportunidade de lucro, este deve segui-la com um propósito, de modo que um cristão de fé deve atender a tal chamado tirando proveito da oportunidade. “Se Deus te mostra um caminho pelo qual possas, legalmente, obter mais que por outro (sem dano para a tua alma ou para a de outrem), e se o recusares e escolheres o de menor ganho, estarás em conflito com uma das finalidades de tua vocação e estarás recusando ser servo de Deus e aceitar suas dádivas e usá-las para ele, quando ele assim o quer: podes trabalhar para ser rico para Deus e não para a carne e para o pecado” (WEBER, 2002a, p. 122).

A riqueza, a prosperidade é sacralizada pela hermenêutica calvinista. Contudo, o gozo de seus benefícios apontaria para um perigo tentador de se cair, o pecado do ócio e, por conseqüência, no distanciamento dos propósitos divinos. A inquietude estaria no fato de não se perder o discernimento quanto o verdadeiro propósito da vocação – o exercício da prática diária daquilo que lhe foi dadivado – e, seu pleno regalo, não seria durante sua vida terrena, mas, no porvir, na morada eterna, divina. Segundo Weber, tal conceito puritano se pautava em princípios bíblicos do Velho Testamento.

Porém, maior ênfase foi dada às passagens do Antigo Testamento que apontam a legalidade formal como uma marca da conduta que agrada a Deus. Sustentava-se então a teoria segundo a qual a Lei Mosaica teria perdido sua validade por meio do Cristo apenas à medida que continha preceitos cerimoniais ou puramente históricos aplicáveis somente ao povo judeu, permanecendo ainda válida como expressão da lei natural, e devendo por isso ser mantida. Isso permitiu, por um lado, eliminar elementos que não poderiam ser reconciliados com a vida moderna; por outro, por força dos em umerosos pontos a isso relacionados, a moralidade do Antigo Testamento foi capaz de dar um poderoso ímpeto àquele espírito de sóbria e farisáica legalidade tão característico do ascetismo secular dessa forma de protestantismo (WEBER, 2002a, p. 124).

Conforme observado, verifica-se a constatação weberiana de que tais elementos apresentados da conduta religiosa decorrente da reforma, especialmente (não somente) da Igreja Reformada, são formuladores do que Weber classifica como ethos protestante.

A ação baseada na vocação, conceito luterano já discutido no primeiro capítulo, onde Deus vocaciona seus escolhidos, fornecendo-lhes aptidões específicas para o exercício da atividade humana sobre o plano terreno e que, religiosamente, utilizem-se desses dons com zelo e dedicação, e assim,

prosperem, simbolizaria um caráter espiritual, proximidade com os intentos divinos e, com isso, o sinal de Deus como escolhidos à salvação eterna.

Combinado com uma organização racional metódica da vida, de raízes no ascetismo mundano, esse modo de vida constituiu, segundo Weber, a especificidade da ética protestante. Um novo “tipo de pessoa” entrava então com toda força no cenário da história do Ocidente. Esse “ethos moderno” – uma ética protestante – desbancou o tradicionalismo econômico, afirmou Weber, e também esteve na origem do espírito do capitalismo (KALBERG, 2010, P. 52).

O município de Várzea Nova, em sua gênese analisada nesse trabalho, identifica-se com o caráter desse ethos em seu processo formativo. O trabalho realizado, inicialmente por esforços de missionários presbiterianos, em especial o Rev. Otacílio Alcântara, portanto, herdeiros dos códigos calvinistas de fé, imbuídos desse ethos (conscientemente ou não) contribuíram para fundamentar os mecanismos de socialização, organização (especialmente, econômica) e dinamização das esferas culturais que se estabilizaria a comunidade varzeanovense.

Dessa perspectiva calvinista, de vivência e visão de mundo inconscientes no imaginário da comunidade de Várzea Nova, desenvolveu significados imprescindíveis à sua estabilidade. O conjunto de inovações, inclusive a planta do sisal e suas técnicas de cultivo, extração e otimização como matéria prima, apresentadas pelo missionário Otacílio Alcântara, elucidaram a população para dar propriedade dinâmica de usufruto para fins de subsistência enquanto comunidade, que, com poucas alternativas de solo, clima e pastagem, conseguem transformar o cenário desértico da selva branca (caatinga) baiana, num terreno favorável ao desenvolvimento de uma cultura e, sob esse paradigma, sua base progressista de urbanização.

Seguindo esse arquétipo weberiano de análise, suscita-se a percepção sob essa perspectiva singular do município de Várzea Nova e chama a atenção para o papel socializador dessa dinâmica ética, partindo para a interpretação de seu contexto geral, coletivo, de adequação espacial e seus sintomas causais e comparativos, para, a partir daí, o esforço individual, empreendedor, como elemento agregador de racionalização da realidade e de seu constructo na dinamização dessa paisagem, serão elementos essenciais à compreensão do nascimento de Várzea Nova.

Diferentemente de uma análise organicista, e/ou positivista, onde a tendência de conceber a sociedade e o todo orgânico que ela constitui como uma unidade, e sua coletividade maior que o indivíduo, o sujeito passa a ser interpretado como produto de um contexto socializador, de unidades orgânicas, sistemáticas e objetivamente estruturadas. Weber, no entanto, questiona essa fronteira entre o individual e o coletivo. Para a sociologia weberiana, existe a possibilidade de fragmentações, manipulações, tensões e conflitos que dificultam os estudos voltados à interpretação unificada do todo social, segundo Kalberg, em Max Weber: uma teoria, para a sociologia de Weber, “as pessoas são capazes de interpretar suas realidades sociais, de atribuir um ‘sentido objetivo’ a determinados aspectos delas e de empreender ações independentes” (2010, p. 32).

Em Weber podemos observar duas dimensões de análise: uma de caráter sociológico e outra histórica. Na primeira, verifica-se a objetivação de “conceitos-tipos” nos quais se prioriza as regras gerais do fenômeno social; na segunda, as análises dos fenômenos causais de estruturas e ações individuais de importante relevo cultural constituem a abordagem fundamental para a formação de dada realidade. Fica evidente, desse modo, que, nessa perspectiva analítica, o autor estava fundamentalmente interessado em uma sociologia dos tipos de comunidade religiosa, e não na construção de uma história das religiões.

O exame que se pretende da cidade de Várzea Nova, inicialmente, parte de alguns elementos substanciais presentes na sociologia de Weber, a saber, a compreensão interpretativa e os tipos de ação social, o sentido subjetivo e os tipos ideais.

Compreensão interpretativa

Os sujeitos que atuaram sobre a fundamentação da cidade de Várzea Nova, imbuídos da percepção de sua “ação social”, interpretaram seu posicionamento nesse estamento que se configurava, interpretando ativamente sua condição, interagindo e relacionando-se em valores e interesses, inicialmente comuns, considerando a conduta de seus pares, relativizam e

orientam seu comportamento para dar sentido à sua ação sobre o espaço que se pretende desenvolver.

Na jovem Várzea Nova, o patriarcalismo, e apadrinhamento, do Sr. Zacarias Domingos de Jesus para com seus familiares, vaqueiros e agregados, numa situação normativa, delineava-se claramente os aspectos estruturais dessa formação oligárquica. Com o advento presbiteriano, suas lideranças e inovações econômicas, seguidas das ações políticas e sociais do catolicismo, uma nova ordem se estabelecia. O contexto alterado, com o advento migratório de cidadãos de outras localidades e suas comuns pretensões, necessitava de uma racionalização espacial que contribuísse para a finalidade de propósitos que ora se apresentava. A inteligibilidade dessa noção subjetiva de pertencimento possibilitou sua organização e hierarquização, fundamentando os assentos de ocupação e administração.

Percebemos a compreensão interpretativa e a subjetiva significação do lugar frente ao contexto que se desdobra o comportamento dos sujeitos varzeanovenses, “supõe uma apreensão intelectual do sentido que os atores conferem às suas ações -, ou pela compreensão ‘intuitiva’ ou ‘empática’, que diz respeito a apreender o ‘contexto emocional em que se dá a ação’” (KALBERG, 2010, p. 34). Diante do exposto, evidencia-se a orientação do agir da comunidade de Várzea Nova baseadas em estatutos e leis impessoais, bem como, também, por orientações de reciprocidade frente ao contexto amistoso que se formava entre os pares desse núcleo.

Mesmo sem um organograma documental dessa contextura (apenas relatos impessoais de uma narrativa de longa duração), é inteligível sua aplicação na formulação de uma explicação causal dessa ação que se constrói.

Os sujeitos dessa ação em estudo, através de uma leitura espacial e da conscientização, racional ou não, potencializam habilidades, subjetivam seu lugar no espaço e determinam a conjectura organizacional empreendendo o fazer necessário à sustentabilidade do projeto comunitário.

Nesse aspecto Kalberg, partindo da análise da sociologia weberiana, discorre, citando Weber, sobre os caminhos analíticos do pesquisador para as formulações da natureza social do indivíduo e seus processos de maturação racional dos sentidos:

A despeito de sua ênfase na capacidade da espécie humana de conferir significado subjetivo à ação, Weber afirma que isso muitas vezes não acontece: “A ação real sucede, na maioria dos casos, em surdas semiconsciência ou inconsciência de seu sentido visado. O agente mais o sente, de forma indeterminada, que o sabe ou tem clara ideia dele; na maioria dos casos age instintiva ou habitualmente. Apenas ocasionalmente e, no caso das ações de massa, muitas vezes só em uns poucos indivíduos, eleva-se à consciência um sentido (seja racional, seja irracional) da ação. Uma ação determinada pelo sentido efetivamente, isto é, claramente e com plena consciência, é na realidade apenas um caso limite. Toda consideração histórica e sociológica tem de ter em conta esse fato ao analisar a realidade. Mas isso não deve impedir que a sociologia construa seus conceitos mediante a classificação do possível sentido subjetivo, isto é, como se a ação, seu decorrer real, se orientasse conscientemente por um sentido” (KALBERG, 2010, p. 149).

O caminho que se percorre da formação da cidade de Várzea Nova é compreendida como um sentido subjetivo de racionalização do espaço, conferindo-lhe inteligibilidade e possibilidades de ação para adequação à realidade objetiva numa dinâmica que possibilite sua existência partindo da formação, inconsciente, de valores religiosamente empíricos de transformação contextual. Esse direcionamento religioso orienta seu devir político e econômico, impulsiona ações semiconscientes, ou inconscientes, e cria condições de efetivação do seu projeto de ocupação e desenvolvimento comunitário.

Ação social referente a valores e ação social referente a fins

A análise de Várzea Nova, partindo dos quatro tipos de ação dotada de sentido, da sociologia de Weber, deve-se levar em consideração a sua conceituação de ação social, a saber, a racional referente a fins, a racional referente a valores, a afetiva e a tradicional.

A partir dessa classificação, referente à ação social, o caminho percorrido pela formação da cidade de Várzea Nova iniciará partindo de uma compreensão interpretativa da ação referente a valores, por considerar que esta melhor se encaixa nos rumos consubstanciais dessa gênese urbana. Sabendo com isso que em duas dessas formulações, não necessariamente conforme a ordem presumida, a comunidade de Várzea nova se encaixa em

maior ou menor escala. Em nosso entendimento, as relações de valores ocupam uma ordem inicial de análise. Nessa perspectiva proposta por Weber, a ação racional referente a fins, por sua vez, e não menos importante, indica uma ordem posterior, e final, de nossa abordagem.

A ação racional referente a valores indica uma atitude voltada às questões diversas inconscientes e substanciada por um código subjetivo de conduta empregada, especialmente, em contextos de uma influência religiosa e/ou filosófica em que se presume uma forte ação carismática (tema abordado em maior profundidade no terceiro capítulo) capaz de aplicar um conjunto de ações julgadas necessárias à formação e organização de determinado grupo, utilizando-se de um sequenciamento normativo rígido de disciplina seguida por um conjunto de indivíduos que vê, nessa figura, o perfil necessário à prosperidade comunitária.

Esse tipo de ação existe quando a ação social é “determinada por uma crença consciente no valor em si de uma conduta ética, estética, religiosa ou de outra natureza, independentemente das perspectivas de sucesso... A ação racional de valores sempre supõe ‘ordens ou ‘demandas’ que na opinião do agente lhe são compulsórias (verbindlich)” (KALBERG, 2010, p. 35).

No caso específico analisado pode-se observar que, na comunidade varzeanovense, a ação valorativa do ensinamento, e das práticas religiosas, adquire um status de extrema importância às atitudes práticas do conjunto de atores envolvidos na consolidação organizacional do grupo de pessoas que iniciam a gestação de sua pólis. O advento do fenômeno religioso atribuiu um caráter utilitário à região que possibilitou o enquadramento comunitário no agir possível à efetivação daquele projeto cultural.

A ação carismática dos líderes religiosos, presbiterianos e, posteriormente, quase que paralelamente, católicos, atribuiu valores e possibilidades de autonomia capazes de fornecer condições lógicas à subsistência coesa de condicionamento grupal. Essa natureza valorativa, religiosa, inicia esse processo que tornará possível o projeto cidadão de Várzea Nova.

A doutrina salvadora do ethos protestante, inconscientemente, agiu como otimizador dessa práxis comunitária, quando de sua racionalização das possibilidades de subsistência local. Enquanto que a fé católica sistematizou

política e socialmente o meio cultural para efetivação dessa alternativa, presbiteriana, econômica. Associadas, a racionalização protestante e católica sugestionou valores, problematizaram os espaços e cravaram uma identidade piedosa que fez com que a comunidade varzeanovense operacionalizasse sua ação partindo de uma referência valorativa de ideologia comum.

Conforme a ação social do cidadão de Várzea Nova, inicialmente, foi direcionada por valores, não significa que essa atitude permaneça maquinal. Pelo contrário, há, no passar do tempo, uma rotinização que calcula e coerentemente designa a ação, tornando-a racional com relação a fins. Esse fator de rotinização é, na perspectiva weberiana, fator conseqüente a esse tipo de ação que cria condições favoráveis à atitude inicial da comunidade e favorece sua racionalidade, numa perspectiva que indique a leitura espacial e atitude prática, incorporada na herança cotidiano do grupo social que se sucede.

O revolucionismo emocional é seguido pela rotina tradicionalista da vida cotidiana; o líder cruzado e a própria fé desaparecem ou, o que é ainda mais verdadeiro, a fé torna-se parte da fraseologia convencional. (...) Nesse caso, tal como ocorre com a máquina de todo líder, uma das condições para o êxito é a despersonalização e rotinização, em suma, a proletarização psíquica, no interesse da disciplina (WEBER, 2002a, p. 149).

A sistemática que se observa nesses parâmetros parte de um contexto de influência de dominação social de caráter afetivo, sob a população varzeanovense, e torna-se compulsória na medida em que se observam resultados práticos. A ação referente a valores, com o passar do tempo, se harmonizam em suas finalidades e desaparece no decorrer do tempo por um condicionamento que transforma a ação para uma atitude relacionada a fins.

Mas apesar de e talvez graças ao seu caráter renovador e irracional, o carisma é engolido pela lógica férrea das instituições e obrigatoriamente é rotinizado ou adaptado ao cotidiano, sendo retomado o caminho da institucionalização tradicional ou racional (QUINTANEIRO, 2003, p. 124).

A ação relacionada a fins oculta os valores sem, contudo, suprimi-los, mas, limitando sua influência na ação que precede essa gênese. Desse percurso, percebe-se que a incorporação valorativa foi fundamental ao seu estabelecimento de um contexto organizacional de Várzea Nova, mas, que

descentralizado por forças externas de interesses e polimento urbano de desenvolvimento, absorve seu caráter prático e incorpora essa ação na tradição comunitária, conferindo-lhe sentido e, com isso, despersonaliza-o, gerando uma atitude com finalidades objetivas e inteligíveis.

Sob essa perspectiva analítica, percebe-se a ação social desenvolvida em Várzea Nova como um tipo social referente a valores em seu princípio e convertida numa ação relacionada a fins, prescritos pela presença afetiva do líder e internalizada pela comunidade protagonista da ação.

Breve contribuição de Habermas e sua Teoria do agir comunicativo

As excepcionais maneiras de interação, que ocupa determinante espaço na vida humana, é fator crucial nas ações dos homens. Essa ação é objeto da análise sócio histórica de Weber, haja vista que, o autor, busca a significação dessa atitude, apreendidas pelos agentes da ação, no caso da comunidade varzeanovense, inicialmente religiosa.

Conforme analisado, essa estruturação social se deu em conformidade com princípios puritanos e, no decorrer do tempo, racionalizadas e apreendidas pela comunidade num processo de secularização que resultou da absorção cognitiva desse ethos e desembocou no desenvolvimento da cidade de Várzea Nova e sua continuidade até a presente a data.

Weber não poderia ter construído uma teoria da racionalização se não tivesse a plena convicção – como neokantiano que era – de que podia, ao mesmo tempo, observar processos de concretização de valores tanto de dentro quanto para fora, investiga-los ao mesmo tempo como processos empíricos e como objetivações de saber e, ainda, vincular aspectos de verdade e aspectos de validade. É esse tipo de investigação exigido pelo desenvolvimento das imagens do mundo religioso-metafísicas (HABERMAS, 2012, p. 336).

Em Habermas, percebemos não uma tentativa de superação da proposta analítica de Weber, mas uma contribuição a partir de elementos reflexivos dessa sociologia na abordagem que privilegia a ação comunicativa de agentes que pertencem a um núcleo intersubjetivo de racionalidade. No subsídio à investigação weberiana, Habermas observa um avanço do processo

teleológico de Weber que desemboca numa ação comunicativa. Ora, essa contribuição não nega a perspectiva geradora desse processo, a saber, no caso de Várzea Nova (e das análises ocidentais gerais de Max Weber), fenomenológicos religiosos.

O conceito de mundo da vida em Habermas resulta de uma volta às origens sintéticas e espontâneas da filosofia transcendental, evitando, porém, seu formalismo, no confronto com a historicidade e a complexidade da evolução de um mundo, social desde a sua origem, e em permanente mudança. Habermas tenta integrar a filosofia transcendental a procedimentos hermenêuticos e dialéticos para elaborar uma teoria da evolução social associada a uma teoria da racionalidade que integre teoria e prática e articule o processo de racionalização da modernidade com a diversidade de contextos sociais e culturais do mundo da vida histórico (ZANELLA, 2009, p. 701).

A intenção de atrair Habermas a esse discurso não significa uma apropriação definitiva de análise. Mas, de perceber que o caminho indicado por Weber possibilita outras interpretações, que, segundo nosso julgamento, enquadra-se na proposta desse trabalho. Esse recorte habermasiano, especialmente o que se refere ao desencantamento das imagens de mundo religioso-metafísicas e o surgimento de estruturas de consciência, será obsequiado à pesquisa possibilitando múltipla possibilidade de compreensão, onde se é apresentado, por um lado, problemas de necessidades exteriores – no caso de privações materiais –, e por outro lado, problemas de necessidades interiores – no caso de privações ideais.

Assim, entre ideias e interesses há relações de uma lado conceituais e, de outro, empíricas. São conceituais porque as carências ideais estão diretamente ligadas a ideias e valores, e as carências materiais precisam ser interpretadas com auxílio de ideias. Por outro lado, ideias e interesses estabelecem relações empíricas entre si tanto nas ordenações da vida em sociedade quanto nas estruturas de personalidade de seus integrantes (HABERMAS, 2012, p. 338).

Essa ordenação da vida, expostas pelas perspectivas habermasianas, embasadas em Weber, regulamentam a estrutura social e possibilitam sua fundamentação, desde que apresentadas perduráveis possibilidades de existência, “ideias, por sua vez, não logram impor-se empiricamente caso não se aliem aos interesses que conferem poder” (Ibdem). Poder esse,

especialmente e especificamente em Várzea Nova, que lhe conferia a contingência de seu projeto emancipatório, enquanto comunidade.

A comunidade varzeanovense (assim como em outros contextos ocidentais) tem em seu projeto societário um trânsito progressivo de uma ação valorativa para uma ação estratégica, a saber, a racionalização dos ideais puritanos e sua cosmovisão econômica de otimização espacial. Através desse cenário, amplamente discutido pela ação relativa a fins de Weber, percebe-se um protagonismo do sujeito em detrimento da ação coletiva. Apoiados em Habermas, percebemos a ação comunicativa como elemento agregador à sua consolidação nesse modelo de práxis. Partindo de um contexto de comunicação, os atores harmonizam ideias e sentimentos e traçam possibilidades de realidade na discussão de planos de ação consensuais.

Esse paradigma da comunicação parece óbvio, contudo, essa habilidade, identificada por Habermas, está claramente relacionada à linguagem, entretanto, às afinidades eletivas do organismo social e sua estratégia na definição de suas metas enquanto sociedades organizadas, economicamente ativa e politicamente agrupadas, serão essenciais para o estabelecimento de uma diretriz comum, possível à adequação de inúmeros sujeitos – o patriarca com sua família e agregados, interessados no bem estar proporcionados por essa realidade, o pastor, com sua ética puritana capaz de uma leitura espacial econômica de subsistência com seu rebanho de seguidores que compactuam desses sentimentos orgânicos de cultura agrária e o padre, através de uma social visão política de organização e ajuda humanitária – díspares em suas percepções. Esse importante fator (agir comunicativo) sugere um mecanismo facilitador na coordenação da ação e serve de alicerce para a estabilidade comunitária.

O ouvinte aceita com seu “sim” uma oferta de ato de fala e funda um comum acordo que, de um lado, se refere ao conteúdo da enunciação e, de outro, a garantias imanentes ao ato de fala, no caso de ações de fala explícitas, expressa-se na pretensão que, com o auxílio de um verbo performativo, o falante manifesta em favor do que ele mesmo diz. À medida que reconhece essa pretensão, o ouvinte aceita uma oferta feita com o ato de fala. Esse êxito ilocucionário será relevante na ação na medida em que se cria com ele, entre falante e ouvinte, uma relação interpessoal eficaz para a coordenação; e tal relação deverá ordenar os espaços de ação e consequências da interação, além de abrir possibilidades de

vínculo para o ouvinte, por meio de alternativas gerais de ação (HABERMAS, 2012, p. 513).

É importante salientar que esse percurso comunicativo não ocorre de maneira cronológica, mas, paralela à ação. O discurso, e sua apreensão, não estão relacionadas num estágio posterior às ações relativas a valores, mas, concomitantes à essa, uma vez que, em Várzea Nova, a retórica do profeta vem como elemento agregador e, sua aceitação, estratégica na identificação com as possibilidades de existência local.

Habermas organiza primeiro as bases de uma teoria do agir comunicativo, para depois incorporar a perspectiva do sistema, tendo em vista dois tipos de coordenação das ações: uma que é medida a partir do consenso dos participantes, e outra que é realizada a partir da via funcional dos observadores (ZANELLA, 2009, p. 703).

Na perspectiva de Weber, essa configuração cultural que se apresenta em contraposição a ética da fraternidade é assinalado pela racionalização que, segundo Habermas, identifica à racionalização cultural ou conduta metódica da vida, presente numa complexa formalização das esferas culturais.

Essa racionalização da cultura implica um rompimento com os meios “mágicos”, bem como, de todos os aspectos religiosos e sagrados de salvação e/ou identificação da eleição, esse aspecto, por si só, gera um desencantamento da vida. O objeto de culto, divino, é substituído pela figura humana e a salvação predestinada é engolida pela ideia de vocação do trabalho – o êxito na labuta distingue o eleito de Deus. Desse modo, instala-se uma ascese intramundana da profissionalização do trabalho, além disso, um rigor metódico e sistemático de uma ação controlada por princípios automatizados (razão subjetiva). Os aspectos centrais da vida passam para um gerenciamento de princípios próprios de cada indivíduo, secularizando, afastando-se da religião que anteriormente englobava a totalidade da ação humana.

Essa moldura secular será posteriormente identificada na concepção de vida e ação social da comunidade varzeanovense. Mesmo aqueles que vivem uma vida religiosa, perceberá em suas atitudes uma prática voltada para o divino, sem uma sustentação teórica de fé. O agir mecanizado do culto não significa uma atitude social ascética pautada em formulações teológicas, mas,

numa ação amálgama de fé que não apresenta relação com o fundamento gerador daquela realidade.

Quanto mais avançou a racionalização e sublimação da posse exterior e interior das “coisas mundanas” – no sentido mais amplo – tanto mais forte tornou-se a tensão, por parte da religião, pois a racionalização e a sublimação conscientes das relações do homem com as várias esferas de valores exteriores e interiores, bem como religiosos e seculares, pressionaram no sentido de tornar consciente a autonomia interior e lícita das esferas individuais, permitindo, com isso, que elas se inclinem para as tensões que permanecem ocultas na relação, originalmente ingênua, com o mundo exterior. Isso resulta, de modo geral, da evolução dos valores do mundo interior e do mundo exterior no sentido do esforço consciente, e da sublimação pelo conhecimento (WEBER, 2002b, p. 229).

Na interpretação de Weber, a racionalização da sociedade moderna é posterior à racionalização das imagens religiosas. Isso fica bem evidente nessa análise da formação econômica e política de Várzea Nova. As concepções religiosas – nesse caso, presbiteriana, calvinista – e seu gerenciamento, ascético supramundano da cultura ocidental, sublinhou a racionalização consequente de sua inteligibilidade e possibilitou sua interiorização num contexto propício à sua formação. O processo que se segue é o do ordenamento secular que ocorre a partir da rotinização desse paradigma na ação comum dos indivíduos varzeanovenses.

Nenhum outro movimento religioso, no entender de Weber, foi mais longe na realização do desencantamento do mundo e da unidade sistemática da relação entre “Deus e o mundo” e, em consequência, da relação “propriamente ética com o mundo”, do que o ascetismo racional intramundano da ética protestante (ARAÚJO, 1994, p. 31).

Tensões religiosas e culturais

Weber promove uma discussão sobre os caminhos que levaram a tensão entre os aspectos ligados à religião com as demais esferas sociais de sua teoria.

Dentre os elementos de tensão abordados por Weber encontra-se, primeiramente, a esfera doméstica, os laços parentais e sua desvalorização

pelos aspectos proféticos, surgindo, dessa tensão, um enfraquecimento do clã natural pelos laços fraternos da comunidade religiosa, surge desse processo uma transferência da ética parental para uma ética entre irmãos de fé, “a profecia criou uma nova comunidade social, particularmente quando ela se tornou uma religião soteriológica de congregações. Com isso, as relações do clã e do matrimônio foram, pelo menos relativamente, desvalorizadas” (WEBER, 2002, p. 230).

Em Várzea Nova podemos observar essa desagregação nas relações parentais, e de apadrinhamento, na família Domingos de Jesus em relação à confraria de irmandade que se formava, tanto pela conversão de seu filho, João Domingos de Jesus, quanto do enfraquecimento do poder tradicional dessa liderança pelo carisma do profeta, Otacílio Alcântara, que, numa conciliação aprazível, uniram-se em laços de lealdade por um projeto maior de continuidade e crescimento da comunidade que ora se fortalecia.

A esfera econômica, também passou por alterações em seu processo de racionalização e rotinização da ética religiosa, uma vez que, nesse aspecto, o conflito entre os valores religiosos e econômicos ficam mais evidentes. Ao passo que a economia se desvincula de uma ação religiosa para uma ação monetária, gera uma conflituosa relação de impessoalidade, quando, em sua essência religiosa, os laços fraternos são imperativos na comunhão do grupo; na esfera econômica as ações são mediadas pelo dinheiro, o mais impessoal dos elementos, bem como sua relação com a lucratividade, considerado um fim em si. Surge dessa tensão uma contradição, pois, na medida em que a religião ordena sua ação orientada em relação a valores, a economia exige uma ação orientada por fins. A metódica sistemática da ação econômica é, em seu âmago, incompatível à fraternidade e a atitude caritas da mensagem salvadora da religião. Weber observa essa característica e afirma que “nenhuma religião de salvação autêntica superou a tensão entre sua religiosidade e uma economia racional” (2002b, p. 232). E, continua,

Uma economia racional é uma organização funcional orientada para os preços monetários que se originam nas lutas de interesse dos homens no mercado. O cálculo não é possível sem a estimativa em preços em dinheiro e, daí, sem lutas no mercado. O dinheiro é o elemento mais abstrato e “impessoal” que existe na vida humana. Quanto mais o mundo da economia capitalista moderna segue suas próprias leis

imanescentes, tanto menos acessível é a qualquer relação imaginável com uma ética religiosa de fraternidade. Quanto mais racional, e portanto impessoal, se torna o capitalismo, tanto mais ocorre isso (Ibdem, p. 231).

Na realidade de Várzea Nova essa condição impessoal e monetária também se evidenciou. As relações formam sendo orientadas por aspectos funcionais e não mais valorativos, essa derivação minou os aspectos religiosos e sublimaram a vida econômica num patamar de importância que incompatibilizava com a essência religiosa.

No decorrer da incursão “nortista” (migrantes vindos do Nordeste do Brasil), em território varzeanovense, essa característica se acentua, pois, dominando o capital e sistematizando o cultivo e colheita do produto agrícola (o sisal), fortaleceu uma economia de mercado e enfraqueceu os laços religiosos, inicia-se uma mecanização da cultura de subsistência econômica, configura as orientações de relação de trabalho e monopoliza territórios e área de plantio e cultivo. Essa penetração, estranha à comunidade, fortaleceu os imperativos civilizadores do grupo que tinham, no sisal, agora, uma alternativa de mercado e de exportação comercial.

Deve-se levar em consideração que esses personagens (os “nortistas”, como eram chamados) não tiveram a orientação asceta da missão presbiteriana liderada por Otacílio Alcântara, que tanto mencionamos nesse texto, de valorização vocativa da ação sobre o mundo. Esse contexto que se apresenta evidencia o conjunto de fatores que contribuíram para a secularização do devir varzeanovense. Porém, cabe salientar que, o objetivo dessa investigação é a ética puritana, em sua leitura presbiteriana, como forças que contribuíram para a gênese da cidade de Várzea Nova e as possibilidades de sua existência social. Portanto, não é propósito dessa análise um aprofundamento dos caminhos posteriores a essa ação.

A esfera política, da mesma forma, refuta uma moral da fraternidade justamente por tratar-se de um terreno que se locomove a partir de uma dinâmica lógica, racional, própria, afinal, tanto “na política, quanto na economia, quanto mais racional se tornava a ordem política, tanto mais agudos os problemas dessas tensões se tornavam” (WEBER, 2002b, p. 233). Nesse aspecto, a execução política se dá de maneira, também, impessoal, contudo, tal ação é de outra natureza em relação à econômica, por exemplo. Para

Weber, por se tratar essencialmente de uma condição “violenta” em seu cerne, a política vai de encontro à mensagem amorosa de um Deus paterno.

Apesar de todas as “políticas de bem-estar social”, todo o curso das funções políticas, internas do estado, da justiça e administração, é regulado repetidamente e inevitavelmente pelo pragmatismo das “razões de Estado”. O fim absoluto do Estado é salvaguardar (ou modificar) a distribuição externa e interna de poder; em última análise, essa finalidade deve parecer insensata a qualquer religião universalista de salvação (Ibdem).

Weber, nessa sua análise (2002b, p. 232 – 237) propõe uma discussão sobre as incompatibilidades da esfera política com a ética fraterna das religiões universais. Sua interpretação parte do sentido geral de política (em seus aspectos burocráticos, administrativos e meios coercitivos). Sintetizamos essa análise para o contexto varzeanovense de formação política, entendendo que essa primazia ocorre com o advento de uma base econômica e religiosa, mas, de caráter racional quando de sua internalização e incorporação prática no cotidiano da comunidade, que, nesse ínterim, tem seu gerenciamento em harmônica conexão com a fraternidade universal da religião (Católica e Presbiteriana). Contudo, esse processo, do qual Weber genericamente aborda, encaixa-se no contexto da cidade de Várzea Nova, com uma distribuição mais equitativa de classes e de poder, no momento de sua parcial autonomia política, enquanto distrito da cidade de Jacobina, já com representantes legais no legislativo municipal, até sua posterior emancipação, no dia 25 de Fevereiro do ano de 1985 (aspectos mais amplamente discutidos no terceiro capítulo).

Esse processo racional de formação política, no âmbito local analisado, afasta-se de seu cerne religioso, mas, garantido e legalizado por este. Ora, esse caráter supramundano das religiões universais (da qual se enquadra, tanto o presbiterianismo quanto o catolicismo) vê no posicionamento político uma vontade divina e, portanto, aceitável e plausível, uma vez que, a justiça e determinações sagradas são incompreensíveis à razão humana.

O puritanismo, com seu particularismo da graça e seu ascetismo vocacional, acredita nos mandamentos fixos e revelados de um de Deus que, sob outros aspectos, é incompreensível. Interpreta a vontade de Deus como significado que esses mandamentos devem ser impostos ao mundo das criaturas pelos meios deste mundo (...) pois o mundo está sujeito à violência e ao barbarismo ético. E isto

significa, pelo menos, barreiras que resistem à obrigação de fraternidade no interesse da “causa” de Deus (WEBER, 2002b, p. 234).

Weber continua sua análise de impossibilidade de coexistência das esferas religiosas e do mundo e de suas direções, uma vez que, o distanciamento original da ética fraterna dos rumos mundanos e numulários do agir humano ocidental atingem toda uma gama de aspectos da vida, a saber, além da doméstica, econômica e política, os aspectos estéticos, eróticos e intelectuais (2002b, p. 237 a 249). Nesse trabalho pretendemos nos ater apenas nas esferas já analisadas, por entender que nesses fatores encontra-se o conjunto formador da cidade de Várzea Nova, propósito dessa investigação.

Dessa objetiva análise weberiana de substituição dos valores religiosos pela posse da cultura (racionalismo), em todos os seus aspectos – domésticos, econômicos, políticos, estéticos, eróticos e intelectuais –, conduz a uma dissolução da fraternidade como guia ético do homem moderno. Consolida-se uma ação direcionada a fins subjetivos de razão individual, onde a validação é da consciência autônoma do indivíduo e, como conseqüência, um distanciamento dos interesses do coletivo.

A automatização de cada uma das esferas da vida partiu de uma base religiosa e encontrou no sistema instaurado como resultado desse ethos, uma tensão impossível de ser equacionada pela via fraterna acósmica. Entrona-se a auto-satisfação de um “eu” pessoal e, com a ausência de valores comuns, uma auto-regulação a partir do racionalismo humanista, filosófico e científico de valor utilitarista na ambição do lucro, associadas à agonia da busca de sentido para a vida.

Vista dessa forma, a “cultura” surge como a emancipação do homem em relação ao ciclo da vida natural, organicamente prescrito. Por essa razão mesma, cada passo à frente da cultura parece condenado a levar um absurdo ainda mais devastador. O progresso dos valores culturais, porém, parece tornar-se uma agitação insensata a serviço de finalidades indignas e, ainda mais, autocontraditórias e mutuamente antagônicas. O progresso dos valores culturais parece ainda mais insensato quanto mais ele é tomado como uma tarefa sagrada, uma “vocação” (WEBER, 2002b, p. 248).

E conclui,

A cultura torna-se cada vez mais um centro absurdo de imperfeição, de injustiça, de sofrimento, pecado, futilidade, pois é necessariamente sobrecarregada de culpa, e seu desdobramento e diferenciação tornam-se assim, necessariamente, ainda mais insensatos. De um ponto de vista puramente ético, o mundo deve parecer fragmentário e sem valor sempre que julgado à luz do postulado religioso de um “significado” divino da existência. Essa desvalorização resulta do conflito entre a pretensão racional e a realidade, entre a ética racional e os valores em parte racionais e em parte irracionais. A toda construção da natureza específica de cada esfera especial existente no mundo, esse conflito parece destacar-se cada vez mais e de forma mais insolúvel. (...) E não só o pensamento teórico, desencantando o mundo, levava a essa situação, mas também a própria tentativa da ética religiosa de racionalizar prática e eticamente o mundo (Ibdem).

O argumento weberiano de desencantamento do mundo pelas vias racionais permite-nos uma leitura niilista da perspectiva de valores num contexto altamente egocêntrico e suas conseqüências no mundo contemporâneo. Em Várzea Nova, como no espaço religioso brasileiro, ocorre, em seu percurso histórico, essa via progressiva e se ajusta nessa tentativa de enquadramento da conciliação dos valores subjetivamente religiosos e uma crescente, e objetiva, secularização cultural.

A realidade empírica varzeanovense é resultante de uma ética econômica e política religiosa que teve em seu movimento final a conjectura weberiana de condicionamento humano às necessidades sistemáticas de uma nova ordem estabelecida, onde o sagrado é coadjuvante de uma postura cultural, racional, de estabelecimento no, e sobre, o mundo.

3. Compreender a relação entre religião e desenvolvimento político e econômico, destacando a importância da doutrina presbiteriana na construção da cidade de Várzea Nova – BA.

O estágio de desenvolvimento político e econômico de certas sociedades primevas (tribos australianas e da Malásia, por exemplo), relacionava, diretamente, o sentido do fazer religioso à superação de suas dificuldades materiais imediatas. Podemos desse modo, compreender o trajeto da cidade de Várzea Nova, em seu percurso desenvolvimentista, comparando-o às ideias de condicionamentos inconscientes e da representação coletiva de Durkheim²⁸ e Marcel Mauss²⁹. Desse modo, “conferia-se à religião um sentido pragmático, mas, sobretudo social, na medida em que possuía o papel de reestruturar a vida do grupo através de uma reaproximação ritual com o tempo mítico das origens” (HERMANN, 1997, p. 331). Esse paralelo parece oportuno quando que a constituição do agir político e econômico de Várzea Nova se dá de maneira utilitária no movimento religioso que lhe favoreceu em sua estruturação.

Nosso estudo sobre a realidade da constituição do município de Várzea Nova – BA e a influência do presbiterianismo para sua formação, passa pela prática ou pelo processo de apropriação que não se ocorre de forma aleatória, mas interligada às formas de apreensão e apreciação feitas do real. Dizem respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do contexto apreendido. São elas que modelam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro se tornar inteligível e o espaço pode ser decifrado.

²⁸Durkheim fundamenta esse conceito na conjectura sociológica e amplia a noção de “categorias do entendimento” de modo a designar as “formas da sensibilidade” como categoria do entendimento e, portanto, “representação social”. Tais categorias possibilitam a interpretação do modo pelo qual o grupo avaliado compreende, e, conseqüentemente, representa o mundo, às formas de pensar que estão associadas suas práticas sociais. Entre as manifestações que permitem observar as “representações sociais” das diferentes sociedades, Durkheim realça os ritos e os símbolos.

²⁹Mauss indica que a noção de indivíduo, sendo construída socialmente por toda uma pedagogia técnica e simbólica que determina o sentido do corpo e de sua individualidade para o sujeito, é uma das formas fundamentais do pensamento e da ação das pessoas, sendo, portanto, uma representação coletiva, uma categoria do entendimento; e, como toda categoria do entendimento, ela é adquirida.

Nesse contexto, observamos o sentido do saber religioso para o enquadramento de uma comunidade nos moldes civilizacionais que garantiriam sua sobrevivência social. O modelo histórico, anteriormente explicitado, concentrará sua atenção nessa perspectiva das estruturas socioculturais que definiram seu panorama do sagrado e contribuíram, naturalmente, para o desenvolvimento da cidade de Várzea Nova – BA. Com isso, percebemos a ação ética da religiosidade de herança calvinista no contexto social daquele espaço e a maneira como essa foi inserindo sua primazia, mesmo sem uma concentração de devotos e professos dessa “nova fé”, mas, garantindo um territorialismo eclesiástico que lhes conferiu status de liderança e, por conseguinte, seu estabelecimento religioso e, por que não afirmar, político e econômico.

Diante do contexto eticamente calvinista seus partícipes, indiferentes à doutrinação puritana e alheios à sua base devocional, congratularam dessa propaganda religiosa, abraçaram a nova proposta ministerial e conheceram uma fé cristã voltada aos aspectos práticos do cotidiano secular, a fim da comunhão proposta entre seus pares e da devoção ao superior criador, divino e sagrado.

Pretendemos construir, através dos discursos narrados do passado, um material cognoscível que leve em consideração os limites do conhecimento científico, do vulgar e/ou da fé, observando proximidades cada vez maiores entre esses polos aparentemente opostos.

Ao analisar as fontes históricas, sejam elas primárias ou secundárias, deve-se levar em consideração a forma como estas contribuíram para a formação da memória, bem como, suas influências temporais; afinal, cada momento histórico suscita uma interpretação específica, cada época sugere sua ideologia e realidade vigente.

Sob uma ótica global de nossa pesquisa, atentos a um posicionamento não-funcionalista do natural e divergente de qualquer tentativa de redução unilateral, pensamos uma abordagem em termos gerais. O espaço como resultante de inúmeros fatores, encadeados na fundamentação e organização geográfica que implica o objeto da pesquisa, a saber: os dados da geografia física (1); os dados do direito (2); a tecnologia disponível (3); os dados da demografia (4); e os dados da sociologia (5) (SILVA In CARDOSO; VAINFAS,

1997, p. 211). Neste caso, seguindo essa lógica de pesquisa costuraremos um encadeamento de informações que proporcione uma compreensão do objeto, partindo dos pressupostos ora listados, seguindo a ordem sugerida por Silva (1997).

Em estudos sobre uma perspectiva geográfica/espacial, fica evidente a obviedade fulcral de apoiar-se na perspectiva do “programa para uma geografia histórica” do geógrafo baiano Milton Santos, que centra o núcleo de seus estudos sob a ótica de que “os homens e suas atividades não se acham em sua presente localização exclusivamente por causa da interação de fatores naturais”; segundo Santos, o espaço, na maioria das vezes, resulta, “direta ou indiretamente, de fenômenos que deitaram raízes previamente”.

O espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida (...) o espaço deve ser considerado como um conjunto de funções e formas que se apresentam por processos do passado e do presente (...) o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções (SANTOS, 1978, p. 122).

Seguindo essa perspectiva epistemológica, Milton Santos sugere que “o estudo de localizações individuais, assim como o estudo do espaço, não pode passar por cima da dimensão temporal” (1979, p. 56), histórica; tampouco, o contrário. Sabedor da importância dessa relação, Santos sugere aos estudantes da geografia que se voltem aos estudos históricos e suas alternâncias no decorrer do tempo, gerados pela difusão de fatores “modernos”, que devem sujeitar-se às normas de dimensionalidade, o que implica uma análise operacional, portátil à sua inteligibilidade (1979, p. 41; 44).

O espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, (...) o espaço evolui pelo movimento da sociedade total (SANTOS, 1978, p. 171).

Desse modo, para entender a história do presbiterianismo e sua influência para a formação social e econômica da cidade de Várzea Nova – BA faz-se necessário, entre outras abordagens, a compreensão de sua localização espacial, unindo as possibilidades geográficas aos acontecimentos históricos

que possibilitaram a ação humana dentro de seus limites intra e extraterritoriais.

3.1 Os dados da geografia física³⁰

Várzea Nova localiza-se na Mesorregião Centro-Norte da Bahia, na região do Piemonte da Chapada Diamantina, Bahia. Com uma área de 1.165,165 km², ela está inserida nas folhas cartográficas de Umburanas, América Dourada e Jacobina na escala de 1:100.000. Seu território teve sua emancipação política do município de Jacobina em 25 de fevereiro de 1985, quando, por ocasião da Lei Estadual 4.406, foi conquistada sua autonomia político-administrativa.

Faz fronteira com os municípios de Orolândia, a norte, Jacobina, a leste e nordeste, Miguel Calmon, a sudeste e Morro do Chapéu, a sul e a oeste.

A sede municipal tem altitude de 742 metros e coordenadas geográficas de 11°15'31" de latitude sul e 40°56'31" de longitude oeste.

O acesso a partir da capital, Salvador, é efetuado pela rodovia BR 324, até Feira de Santana, podendo, assim, seguir pela BR 324 até o distrito de Lages do Batata, passando por Jacobina, direcionando-se pela BA 426 em direção a Várzea Nova, em um percurso total de 390 km; ou pela BA 052 (Estrada do Feijão) até Morro do Chapéu e, desta, para Várzea Nova, pela BA 426. A BA 426 que possibilita fluxo para Jacobina (68 km) e Morro do Chapéu (45 km) é a principal via de escoamento da cidade.

A área do município inclui-se no chamado "Polígono das Secas", pelo seu clima tropical semiárido e longos períodos de estiagem. Essa atmosfera se caracteriza pelo baixo índice pluviométrico (que raramente ultrapassa 750

³⁰VIEIRA, Ângelo Trévia, et-all. **Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea - Diagnóstico do Município de Várzea Nova – Bahia**. Salvador: CPRM/PRODEEM, 2005, Anexos, p.15.

Disponível em <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 12/10/2007.

SRIVASTAVA,N.K.; ROCHA,A.J.D. 2002. Fazenda Arrecife, BA - Estromatólitos Neoproterozóicos. In: Schobbenhaus, C.; Campos, D. A.; Queiroz, E. T.; Winge, M.; Berbert-Born, M. L. C. (Edits.) **Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil**. 1. ed. Brasília: DNPM/CPRM - Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos (SIGEP), 2002. v. 01: 63-71.

Disponível em <http://www.sei.ba.gov.br>. Acesso em 12/10/2007.

mm/ano), distribuído irregularmente em poucos meses de chuva. Em média a temperatura gira em torno de 24°C.

Chamadas pela população local de “trovoadas”, as chuvas de verão são estimuladas pela ação da massa de ar equatorial continental que traz a umidade originária da Amazônia central, mas que, em seu percurso, perdeu grande parte da umidade. Essas precipitações são chuvas frontais (oriundas da colisão de uma massa de ar fria com outra massa de ar quente e úmida), que geralmente chega da direção norte e/ou oeste. Também é comum a ocorrência de chuvas convectivas, no verão.

Por consequência da ação da massa equatorial continental, normalmente a população chama de “inverno” o período entre as trovoadas e o “verão”, época menos chuvosa, alterando as denominações.

No inverno, com o avanço estável da massa tropical atlântica, perde-se muito de sua umidade nas áreas serranas próximas à zona litorânea, ou da massa polar atlântica (frentes frias). As cadeias montanhosas da Serra de Jacobina e o despenhadeiro alcantilado da Serra do Tombador impedem considerável contingente de nuvens e umidade dessas massas de ar, o que salienta, ainda mais, as características climáticas dessa região serrana.

No sertão nordestino há uma “colisão” de quatro sistemas atmosféricos procedentes das massas de ar MEC, MTA, MEA e MPA, que funciona como um centro dispersor, o que caracteriza à região irregularidade na ação dessas massas e, conseqüentemente, irregularidades espaciais e temporais na distribuição das chuvas.

A vegetação que predomina no território varzeanovense é a caatinga, mas há presença de contato caatinga-floresta estacionária ou cerrado-floresta estacionária.

A caatinga (mata branca em tupi-guarani) é o único bioma exclusivamente brasileiro. Com uma rica biodiversidade e diversas espécies endêmicas, significa que grande parte do seu patrimônio biológico não pode ser encontrado em nenhum outro lugar do planeta, a exemplo do umbu, da aroeira, do licuri, da baraúna, do pinhão, do angico e do juazeiro. A vegetação é admiravelmente adaptável às condições de aridez: xerofítica, caducifoliar e aberta, arbóreo/arbustiva, de galhos retorcidos, em suas maiorias espinhosas. Quanto à fauna, muitos de seus representantes (como o veado catingueiro, a

onça-parda, o gato-do-mato, o jacu-verdadeiro, a arara-azul, a jararaca) figuram entre os mais atingidos pela caça predatória e destruição do seu habitat natural.

A degradação, fruto histórico da ocupação desde o início da povoação local, por cultivos e pastagens, também e especialmente, com a presença calvinista e sua implementação da agavesisalana para exploração extrativista, tem provocado que o ecossistema do bioma (caatinga) da região seja seriamente degradado, com a substituição de espécies vegetais nativas. As queimadas, para tais práticas, são comumente utilizadas para o preparo da terra nas atividades extrativistas e de agropecuária, o que, além de arrasar a cobertura botânica, atravança a conservação de populações da fauna silvestre, a qualidade da água, e o equilíbrio do clima e do solo.

No município de Várzea Nova a destruição da caatinga não foge a este contexto; ela é intensificada pela ação da população local, tanto para a agricultura, para exploração do sisal, quanto para a criação de pastos, além da caça predatória, resultando em um processo rápido de desvegetação e, conseqüentemente, de desertificação.

Várzea Nova está inserida na bacia do rio Salitre. Possui como principais escoamentos o próprio rio Salitre e o riacho Conceição. Além desses, possui escassa drenagem de riachos e ravinas que predominam nas baixadas, surgindo corredeiras nos desníveis em época de chuva.

Próximo ao distrito de Tábua, o rio Salitre é uma intermitente drenagem com fluxo em direção ao norte, que intercorre no centro-oeste da área municipal.

A degradação ambiental tem prejudicado a biodiversidade e os ecossistemas naturais das poucas nascentes que ainda temos e provoca o assoreamento dos riachos, além do processo erosivo empobrecer o solo. Como exemplo, temos o olho d'água situado à margem do Açude de Salinas, que (aliado a outros fatores) está extremamente comprometido devido à destruição da vegetação ciliar.

Diante do exposto, fica evidente nosso propósito na citação dos dados que foram citados. Em consonância com Silva, concluímos que “a geografia não definiria o quadro de análise e, muito menos, o processo histórico (...). Apresenta-se, assim, como condição sensível inicial, mas incapaz de

determinar qualquer processo linear de evolução” (1997, p. 212). O estudo da paisagem favorece a compreensão do espaço, bem como das transformações, tanto físicas quanto ideológicas, favoráveis a essas mutações históricas, produtoras de realidades, mas não temos a pretensão de utilizá-las analiticamente, eles objetivam a compreensão inicial do objeto estudado.

3.2 Os dados do direito

Necessário se faz traduzir a ideia original do que, baseados em Silva, chamamos de “dados do direito”, a saber, “o conjunto de regras, normas e tradições que regulam a apropriação e o uso da natureza pelo homem” (1997, p. 212). Segundo o mesmo autor, o funcionalismo da historiografia tradicional tratou idilicamente essa temática fazendo uma relação entre a natureza e os grupos sociais, na qual um se apropriava do outro em conformidade com a necessidade dos recursos naturais disponíveis. Nessa perspectiva, “o nível técnico e as necessidades naturais dos grupos definiram, exclusivamente, o conteúdo normativo e a apropriação da natureza” (Idem).

Marc Bloch, em uma análise sobre o individualismo agrário da França, no século XVIII, trata do conservacionismo e do individualismo agrário vigentes na França oitocentista como uma tradução de “antagonismos de grupos econômicos” e a “oposição de concepções eminentemente diferentes” (apud SILVA, 1997, p. 212). Segundo Bloch, a ocupação do território, do campo, francês “foi bem mais obra de alguns poderosos, cujos interesses se opunham duramente tanto às tradições quanto às necessidades da massa camponesa, do que das comunidades de trabalhadores” (apud SILVA, 1997, 212). Diferentemente desse cenário, comum à historiografia, seja ela tradicional e/ou da nouvelle histoire e/ou historicamente materialista, Várzea Nova tem sua ocupação baseada na dificuldade campesina pastoril dos criadores de gado, no início do século XX (meados da primeira década), do interior baiano, e na fuga ocasionada por uma epidemia de sezão (malária) que acometia as localidades vizinhas, especialmente o município de Morro do Chapéu, que, à época, tinha grande extensão territorial.

Conforme relato do Senhor Manoel José Botafogo, segundo morador, com sua família, das margens da nova várzea (lagoa) relacionada, em 1913, “o velho Zacarias [Domingos de Jesus], vindo da Fazenda Cercadinho [localizada] em Morro do Chapéu, segundo disse alguns vaqueiros, que não trabalhavam para ele, saiu em busca de uma lagoa avistada nas proximidades de onde ele estava”³¹, que serviria de pasto para sua criação de gado e de abrigo da praga, por causa do distanciamento. Iniciou, então, o processo de posse e povoamento da região, logo seguida por terceiros de conhecimento da família Domingos de Jesus, a exemplo, da chefiada por Manoel Botafogo, em meados da década de 1920.

Com uma vegetação virgem e uma incidência maior de chuvas, gerando, com isso, muitas fontes de água potável, o Sr. Zacarias Domingos de Jesus viu, no local, a possibilidade de sedentarização e, nesse propósito, iniciou a perfuração de cacimbas pelos arredores; dessas, uma das mais abundantes em água (até os dias atuais utilizada pela comunidade atual) recebeu o nome de sua segunda esposa: cacimba de “Dona Generosa”. Esse “empreendedorismo” do velho Zacarias chamou a atenção de outras pessoas que utilizavam a região para deslocamento entre as [já] cidades de Morro do Chapéu e Jacobina. Isso promoveu a curiosidade e o deslocamento de cidadãos para o território onde compravam e/ou ganhavam do senhor Zacarias pequenos lotes de terra para a produção, pastoreio e manutenção do espaço e de seus grupos familiares.

Nessa perspectiva, o texto de Silva e sua “história das paisagens”, auxilia compreensão dessa dinâmica de assenhoreamento de terras, fato evidente à causa em análise:

Da mesma forma, as regras de apossamento das terras, lançando sobre a terra as diferenças sociais, configuram largamente a aparência dos campos e pastos. Parcelas, cercados, campos homogêneos e áreas comunais – tudo depende das regras admitidas ou impostas pelo/ao grupo. O afastamento do gado do litoral, a formação de grandes fazendas nos sertões, a abertura de invernadas e a formação de feiras – estruturas típicas da paisagem colonial brasileira – estavam inscritos nas práticas econômicas, mas sancionadas pela lei. O papel da cerca, o uso de cacimbas e a formação dos

³¹Depoimento de, Manoel José Botafogo (01/01/1916 – 29/04/2011), gravado em 22 de Agosto de 2009.

pastos no sertão são regulados, no século XIX, pelos códigos de postura (1997, p. 213).

Ainda segundo Francisco Carlos Teixeira da Silva, seguindo tal exemplo, a paisagem urbana segue esse mesmo paradigma de construção a partir de normas, incluindo seus projetos modernos e os critérios de zoneamento, ou seja, a construção de sua paisagem urbana. Para Silva, “são as tensões e os enfrentamentos sociais e políticos, e não os critérios de funcionalidade, que definem projetos e sua implementação” (1997, p. 213). O caso de Várzea Nova surge como uma ruptura dessa perspectiva, haja vista que foram exatamente os critérios de funcionalidade, e não as tensões e enfrentamentos, ao menos em sua fase germinal conforme as narrativas de longa duração presentes no cotidiano da população local, que conduziram à construção de seu projeto urbano e crescimento demográfico.

Nesse contexto, Juliana Guedes foi venturosa em sua abordagem (interpretando Milton Santos),

Em função disto ele [Milton Santos] sugere aos geógrafos que se voltem para o levantamento da história das mudanças dos lugares ao longo do tempo, provocadas pela disseminação de um ou mais fatores de modernização, os quais devem ser selecionados pelo critério de dimensionalidade, o que implica um artifício analítico na busca de uma maior operacionalidade, de uma maior manejabilidade.³²

Partindo dessa análise de direito, o pequeno aglomerado de pessoas iniciou seu processo de comunidade, transformando-se, inclusive, em um pequeno centro comercial (feira) para os povoados já existentes na circunvizinhança, o que favoreceu, além dos benefícios já observados, um desenvolvimento favorável à sua pretensão de provável vila e povoado local.

3.3 Os dados da tecnologia

Conforme observado, associados o espaço físico e o direito, passa-se a evidenciar contornos exatos da paisagem pesquisada para, com isso, identificar as mutações e/ou permanências passíveis àquela realidade que

³² GUEDES, Juliana. Geografia. Histórica e Gênero: uma aproximação do programa de Milton Santos ao de Carolyn Merchant. p. 5. Disponível em Disponível em: <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiahistorica/04.pdf>. Acesso: 15 ago 2014.

colaboram com a vigência do objeto. No caso da cidade de Várzea Nova, especificamente, as transformações formam o núcleo norteador da análise. Apesar da preservação dessa identidade pastoril e comercial, de ligação entre dois importantes centros urbanos – Morro do Chapéu e Jacobina – a comunidade passou por fortes mudanças que foram o veículo condutor de sua autonomia e identidade regional.

Nessa relação, os processos técnicos foram imprescindíveis à otimização da realidade sertaneja e sua conjectura progressista rumo à sustentabilidade. Afinal, “a aplicação destas técnicas sobre os recursos naturais promove um incessante processo de mudanças e alterações na natureza que, longe de permanecer imóvel, evolui, com ritmos diferentes e em direções diferentes” (SILVA, 1997, p. 213).

Os recursos técnicos que devem ser aplicados à satisfação da empreitada da população local começam, como desde os tempos primevos, no fogo e em sua capacidade de transformação de paisagens: o “fogo como instrumental eficiente de destocamento, da capacidade de remover pedras e entulhos” (SILVA, 1997, p. 214). Alheio a essa obviedade e/ou a ela associada, chama nossa atenção a utilização de instrumentos – como o “arado e a charrua de rodas” – que, como na Europa, durante a fase de transição medieval à modernidade, foram fatores fundamentais de configuração da paisagem local. Sobre isso, “um exemplo clássico é a análise de Roger Dion acerca dos sistemas de cultivo na França do Antigo Regime, com os campos largos da charrua dominando a paisagem do norte” (SILVA, 1997, p. 214).

O uso da energia era animal, o que de igual modo, como é de supor, faz dessa experiência algo comum a todas as localidades de outrora.

Desse modo, interessa-nos os fatores particulares da comunidade de Vaze Nova (como era chamado o local por seus contemporâneos). Assim sendo, a construção da estrada que liga os municípios de Morro do Chapéu a Jacobina (passando por Várzea Nova), em meados da década de 40 – a BA 426 – surgiu como um dado técnico extremamente eficaz no desenvolvimento do vilarejo, afinal, favoreceu o escoamento produtivo de importantes cidades produtoras de grãos, como Irecê, potencializou o fluxo de veículos e tornou-se vitrine para os que tinham aquele trajeto como necessário a seu deslocamento. Anteriormente, o que ligava a cidade de Várzea Nova a Morro do Chapéu era

uma estrada vicinal que tinha, como ponto de saída, a atual Avenida Presidente Médici (ainda hoje conhecida como Rua do Morro). Esse mecanismo foi de grande importância para o crescimento local.

Durante o processo de ocupação (que veremos a seguir, com os dados da demografia), a chegada de famílias, especialmente da cidade de Miguel Calmon, que professavam a fé calvinista – Igreja Presbiteriana do Brasil – juntava-se a outras famílias de origem religiosa ortodoxa católica e conviviam, em harmonia, em uma comunidade com desafios comuns, inclusive de manutenção econômica da população.

Esse cenário católico/calvinista favoreceu o interesse ministerial da Igreja Presbiteriana (discutido no primeiro capítulo desta dissertação) e de ministros do evangelho de igrejas já estabelecidas e consolidadas na região baiana, a saber, nos municípios de Campo Formoso, Ponte Nova (atual Wagner), Miguel Calmon e Jacobina. Nesta última, destaca-se a presença do Reverendo Otacílio Alcântara, personagem importante nos desígnios econômicos da jovem Várzea Nova.

Figura 3 - Rev. Otacílio Alcântara em momento de culto na Igreja presbiteriana de Várzea Nova



Fonte: Igreja Prebiteriana de Várzea Nova – acervo da Instituição.

Foi através da percepção do Rev. Otacílio que o sisal se constituiu como a principal engrenagem econômica de sustentação local. Tendo o ethos calvinista como cerne da fé que professara, o missionário percebeu a adequação do agave às condições de solo e clima da região para o plantio e desenvolvimento daquela cultura e, conseqüentemente, para a conquista de independência econômica para uma comunidade que surgia e pretendia ser autônoma. Desse modo, a agaveicultura, através de mudas transportadas, provavelmente em meados da década de 1950, pelo reverendo, da Paraíba, surgiu como uma alternativa viável no processo de consolidação do local, mediante suas características de adaptação àquela realidade – semiárida –, além de ela demandar investimentos baixos para sua infiltração e satisfatória rentabilidade. Desse modo, observa-se que o sisal tornou-se um aliado à esperança desenvolvimentista da região – investimentos ligados à agaveicultura, como novas áreas de plantio, usinas, aplicações secundárias, tais como postos de combustível e novos comerciantes para o atendimento das necessidades advindas da máquina econômica impulsionada pela cultura sisaleira.

Nesse contexto, Juliana Guedes cita Milton Santos, que, segundo a pesquisadora, oferece as seguintes contribuições:

Como, porém, as inovações são difundidas no espaço? Quais são os modelos que lidam com, para usar uma frase consagrada, “ondas de difusão”? Como estas ondas abrem brechas através do espaço? E, chama atenção para dois tipos gerais de difusão: a realocização associada a migração de um objeto de um ponto para outro e a expansão vinculado a difusão de objetos para outros pontos do espaço (SANTOS apud GUEDES, 1978, p. 56).

Continuando, segundo Guedes, para Milton Santos “as regularidades tanto da realocização quanto da expansão não serão encontradas a priori, mas emergirão de um processo progressivo de redução, no qual as qualidades individuais darão lugar às qualidades tidas em comum” (SANTOS apud GUEDES, 1978, p. 56).

Naquele cenário de recolocação, podemos destacar como fator primordial ao processo emancipatório de Várzea Nova, a chegada do agave³³ (sisal) para a localidade.

Figura 4 - O sisal: plantação, planta pós-transformação e resideiros em trabalho no campo de sisal



Fonte: Acervo do página on-line Várzea Nova – BA. Disponível em <https://www.facebook.com/varzea.nova?fref=ts>, acesso em 03/03/2015.

Conforme atenta o pesquisador local, Adailton Morais³⁴ a agaveicultura agrega uma série de benefícios fundamentais à manutenção de uma realidade com escassez de possibilidade de auto-sustentação. Vejamos:

- a) É fonte de ocupação de mão-de-obra. O cultivo do sisal desde o plantio até a colheita, o corte das folhas, e o beneficiamento da fibra emprega um grande número de trabalhadores.
- b) É fonte de renda para a população pobre, a grande maioria no sertão, uma vez que não exige um capital inicial alto, podendo a atividade, expandir-se facilmente;

³³Planta perene, herbácea, quase acaule, semi-xerófita, nativa de regiões semi-áridas do hemisfério ocidental. O sisal cultivado no Brasil é a espécie *Agave SisalanaPerrine*, uma monocotiledônea da família das *Agavaceae*, de origem mexicana

³⁴Mestre em Ecologia, Ambiente e Território, pela Faculdade de Ciências, da Universidade do Porto, Portugal, possui Licenciatura Plena em Geografia, pela Universidade do Estado da Bahia, e Pós-graduação em Gestão Ambiental, pela Universidade Salgado de Oliveira. Artigo de conclusão da especialização: “**A agaveicultura no município de Várzea Nova: entraves e possibilidades**”.

c) É um fator muito importante para fixação do homem no campo. O sisal é cultivado na grande maioria das vezes em inúmeras famílias do sertão;

d) É um dos principais produtos agrícolas de exportação do Nordeste brasileiro gerando divisas e ajudando a equilibrar o câmbio;

e) A fibra do sisal é considerada uma das mais duras e resistentes fibras vegetais e não-poluente em seu processo de produção. Constitui-se, portanto, numa alternativa ao uso, pelas indústrias, de fibras sintéticas poluentes numa época em que a preocupação com o meio ambiente é decisiva.

f) Não exige alta qualificação da mão-de-obra por isso absorve o máximo possível de trabalhadores por campo de cultivo;

g) É fonte de ocupação no período da entressafra quando a mão-de-obra empregada no cultivo de lavouras mais tradicionais (feijão, milho, mamona, etc.) está ociosa por causa das estiagens.

h) Evita a desertificação do solo uma vez que o protege contra a formação de ravinas e a lixiviação do mesmo em épocas de trovoadas. Os resíduos do processo de desfibramento espalhados no solo, devolvem a este os nutrientes retirados pelas plantas evitando o seu empobrecimento (MORAIS, 2008, p. 12).

Somadas, em especial, a construção da BA 426 com o plantio do sisal, Várzea Nova começou a adquirir status de desenvolvimento e a atrair a atenção de investimentos públicos (por pertencer, como distrito, à cidade de Jacobina) e privados, especialmente de migrantes do Norte, que trataram de capitalizar o sisal local.

Diante disso, conclui-se que “é fundamental perceber, para além da visão funcionalista do progresso, as contradições e os efeitos aleatórios de alterações técnicas no processo de trabalho e seus reflexos, desejados ou não, sobre a paisagem” (SILVA, 1997, p. 214).

3.4 Os dados da demografia

Várzea Nova surgiu, no cenário sertanejo baiano, em um contexto histórico de fluxo migratório do Nordeste para outras regiões do país, o que caracterizou fortemente tanto a história do povo sertanejo, durante todo o século XX, quanto, obviamente, a densidade demográfica. Em tal cenário,

podemos destacar as dificuldades vivenciadas: o enfrentamento das questões climáticas associadas à economia agropastoril; a velha política dos coronéis e o oligarquismo dela advinda; os ciclos econômicos de diversas regiões do Brasil, em momentos distintos da história, a saber, o ciclo da borracha (fim do século XIX e início do XX – repetido na década de 1940 com a Segunda Guerra Mundial) e a corrida pelo ouro (final da década de 1970 e início da de 1980), ambas no Norte, o crescimento industrial da região Sudeste (década de 1950 até a de 1980) e as oportunidades vislumbradas nesse novo ciclo, bem como a construção de Brasília (final da década de 1950 e início da de 1960) e a expansão da fronteira agrícola nas regiões Centro-Oeste e Norte. Conforme apontou Milton Santos,

o espaço reproduz a totalidade através das transformações determinadas pela sociedade, modos de produção, distribuição da população, entre outras necessidades, desempenham funções evolutivas na formação econômica e social, influencia na sua construção e também é influenciado nas demais estruturas de modo que torna um componente fundamental da totalidade social e de seus movimentos (SANTOS, 1978, p. XX).

Paralela a essa moldura, no interior baiano, ao norte da Chapada Diamantina, Várzea Nova brotou, desenvolveu-se e se consolidou.

A ocupação do seu território ocorreu desde a chegada do Senhor Zacarias, no final da primeira década do século XX, e se desenvolveu durante a década de 1950, a partir da incursão presbiteriana no território e de sua ética capitalista, que auxilia no desenvolvimento local exercendo influências de ordem social e econômica e, portanto, também demográfica.

Para entender o enfoque nessa temática, recorreremos a Scheila de Castro Faria e sua “História da família e demografia histórica”, obra na qual aborda a necessidade de utilização desses dados para se obter uma maior compreensão acerca de análise histórica mais geral sobre determinada temática.

Se é certo que a demografia, por um longo tempo, foi criticada pelo enfoque excessivamente empírico, não se pode negar que a partir dela se pôde fugir das abordagens ensaísticas, tão comuns em estudos anteriores. Consolidaram-se saberes e novos temas que, mesmo não tendo a demografia como dado central, dela fazem uso como pano de fundo para formar

quadros explicativos mais gerais (FARIA In CARDOSO; VAINFAS, 1979, p. 241).

Para este estudo é necessário deixar evidente a escassez de fontes e dados datados à época, especialmente devido à inexistência de organização de memória e possibilidades financeiras para guardar esses dados em arquivos centrais, o que facilitaria o trabalho do pesquisador, tanto em jovens cidades, como Várzea Nova, quanto até em grandes centros urbanos, com exceção da capital paulista. Segundo Faria, a demografia histórica nordestina foi prescindida por uma análise mais ao Sul do território nacional.

Percebe-se, entretanto, uma centralização das pesquisas no sudeste e sul do país, mais contemplados com estudos do que, por exemplo, a região nordestina, indiscutivelmente a principal área econômica do período colonial brasileiro. (...) Inexistem, entretanto, pesquisas utilizando fontes seriais para Pernambuco e Bahia, por exemplo, áreas de ponta da economia colonial, entre os séculos XVI e XVII (FARIA In CARDOSO; VAINFAS, 1979, p. 254-255).

A temática foi abordada, neste trabalho, a fim de evidenciar que, após a chegada presbiteriana na realidade da caatinga sertaneja baiana, o contingente numérico teve especial crescimento (não há informações quantitativas de população nesse período). O advento da nova fé naquele solo possibilitou a chegada de famílias de lugarejos circunvizinhos que já a professavam e/ou se converteram pelo discurso do Rev. Otacílio. No interior daquelas famílias, a exemplo do lar do velho Zacarias, houve conversões, como, por exemplo, a de seu filho, João Domingos de Jesus que, juntamente com sua descendência, foi membro comungante da IPB de Várzea Nova até sua morte (1997). Numerosas famílias migraram para a região levando consigo o germe do calvinismo, em seus aspectos espirituais e burgueses, e trazendo na bagagem possibilidades de progressão, efetivadas em sua aplicabilidade naquele cenário que, então, se apresentava promissor.

Análoga a esses eventos religiosos, a agaveicultura foi responsável, também, pelo crescimento demográfico de Várzea Nova. Uma vez que, atentos às contingências econômicas do sisal e seus derivados, ela ocasionou um quantitativo considerável de cidadãos que tinham suas esperanças renovadas no trabalho no campo sisaleiro, desde resideiros a comerciantes da fibra.

A região começa a receber muitos visitantes à busca de trabalho, sendo que a maioria deles eram “nortistas” vindo de estados como Pernambuco, Paraíba, Ceará, entre outros. Estes novos moradores trouxeram em seu bojo um novo ânimo para o povoado. Assim, entre a população, se perpetua a ideia de uma Várzea Nova como cidade. O sentimento geral de autonomia se expande e, com ela, a vontade de crescer, de produzir, de investir. Um novo desafio será enfrentado, e posteriormente vencido pela população varzeanovense, sua emancipação político-administrativa.

Desse modo, concluímos a análise dessas informações, pautadas em narrativas de longa duração da memória local, conforme afirmado anteriormente, levando em consideração que “para o historiador é fundamental perceber, para além da visão funcionalista do progresso, as contradições e os efeitos aleatórios de alterações técnicas no processo de trabalho e seus reflexos, desejados ou não, sobre a paisagem” (Ibdem, p. 214).

3.5 Os dados da sociologia

Os dados sociológicos, no decorrer do tempo, serviram como aporte para a compreensão histórica no que diz respeito à análise de processos móveis nas sociedades ao longo do tempo, tais como a formação de Estados, as revoluções sociais, a dinâmica econômica, bem como as desigualdades sociais, raciais, questões de gênero e produção cultural. Atualmente, associados a todos esses aspectos necessários ao exame da historicidade, podemos indicar que a sociologia histórica é uma abordagem centrada temporalmente na vida social e seus processos de mudança e reprodução.

Em Várzea Nova pode-se verificar, na demanda temporal que incide sobre aquele espaço, a ação humana e suas alterações no contexto da paisagem física e na configuração de sua organização social. Ora, conforme os dados sociológicos nos levam a perceber, essa coesão social é regida por uma organização que propicia sua unidade.

As decisões que incidem largamente sobre a paisagem – como o povoamento, a incorporação de novas técnicas ou a imposição de normas – dependem da existência de um centro de poder, de hierarquias sociais eficazes, em suma, de

capacidade de coerção(SILVA In CARDOSO; VAINFAS, 1979, p. 215).

O senhor Zacarias Domingos de Jesus exercia uma espécie de patronato sobre a incidência territorial até o paulatino processo de adaptação e configuração social da área. Com o passar do tempo, e com a morte do velho Zacarias, as decisões advinham de homens mais experientes que compartilhavam opiniões e conjecturavam as melhorias para a comunidade. Dentre essas lideranças alguns chegaram a ocupar cargos eletivos na câmara municipal de Jacobina (cidade sede do povoado de Várzea Nova), até 1985, como os Srs. Ariobaldo Oliveira, Arthur Galdino de Oliveira e João Aureliano Gomes, a filha deste último, inclusive, foi eleita a primeira prefeita do município, em 1985; constam, também, como lideranças políticas no período, o Sr. Manoel Silvestre de Oliveira, Prof. Lourival Martins (Jacobina) e Prof. Joel Alves Ferreira. Na época (década de 1970), Flávio Mesquita era o prefeito da cidade de Jacobina.

Contudo, a sociologia do município de Várzea Nova não se restringe apenas às questões políticas. Os códigos de postura, por exemplo, moldaram a paisagem local, bem como suas feiras e comercialização, as fontes utilizadas para a execução de atividades diárias etc. Na sociedade varzeanovense se expandiu e (re)produziu uma identidade tal que acabou por lhe conferir um status organizacional que culminou em sua autonomia política, conquistada em 25 de Fevereiro de 1985.

Várzea Nova tem seu escopo social baseado em uma hierarquia política assentada em uma relação patronal, e até paternalista, representada por esse grupo de cidadãos, e devida, também, às funções religiosas e suas influências na comunidade: da Igreja Católica, já estabelecida na cidade, com uma capela centralizada e um centro de ensino paroquial, através e, principalmente, do padre Alfredo Hasler, e de pastores presbiterianos, além do já citado Otacílio Alcântara, como foi o caso posterior, em especial, do reverendo Edmundo Isidoro dos Santos. Tais líderes, a partir desse estabelecimento religioso durante a década de 1950, tinham uma influência muito grande nas decisões políticas e sociais da região (diz-se região, uma vez que oriundos da cidade de Jacobina exerciam um ministério regional).

A efervescência cultural de metrópoles regionais influenciou a cultura na cidade de Várzea Nova projetando nomes que até os dias atuais são lembrados pelas contribuições culturais à cidade, a saber, Olinésio da Silva, fundador do primeiro e único (não mais existente) cinema e da casa de espetáculos de lazer e espaço cultural “A Cinderela”; Oldack Lopes Rios, responsável pela tradição junina (São João, única e principal festividade popular até o presente momento) e a queima do Judas, no sábado de Aleluia; e a Prof^a Elisabete Gomes com seu baile de máscaras, realizado durante o carnaval em salão exclusivo, de acesso restrito a convidados; isso para destacar os mais representativos e celebrados nomes no cenário cultural do local na época: as décadas de 1960 a 1980.

Faz-se necessário observar que o caráter desses festejos era sagrado e profano. Sagrado devido às datas e alusão cristã que identifica esse tipo de celebração e pela interferência religiosa, especialmente do catolicismo, com quermesses paralelas à festividade profana (que geralmente tinham o objetivo de angariar fundos para manutenção da Igreja), essa última, com apoio público dos órgãos competentes de fomento cultural, e lazer. A igreja Presbiteriana tem em seu calendário festivo, além da principal, a saber, o aniversário da Igreja (14 de Agosto de 1982), os cultos em memória à semana santa e as dramatizações natalinas, em Dezembro.

Esse desenho sociológico aplicado à pesquisa permite compreender que a singularidade histórica da cidade de Várzea Nova se entrelaça a outras realidades no decorrer de sua historicidade, produzindo, na identidade do seu povo, uma pluralidade capaz de gerar situações que favorecem a criação e reprodução de novos modelos civilizatórios.

Com o auxílio da teoria de tipos ideais e domínios sociais de Max Weber, em “Economia e sociedade”, passamos a compreender os valores, interesses, emoções e tradições que, no contexto empírico da formação social de Várzea Nova, proporcionaram sentido às pessoas e formularam a base de sua formação. Pois, conforme atenta Kalberg, em seus estudos sobre Weber, esses tipos ideais e os modelos de domínios sociais,

ajudam os sociólogos [e pesquisadores] a compreenderem de que maneira uma vasta diversidade de ações sociais pode se tornar subjetivamente significativa para as pessoas (...)

facilitam a compreensão contextual da ação social (KALBERG, 2010, p. 67).

Weber apresenta três princípios de legitimação do poder: o racional-legal, tradicional e/ou carismático. Várzea Nova apresenta, em seu processo de identificação e consolidação, um exercício de dominação que se apresenta, inicialmente, como tradicional, afinal, o senhor Zacarias Domingos de Jesus encontrou a terra e, tal fato, por si só, conferia-lhe o “domínio” da situação e decisões locais, logo depois compartilhadas por terceiros que, seguindo a ordem de chegada, herdavam esse exercício de liderança sobre o pequeno grupo de famílias; nesse caso, destacou-se o senhor Manoel Botafogo. Posteriormente, já identificados como comunidade, entre as décadas de 1950 e 1970, o poder carismático se apresentava, ora pela interferência protestante do Rev. Otacílio Alcântara em seu processo de auto-sustentação econômica e poder aglutinador de pessoas, ora pelo Pe. Alfredo Hasler quando da influência eclesial sobre as questões seculares e pastorais assistencialistas.

Figura 5 - Padre Alfredo Haasler



Fonte: Acervo do página on-line do Jornal Primeira Página, da cidade de Jacobina – BA. Disponível em < <http://www.jornalprimeirapagina.com.br/edicao762/padre.htm>>, acesso em 04/03/2015.

Em fins da década de 1970, o poder racional, ou legal (não abdicando da influência dos mais velhos, tampouco dos religiosos) surgiu como elemento de legalidade e organização burocrática na definição dos rumos do povoado, então já desenvolvido em suas esferas econômicas e políticas, através de representatividade legislativa (conforme já citado anteriormente) na Câmara Municipal de Jacobina, até a sua emancipação política, ocorrida na década seguinte.

Assim, em uma livre interpretação de Weber, a sociedade e suas estruturas não são realidades estáticas, mas, realidades criadas pelos próprios homens, que lhes conferem sentido (Weber, 2002b, p. 225 – 249). Diante do exposto, verifica-se que, o sociólogo alemão, não caiu em uma simplificação reducionista, na medida que, para ele, foram as condições histórico-estruturais particulares que motivaram, individualmente, os homens às suas alternativas e escolhas, produzindo, no caso de Várzea Nova, o desenvolvimento e formação social necessários à sua subsistência.

Os significados, as expectativas e os comportamentos dos agentes construtores da cidade de Várzea Nova possibilitaram a compreensão histórica de seu modo de vida, permitindo sua interpretação de compartilhamento e constructo social. Associa-se esse cotidiano ao pensamento de Bourdieu quando enuncia o habitus como um “princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas” (2005, p. 21 a 22), na estabilidade da comunidade.

O conjunto cultural da sociedade varzeanovense, especialmente sua conjectura religiosa através da dinâmica comunitária, sua práxis social, símbolos e artefatos, produziu um operar humano sinalizador de marcas que formam o caráter coletivo e favorecem significados às crenças, instituições e ações humanas plurais, permitindo a interpretação e tradução de sua sui generis paisagem cultural, lhe permitindo autonomia e identidade.

O esboço apresentado, quanto aos dados citados anteriormente, serve como apresentação do cenário estudado, possibilitando uma percepção nítida do panorama histórico/cultural varzeanovense, desde seus aspectos físicos geográficos até sua construção social, e sua subsistência ocasionada a partir da incursão presbiteriana em seu território. Esse arranjo transdisciplinar é, em

conformidade à corrente historiográfica francesa do século XX, fator de distinção dos fatos para, dialeticamente, sintetizá-los na organicidade de sua realidade.

Apesar da ideologia cristã do Sr. Zacarias Domingos de Jesus, identificado anteriormente, a saber, Católica Apostólica Romana, a Igreja Presbiteriana exerce uma importante influência na vida da família pioneira varzeanovense e, aglutinando pessoas, intensificando o comércio local e unindo-se, posteriormente, ao catolicismo, através do padre austríaco cisterciense Alfredo Haasler, que exercia grande influência no território sertanejo baiano, tendo nas comunidades rurais onde atuava uma influência maior que a do Estado, possibilitou, dessa união, o desenvolvimento local e, posteriormente, a elevação de Várzea Nova, a Vila. Essa realidade, de aproximação entre o padre e o reverendo, pode ser observado, possivelmente e especialmente, como resultado do Concílio Vaticano II, onde a Igreja Romana deu início ao processo de aproximação entre as igrejas cristãs.

A década de 1960 foi profundamente marcada, no âmbito da Igreja, pelas mudanças no seu modelo eclesial, efetuadas a partir da renovação proposta pelas decisões do Concílio Vaticano II, realizado entre 1962 e 1965. Tal Concílio definiu a Igreja como povo de Deus, significando essa definição um alargamento na sua forma de perceber-se, pois, na concepção do modelo eclesial anterior, o do Concílio de Trento (1545 – 1563), a Igreja era considerada uma sociedade perfeita, segregada, restrita aos seus quadros hierárquicos (CABRAL, 2008, p. 17).

Partindo do princípio missionário de propaganda da fé calvinista no interior baiano, o Rev. Otacílio Alcântara, então pastor da Igreja Presbiteriana da cidade de Jacobina, em 1951, em visita à família Domingos de Jesus, fundadora do povoado, vê, no território, uma alternativa de ponto de pregação da doutrina presbiteriana. Imbuídos de uma euforia promovida pela ascensão calvinista no estado da Bahia, em especial na cidade de Ponte Nova (atualmente, Wagner), bem como na região de Campo Formoso. Várzea Nova se apresenta como território propício à evangelização. Ora, Por ser uma jovem localidade, virgem de influências proselitistas e sem o pastoreio romano³⁵, a

³⁵ “O serviço religioso [no sertão da Bahia], de tempos em tempos, para desobrigar, esteve restrito à administração dos sacramentos que por um lado massificou o crente sem respeitar-

perspicácia missionária de Otacílio Alcântara encontra possibilidades de ação efetiva da doutrina presbiteriana no local. Seguindo o raciocínio propagandista missionário, após inúmeras visitas à localidade, inicia a formação da congregação presbiteriana naquele lugar e desenvolve as bases de uma fé que a posteriori, possibilitará a ação política e econômica no seu devir.

A persistência missionária do Rev. Otacílio Alcântara culminou em conversões suficientemente importantes para os fins objetivados de solidificação da raiz presbiteriana dentre os membros da localidade em processo organizacional. Embora todas essas conversões ocorressem de maneira indiscriminada, o perfil dos primeiros conversos demonstra que a sua grande maioria encontrava-se nos segmentos de influência comunitária nos pequenos segmentos médios e “maiores” da sociedade que se formava – pequenos comerciantes, novos moradores “ilustres” de cidades circunvizinhas e pequenos proprietários de terras e criadores de gado. Propositadamente, estrategicamente, ou não, fato é que tal contexto serviu para a garantia e credibilidade da Igreja durante seu estabelecimento.

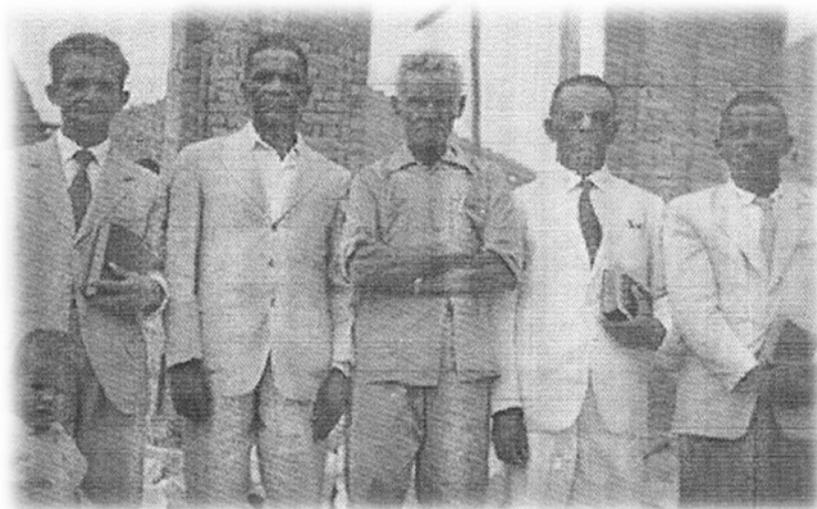
Nesse cenário, em 1954, a chegada da família do Sr. Joaquim Miranda Rios, presbiterianos convictos desde que residia na cidade de Miguel Calmon, unindo-se ao Rev. Otacílio, estabeleceram a doutrina que fundamentalmente formou as bases para o estabelecimento do que seria a Congregação Presbiteriana na vila de Várzea Nova. Tal qual o presbítero Joaquim, outras famílias de cidades, e povoados, da circunvizinhança, juntaram-se às dezenas de adeptos já discipulados pelo Rev. Otacílio, um ponto de pregação é instituído, numa travessa no centro da cidade (entre as atuais praças Otacílio Alcântara e Zacarias Domingos de Jesus, onde hoje funciona um supermercado), e, logo, a congregação se expande e se consolida na região como mote de fé e prática.

Diante desse contexto expansionista do presbiterianismo na localidade, surge no ano de 1960, a necessidade de se construir um templo maior e mais propício à demanda crescente (e ambições futuras) de adeptos locais e regionais.

lhe o acolhimento consciente e livre, e por outro inculcava uma visão de excepcionalidade, de algo prescindível, ainda mesmo nas urgências da morte” (*Costa e Silva In Pinheiro, 2014, p. 90*).

Com a mão de obra de um pedreiro da cidade de Miguel Calmon, em um terreno doado pelo presbítero Joaquim Miranda Rios, inicia-se a construção do templo da Congregação da Igreja Presbiteriana de Várzea Nova, onde até os dias atuais permanece como sede da Igreja – independente da IPB de Jacobina desde 1982. Para a efetivação da obra, segundo relata o presbítero Egídio Martins³⁶ “foram realizados mutirões de fiéis para cavar os alicerces da construção. Pedras eram carregadas em carros de bois da região do tombador [cerca de 60 km de distanciamento], em Jacobina”. Por falta de recursos a construção ficou parada, sendo retomada em 1964. “Ao colocar a pedra fundamental da igreja o Sr. Florisvaldo Martins [irmão do presbítero Egídio] colocou uma moeda, da época, no lado direito do alicerce”, continua o presbítero Egídio Martins.

Figura 6 - Presbíteros no dia da inauguração do templo da IPB de Várzea Nova



Da esquerda para a direita: Joaquim Miranda Rios, Hermoge Ferreira, Maurício Lopes e Manuel Santos.

Fonte: Acervo local da Igreja Presbiteriano de Várzea Nova – BA.

A inauguração da Igreja ocorre uma semana após o fim da obra, no dia 14 de Agosto de 1964. Conforme relatos, e corroborado no registro da ata de inauguração, um quarteto de vozes locais se apresentaram com hinos de louvor e adoração. A esposa do Rev. Otacílio Alcântara, que era professora de música, ensinou e ensaiou o grupo que estaria fazendo as honras de

³⁶ Depoimento do Presbítero Egídio Martins, coletado no dia 22 de Setembro de 2011.

celebração do novo templo. Auxiliados por uma comitiva de irmãos da igreja de Jacobina, foi realizada uma alvorada (costume regional de despertar a comunidade em cortejo, no nascer do dia, com cânticos em datas de importância local, sejam elas religiosas e/ou cívicas), que teve como ponto de partida o antigo ponto presbiteriano congregacional até o novo espaço de culto, nova sede da IPB de Várzea Nova. Desse percurso (de, no máximo, mil metros) chegam ao Templo e, o presbítero da Igreja de Jacobina, o Sr. Moisés corta a fita de inauguração, oficializando a nova casa de oração e de divulgação da mensagem cristã da Igreja Presbiteriana de Várzea Nova. Como pregador preletor oficial da grande noite, o púlpito da nova Igreja foi ocupado pelo ilustre Rev. Basílio Catalá Castro³⁷ da Igreja Presbiteriana de Salvador.

Figura 7 - Atual estrutura do Templo IPB de Várzea Nova



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.

³⁷ Nasceu em Palmeiras, nas Lavras Diamantinas (região central do estado da Bahia), no dia 7 de maio de 1904. Foi ordenado pastor no dia 27 de novembro de 1927 pelo Presbitério Bahia-Sergipe, junto com o colega e amigo Otacílio Alcântara. Iniciou o seu ministério em Ponte Nova, onde também foi professor de português, literatura e história. Em 1933, Basílio fundou a Igreja Presbiteriana do Salvador, junto ao Colégio 2 de Julho, no bairro do Garcia. Foi professor, diretor e capelão do referido colégio, de origem presbiteriana, por cerca de trinta anos. Também foi muito atuante nos concílios da igreja e na imprensa secular. Em 1941, publicou o livro *Cochilos de um Sonhador*, uma resposta ao padre Francisco de Sales Brasil, que havia escrito um libelo contra os protestantes intitulado *Eu Tive um Sonho*. Como parlamentar por dois mandatos na Assembléia Legislativa da Bahia (a partir de 1946), destacou-se pela dignidade de atuação e pela defesa de princípios éticos. Sendo grande orador sacro, foi considerado o príncipe dos pregadores presbiterianos da Bahia. Foi jubulado em 1965, após 37 anos de ministério. Faleceu no Hospital Espanhol, em Salvador, no dia 13 de maio de 1972 (MATTOS, Alderi Souza de. In. Basílio catalã Castro: centenário de seu nascimento. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/7176.html>. Acesso em 20/01/2015).

Com a Igreja inaugurada restava, agora, sua organização administrativa. Foi formada a junta diaconal, tesouraria e professores da escola bíblica dominical, estrutura necessária à organização interna da instituição; porém, a igreja não tinha, ainda, seu próprio pastor. O Rev. Otacílio Alcântara, ao final de todo mês, era responsável pelos atos pastorais, a saber, santa ceia, batizados, casamentos, bênção pastoral, além de todos os atributos de uma liderança religiosa. “Seu meio de transporte era uma burra, em que podemos admirar seus atos de perseverança e amor pelo trabalho do Senhor. O reverendo, que sempre surpreendia a congregação, trouxe ainda um evangelista da cidade de Piritiba (Bahia), cujo nome era Zezé, que por sinal era deficiente visual e pregava, as cartas paulinas, lendo em braile. Comovidos com os esforços empreendidos pelo Rev. Otacílio, presbiterianos norte-americanos doaram uma caminhonete Ford V6 para a eficácia do trabalho evangelizador realizado na região”, conforme no relata o Rev. José Anderson Ramos de Oliveira³⁸.

É importante destacar que, além do Rev. Otacílio Alcântara, outras lideranças religiosas presbiterianas, já consolidadas na região (que abrange, desde a cidade de Campo Formoso, passando por Jacobina, à Morro do Chapéu) formam peças importantes desse processo de “práticas, táticas e estratégias” no posicionamento de destaque da fé calvinista no campo religioso daquele território baiano, em especial, cabe destacar (apesar de não se estender sobre o assunto – esse não é o propósito desse trabalho) o Rev. Edmundo Isidoro, personalidade importante na construção social da cidade de Jacobina (da qual, a Congregação de Várzea Nova era filha). Natural da cidade de Campo Formoso assume o pastoreio da IPB de Jacobina, substituindo o Pastor Otacílio, e, por quase 30 anos, lidera a ação iniciada pelo missionário desbravador, tanto na Igreja mãe, quanto na congregação de Várzea Nova. O destaque a essa figura se dar, especialmente, pela continuidade da ação iniciada pelo Rev. Otacílio na busca de uma posição no campo missionário local, ainda entranhada pela força ortodoxa do catolicismo e sob forte influência do padre Alfredo Haasler.

³⁸ Depoimento do Rev. José Anderson Ramos de Oliveira, coletado no dia 24 de Setembro de 2011.

Desde sua introdução, o presbiterianismo em Várzea Nova recebeu forte adesão pela conversão de número necessário de adeptos oriundos da camada média em formação (incluindo, com isso, apadrinhados dessa gente), indicativo de que a revelação de caráter admoestativo, de conteúdo moral, de preservação e cuidado com o seio familiar, e, conseqüentemente, com a vida prática de seus fiéis, constituía, inequivocamente, uma das principais pautas da mensagem presbiteriana que historicamente manteve esse conectivo entre fé e prática, bem como, o dualismo presente entre bem e mal, verdade e dever, sagrado e secular.

Mais o que uma opinião individual, a fé evangélica se tornava a expressão ideológica de um grupo social bastante forte para se defender e defende-la, e mais, para propagá-la [...] O “corpo protestante” brasileiro que assim se criva teve mais esta circunstância privilegiada de se constituir normalmente à imagem exata de todo o corpo social do país (LÉONARD, 1968, p. 95).

Para os grupos alcançados pela mensagem presbiteriana em Várzea Nova, pertencentes, como já identificados, à classe média e de lideranças locais, representava, dentre outros aspectos além dos religiosos, uma nova orientação de conduta e renovadas perspectivas no campo econômico e social. Ora, a preconização da cultura sisaleira dentro da comunidade, e sua otimização, foi amplamente utilizada em favor desse propósito pelos membros da comunidade religiosa (com maior destaque à família Macêdo), que “apropriando-se” da cultura do sisal, desenvolveu-se e inicia o processo de mercantilização dessa matéria-prima, contribuindo para a formação de uma elite econômica e concentração de renda e terras local.

Esses indivíduos, ora listados anteriormente, lutavam, como ocorria em todo território local, pela sedimentação e ampliação da participação política de Várzea Nova, seu referencial, como personalidades locais, exerceram um importante contributo para o desenvolvimento de todo o conjunto que formava aquela jurisdição e, com isso, sua consolidação como importante centro alternativo regional e posterior independência política.

Cabe reforçar o papel determinante de Otacílio Alcântara no processo de estruturação da comunidade que se formava enquanto precursor dessa máquina econômica da cidade de Várzea Nova. Com essa observação, retornamos ao conceito weberiano de carisma e sua forte influência nos rumos

da economia da localidade destacada nessa análise. Ora, a forma como essa se desenvolve, a partir da comercialização e otimização por parcela da população, seja como proprietária dos mecanismos, seja como mão de obra, reforça o que Weber, em seus Ensaio de Sociologia, aborda no trato das questões relacionadas à disciplina:

É destino do carisma, sempre que chega às instituições permanentes de uma comunidade, dar lugar aos poderes da tradição ou da socialização racional. Esse desaparecimento do carisma local, geralmente, a decrescente importância da ação individual (...) A força da disciplina não só elimina o carisma pessoal como também a organização baseada na honra estamental; pelo menos um dos seus resultados é a transformação racional da estrutura estamental (WEBER, 2002b, p. 177).

Nessa análise, percebe-se a importância da figura promotora do mecanismo e consubstancia sua figura como liderança, quando, de determinado momento, e a partir de sua força disciplinar e de conscientização, consegue proporcionar a autonomia dos envolvidos no condicionamento das condições necessárias ao pleno desenvolvimento dessa cultura, a saber, a cultura do sisal.

O conteúdo da disciplina é apenas a execução da ordem recebida, coerentemente racionalizada, metodicamente treinada, e exata, na qual toda crítica pessoal é incondicionalmente eliminada e o agente se torna um mecanismo preparado exclusivamente para a realização da ordem. Além disso, tal comportamento em relação às ordens é uniforme. Sua qualidade como ação comunal de uma organização de massa condiciona os efeitos específicos dessa uniformidade (ibdem).

O caráter legal, legitimado pela população, da ação carismática do Rev. Otacílio Alcântara, proporciona a ação disciplinar de conduta invariável e coletiva, formando a comunidade a partir desse caráter utilitário da ação econômica e organizacional de desenvolvimento da cidade de Várzea Nova. Essa ação disciplinar (e carismática) não se limita à figura, apenas, do reverendo, mas, politicamente, observa-se na ação pastoral do padre Alfredo e todo seu trabalho social desenvolvidos, diga-se, a partir dessa ação econômica – não se pretende aqui, com essa afirmação, categorizar essa análise como materialista – que assentou os fundamentos de organização cultural do espaço

em estudo. Tal aspecto serviu como dispositivo de autarquia local, possibilitando a ação comum na sistemática organizacional do território.

O que se observa, no decorrer de sua historicidade, nesse contexto, é a ampliação desse aspecto carismático a outros indivíduos que se harmonizam com as características do líder, em todas as esferas sociais, seja em seus aspectos políticos (família Oliveira), econômicos (família Macêdo) e/ou religiosos (família Rios).

O carisma autêntico baseia-se na legitimação do heroísmo pessoal ou da revelação pessoal. Não obstante, precisamente essa qualidade do carisma como poder extraordinário, supranatural, divino, o transforma, depois de sua rotinização, numa fonte adequada para a aquisição legítima de poder sobrenatural pelos sucessores dos heróis carismáticos (idem, p. 183).

A perspectiva ideológica protestante substancia o conceito de autonomia pessoal e de crescimento econômico pelo esforço individual, a perseverança do homem é que contribui pra a mobilidade que denuncia a recompensa e/ou identificação com a eleição. Assim, trabalhando e se esforçando, o indivíduo conseguiria esse status, e, estimulado pela mensagem protestante, o ideal social seria alcançado, a vocação, bem como, a ação carismática e/ou tradicional seriam absorvidas num processo de rotinização e sua práxis logo faria seu natural decurso como agenciador de uma realidade, consubstanciada pela teoria weberiana.

Com essa propaganda, a mensagem presbiteriana alcançava todas as camadas sociais da jovem Várzea Nova.

Reforçando esse conceito, o pastor Jerônimo Gueiros, publicara:

A religião evangélica, da qual disse Rousseau que se não fosse divina merecia sê-lo, é natural protetora dos direitos do homem. Decorativa de sua dignidade, funda-se na liberdade. Prega, aconselha e ordena, o amor, a ordem e a justiça. Uma religião que declara ser o criador, o árbitro e o rei do universo e todos os homens iguais diante dele. Que promete amparo ao fraco e desvalido, castiga o opressor, que declara uma comum origem, uma lei comum e um comum juízo para todos os homens (GUEIROS, Jerônimo. In. GADELHA, Francisco Agileu de Lima. 2008. p. 47).

A partir dessa perspectiva de apreciação crítica, nota-se, evidentemente, o valimento das forças religiosas na germinação do constructo político e

econômico da cidade de Várzea Nova e de suas diretrizes culturais. É importante observar que essa contextualização se deu partindo de observações e constatações empíricas de uma natureza que se desenvolveu, e consolidou-se, como fruto de uma ação religiosa, e desdobrada para as demais esferas de organização, garantindo-lhe sua existência e estabilização como núcleo urbano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Igreja sempre teve uma atuação que incide na política. A Igreja é uma instituição cuja visibilidade, perceptível em suas numerosas organizações, já está no limiar de um terceiro milênio de existência. Tem sabido articular-se, e sobreviver, tem assumido posições diferenciadas face aos conflitos onde tem estado presente. A sua atuação tem sido sempre e em qualquer espaço, uma atuação também política (CABRAL, 2008, p. 35).

Na citação acima, Newton Cabral refere-se especialmente à atuação Católica Romana sob o mundo. Entendemos a importância desta, inclusive, no que se refere à política dentro do espaço da cidade de Várzea Nova – BA. Concluímos esta investigação entendendo que a religião, em todas as suas manifestações, teve um papel protagonista em diversas realidades contemporâneas e, no caso específico da cidade de Várzea Nova, somou-se a atuação da Igreja Presbiteriana, com sua contribuição econômica, na construção de uma cultura que garantiria sua subsistência e possibilidade de existência.

Vivemos uma época de intensos debates religiosos, ou melhor, de realidades que apontam para uma interferência religiosa dentro de inúmeros contextos, sejam de conflitos e/ou da presença humanitária em trabalhos de cunho social em todo o mundo. É perceptível a ação elementar do sagrado interagindo com diversas realidades vigentes. O cientista religioso surge, então, como elemento agregador de análise desse cenário, possibilitando sua inteligibilidade, conferindo-lhe significados e possibilidades de compreensão e atuação nessa contextura.

A Igreja Presbiteriana de Várzea Nova surge como elemento de associação com esse panorama e objeto de análise na perspectiva ontológica de sua gênese e desenvolvimento.

Empreendemos nesse trabalho um exame teórico da realidade da comunidade de Várzea Nova e de sua subsistência a partir da operação efetiva do fenômeno religioso na construção de sua identidade urbana.

Buscamos, no primeiro capítulo, compreender a ética presbiteriana desde seus primórdios em Genebra à sua atuação missionária em terras brasileiras, baianas. Explicamos seus principais conceitos e vias de

aplicabilidade seculares de ação, bem como, seus aspectos analisados, tanto pela óptica weberiana, como pela óptica interna de seus pesquisadores.

No segundo capítulo, esquadrimos a sociologia de Weber, utilizando-a como principal meio analítico de compreensão dos processos que transformaram o projeto comunitário de Várzea Nova numa realidade a partir da ação de seus membros e de suas convicções, inicialmente de subsistência, posteriormente de valores cristãos, reformados, que consolidaram sua identidade e independência política e econômica, quando de sua racionalização, rotinização e secularização.

Por fim, buscamos o escopo da cidade de Várzea Nova. Apresentamos o contexto espacial, seus principais dados identitários e a construção concreta do presbiterianismo local, marcando no seu espaço, atual Praça Otacílio Alcântara, fisicamente, a presença da força religiosa responsável pelo elemento econômico emancipatório da cidade, apelidada de “Princesinha do Sisal”.

A cidade de Várzea Nova – BA, atualmente, segundo dados do último Censo³⁹, conta com uma população de 13.073 pessoas, divididos numa área de 1.192,932 Km² (10,96 habitantes por metro quadrado). É um município com 30 anos de emancipação política, de pequeno porte, tem sua economia baseada, especialmente, na monocultura do sisal como fornecedora de matéria-prima a mercados consumidores desse recurso e dos serviços advindos da administração pública.

Várzea Nova, em sua singularidade, possibilitou o desenvolvimento desse trabalho e garantiu à pesquisa científica um excepcional objeto de análise teórica. Como já citado anteriormente, na introdução dessa análise, nossa proposta decorre da visibilidade de uma ação comunitária e sua conjectura de ação, convergente de um cenário missionário presbiteriano iniciado pelo Reverendo Otacílio Alcântara, associado, à já presente na região, social política romana do Padre Alfredo Haasler e suas consequências políticas, econômicas e sociais para a estruturação da urbanidade da comunidade varzeanovense. Não nos interessa uma descrição factual dos acontecimentos, nos moldes de uma historiografia tradicional, datada e

³⁹ Disponível em <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=293315>> Acesso em: 03 de Março de 2015.

narrativa. Nossa interpretação da realidade de Várzea Nova decorre do exame teórico da ação social que direcionou à sua estabilidade e permanência como núcleo urbano até a presente data.

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; o poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside nos sistemas simbólicos em forma de uma “illocutionary force” mas que se define numa relação determinada, por meio desta, entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença (BOURDIEU, 2012, p. 15).

Concluimos esse trabalho na certeza de ter contribuído com a inteligibilidade da realidade da cidade de Várzea Nova – BA e com a perspectiva de ter, academicamente, possibilitado uma nova interpretação daquele espaço, além da cooperação com novas possibilidades investigativas, tanto do contexto específico identificado, quanto da fenomenologia religiosa dos estudos das Ciências da Religião.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Roberto. Teodicéias em Weber: o sentido das religiões nas sociedades humanas. In: BRANDÃO, Sylvana; (Org.). **História das religiões no Brasil, v. 2**. Recife: Universitária da UFPE, 2002. p. 611-632.
- ALENCAR, Gedeon. **Protestantismo Tupiniquim: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira**. São Paulo: Arte Editorial, 2005.
- ARAÚJO, Luiz Bernardo. **Weber e Habermas: Religião e Razão Moderna**. V. 21. N. 64. Belo Horizonte: Rev. Síntese Nova Fase, 1994.
- BERGUER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985.
- BIÉLER, André. **O pensamento econômico de Calvino**. São Paulo: O Semeador, 1990.
- BLACKFORD, Alexander L. **Sermões escolhidos de Simonton**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- _____. **Os usos sociais da ciência – por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.
- _____. **Razões Práticas**. (7ª ed). Campinas: Papyrus, 2005.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos**. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- CABRAL, Newton Darwin de Andrade. **Onde está o povo, aí está a Igreja?** História e memórias do Seminário Regional do Nordeste II, do Instituto de Teologia do Recife e do Departamento de Pesquisa e Assessoria. Recife: FASA, 2008.
- CABRAL, Newton Darwin de Andrade. Entre falas e silêncios: o trabalho com depoimentos orais em estudos sobre o campo religioso. In: BRANDÃO, Sylvana; MARQUES, Luiz Carlos Luz; CABRAL, Newton Darwin de Andrade; MORAES, Alfredo (Orgs.). **História das religiões no Brasil, v. 5**. Recife: Ed. Bagaço; Universitária da UFPE, 2010. p. 267-288.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier editora, 1997.
- CALVINO, João. **A instituição da Religião Cristã**. São Paulo: UNESP, 2009.

_____. **As Institutas** ou Tratado da Religião Cristã. Vol. III. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1989.

_____. **A Verdadeira Vida Cristã**. São Paulo: Novo Século, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

_____. **Leitura e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

COTTRET, Bernard. **Calvino: la fuerza y la fragilidad**. Madrid: Editorial Complutense, 2002.

DELUMEAU, Jean. **De religiões e homens**. São Paulo: Loyola, 2000.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas: de Maomé à idade das reformas**. Vol. III. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FERREIRA, Júlio Andrade. **História da Igreja Presbiteriana do Brasil**. Vol. 1. Casa Editora Presbiteriana, São Paulo, 1959.

_____. **História da Igreja Presbiteriana do Brasil**. Vol. 2. Casa Editora Presbiteriana, São Paulo, 1959.

FERREIRA, João Cesário Leonel (Org.). **Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro**. São Paulo: Fonte Editorial; Paulinas, 2009.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.

GADELHA, Francisco Agileu de Lima. **A fé moldando comportamentos: História cultural dos presbiterianos de Fortaleza**. 2008. 1v. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

GOMES, Antônio Máspoli de A. **Religião, Educação e Progresso**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000.

GRIJP, Klaus van der. **As igrejas protestantes entre 1930 e 1964**. In: AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus van der. **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: tomo II/3-2: terceira época: 1930-1964**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do Agir Comunicativo 1: Racionalidade da ação e racionalização social**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

_____. **Teoria do Agir Comunicativo 2: sobre a crítica da razão funcionalista**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

HACK, Osvaldo H. **Sementes do Calvinismo no Brasil colonial**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

_____. **Mackenzie College e o ensino superior brasileiro: uma proposta de universidade**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002.

_____. Rev. José Manoel da Conceição: o primeiro pastor presbiteriano brasileiro. In. **José Manoel da Conceição: o primeiro pastor brasileiro**. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2001. Série Colóquios, vol. 4.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 21ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989.

KALBERG, Stephen. **Max Weber: uma introdução**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

KAYPER, Abraham. **Calvinismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

KIDDER, D. P. e FLETCHER, J. C. **O Brasil e os brasileiros: esboço histórico e descritivo**. Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1941.

LAWSON, Steven J. **A arte expositiva de João Calvino**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2010.

LE GOFF, Jacques. **A bolsa e a vida: a usura na Idade Média**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LÉONARD, Émile G. **O protestantismo brasileiro: estudo de Eclesiologia e História Social**. 3. ed. São Paulo: ASTE, 2002.

_____. **O Iluminismo num protestantismo de constituição recente**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1988.

LUCAS, Sean Michel. **O cristão presbiteriano – Convicções, práticas e histórias: uma cartilha sobre a identidade presbiteriana**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

MATOS, Alderi Souza de. **Os pioneiros – presbiterianos do Brasil (1859-1900); missionários, pastores e leigos do Século XIX**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

_____. Origens externas do Presbiterianismo. In: **José Manoel da conceição: o primeiro pastor brasileiro**. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2001. Série Colóquios, vol. 4.

_____. Simonton e as bases do Presbiterianismo no Brasil. In. **Simonton, 140 anos de Brasil**. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2000. Série Colóquios, vol. 3.

MENDONÇA, Antonio Gouveia; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1990.

_____. A inserção do Presbiterianismo no Brasil (1859 – 1910). In. **José Manoel da Conceição: o primeiro pastor brasileiro**. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2001. Série Colóquios, vol. 4.

_____. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

_____. **Evangélicos e pentecostais: um campo religioso em ebulição**. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). **A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil: afirmações de uma área acadêmica**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 251-296.

MONTENEGRO, Antonio Torres; FERNANDES, Tânia Maria (Orgs.). **História Oral: um espaço plural**. Recife: Universitária da UFPE, 2001.

QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria Lígia e OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro de. **Um Toque de Clássicos: Marx, Durkheim e Weber**. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2003.

REILY, Duncan Alexander. **História documental do Protestantismo no Brasil**. 3. ed. São Paulo: ASTE, 2003.

RIBEIRO, Boanerges. **Igreja evangélica e republica brasileira (1889-1930)**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990.

_____. **Protestantismo no Brasil monárquico (1822-1888)**. São Paulo: Pioneira editora, 1973.

_____. **Protestantismo e Cultura Brasileira**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1983.

ROBERTS, W. S. **O sistema presbiteriano**. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

ROLIM, Francisco Rolim. **Max Weber: da tese à crítica à religião**. In: *Religião e Sociedade* 13/2. Petrópolis - RJ: Julho, 1986.

SANTOS, Lyndon de Araújo. **Os sentidos da protestantização na Primeira República brasileira.** In: BRANDÃO, Sylvana; MARQUES, Luiz Carlos Luz; CABRAL, Newton Darwin de Andrade. (Orgs.). **História das religiões no Brasil, v. 4.** Recife: Universitária da UFPE, 2006. p. 169-204.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova.** São Paulo: Hucitec-Edusp, 1978.

SEIXAS, Mariana Ellen Santos. **Igreja Presbiteriana no Brasil e na Bahia: instituição, imprensa e cotidiano.** Salvador, 2011. Dissertação Programa de Pós-Graduação em História social da Universidade Federal da Bahia, 2011.

SIEPIERSKY, Paulo D. **A inserção e expansão do pentecostalismo no Brasil.** In: BRANDÃO, Sylvana; (Org.). **História das religiões no Brasil, v. 2.** Recife: Universitária da UFPE, 2002. p. 541-584.

SILVA, Elizete da. **Cidadãos de outra pátria: Anglicanos e Batistas na Bahia.** Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.

_____. **Protestantismo e representações políticas.** In: BRANDÃO, Sylvana; (Org.). **História das religiões no Brasil, v. 2.** Recife: Universitária da UFPE, 2002. p. 585-610.

SIMONTON, Ashbel Green. **O Diário de Simonton (1852-1866).** 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

TILLICH, Paul. **A Era Protestante.** São Paulo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1992.

WACHHOLZ, Wilhelm. **História e teologia da Reforma.** São Leopoldo – RS: Sinodal, 2010.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Martin Claret, 2002a.

_____. **Ensaio de Sociologia.** Trad. de Waltensir Dutra, revisão técnica de Fernando Henrique Cardoso, introdução de Hans Gerth e C. Wright Mills. Rio de Janeiro: LTC, 2002b.

ZANELA, Diego Carlos. **Filosofia e sociedade: uma Leitura a partir de Habermas.** V. 19. N. 9/10. Goiânia: Rev. Fragmentos de Cultura: Set/Out. 2009.

RELAÇÃO DOS ENTREVISTADOS:

Para os resultados dessa pesquisa, tivemos uma série de conversas e coletas de dados de alguns cidadãos, ora presbiterianos, ora interessados na história local. Nem todos tiveram seus depoimentos extraídos para esse trabalho (exceção aos listados abaixo), mas, foram de fundamental importância para a construção dessa análise, em especial (in memoriam), a saber, Isabel Fraga Rios (esposa do Presbítero Joaquim Miranda Rios, 05 de Novembro de 1911 – 03 de Novembro de 2007), Manoel Fraga Rios (filho do Presbítero Joaquim Miranda Rios, 17 de Fevereiro de 1938 – 23 de Novembro de 1999), Zaqueu Silvestre de Oliveira (04 de Maio de 1953 – 30 de Novembro de 2010).

Manoel José Botafogo – depoimento coletado em 22 de Agosto de 2009.

Manoel José Botafogo, juntamente com sua família, foi a segunda pessoa a compartilhar, junto com o senhor Zacarias Domingos de Jesus, a posse do território e iniciar seu processo de comunidade. Criador de gado, tal qual o velho Zacarias, encontra na localidade o suficiente para sua sedentarização, fixa estadia e se consolida como morador da região. Nascido no dia 01 de Janeiro de 1916, vem a óbito, poucos anos depois de conceder esse depoimento, em 29 de Abril de 2011.

Rev. José Anderson Ramos de Oliveira – depoimento coletado no dia 24 de Setembro de 2011.

Reverendo atual da Igreja Presbiteriana 1º de Maio da cidade de Senhor do Bonfim – BA. Foi membro da Igreja Presbiteriana de Várzea Nova, cidadão local, iniciou seu processo formativo religioso e de fé naquela instituição, sendo enviado, por esta e pelo então presbitério de Campo Formoso – Ba, para sua formação em Bacharelado em Teologia na cidade de Campinas – SP, no Seminário Presbiteriano do Sul. Nasceu em 07 de Setembro de 1979.

Presbítero Egídio Martins – depoimento coletado no dia 22 de Setembro de 2011.

Atualmente é presbítero da Igreja Presbiteriana de Várzea Nova – BA, nasceu em 01 de Setembro de 1956, é um dos mais antigos membros da IPB de Várzea Nova.